

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social**

**Ana Cláudia de Souza Inez**

**“EI LACERDA! SEU GOVERNO É UMA #%\$&\*!”: REPERTÓRIOS  
DE AÇÃO COLETIVA E PERFORMANCE NA DINÂMICA DE AFIRMAÇÃO  
PÚBLICA DO MOVIMENTO FØRA LACERDA**

**Belo Horizonte**

**2016**

Ana Cláudia de Souza Inez

**“EI LACERDA! SEU GOVERNO É UMA #%\$&\*!”: REPERTÓRIOS  
DE AÇÃO COLETIVA E PERFORMANCE NA DINÂMICA DE AFIRMAÇÃO  
PÚBLICA DO MOVIMENTO FØRA LACERDA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação Social

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientador: Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques

Belo Horizonte

2016

301.16 Inez, Ana Claudia de Souza  
I42e “Ei Lacerda! seu governo é uma #%\$&\*!” [manuscrito] :  
2016 repertórios de ação coletiva e performance na dinâmica de  
afirmação pública do Movimento Fora Lacerda / Ana Claudia  
de Souza Inez. - 2016.  
163 f.  
Orientador: Márcio Simeone.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia.

1.Comunicação - Teses. 2. Movimentos sociais – Teses.  
3. Movimento Fora Lacerda. I. Henriques, Márcio Simeone.  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

**“EI LACERDA! SEU GOVERNO É UMA #%\$&\*!”: REPERTÓRIOS DE AÇÃO  
COLETIVA E PERFORMANCE NA DINÂMICA DE AFIRMAÇÃO PÚBLICA  
DO MOVIMENTO FØRA LACERDA”**

**Ana Cláudia de Souza Inez**

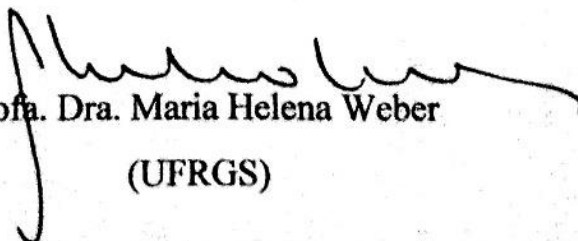
Dissertação de mestrado aprovada pela banca examinadora constituída por:



Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques  
(Orientador - UFMG)



Profa. Dra. Angela Cristina Salgueiro Marques  
(UFMG)



Profa. Dra. Maria Helena Weber  
(UFRGS)

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte, 19 de abril de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Dedico esta pesquisa à minha família, especialmente aos meus pais que sempre me incentivaram a dar meu melhor. À minha mãe, meu exemplo de mulher e de pesquisadora. Ao meu pai, exemplo de honestidade e comprometimento. À minha irmã, companheira fiel de horas de estudo e cúmplice de crimes dietéticos. E ao Herman, meu namorado e melhor amigo – nas horas certas e incertas.

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Márcio Simeone Henriques pelas longas conversas, pelas provocações, pelos momentos de divagações, e também pela amizade, tranquilidade e confiança. Aproveito o ensejo para agradecer aos professores do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais, em especial às professoras Laura Guimarães, Vera França e Regina Helena Silva pelas contribuições a este trabalho.

Sou imensamente grata aos amigos que o mestrado me deu de presente: ao grupo Amigo Lattes (em especial Tuts, Samu, Vivs, Pams, e Gabi), agradeço a vocês pelas horas de desespero e de diversão coletivas – com direito a cafés, vinhos, chocolates e karaokês. Ao grupo de pesquisa Mobiliza, agradeço pelas discussões teóricas, piadas internas e fatias de pizza Rosana da Ponte Furada. Aos amigos amados de longa data (*Old School*, BLS, lindas de CPH, Gatas Genéricas, Família de Caná, e Só a Gente), agradeço a compreensão pelas cervejas, aniversários e churrasco perdidos, e prometo recompensá-los em breve.

Ainda, sou grata aos colaboradores do Movimento Føra Lacerda que fizeram possível esta pesquisa: Carolina Albuquerque, Fidelis Alcântara, Cristiane Lima e Gustavo Bones, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A todos vocês, meu mais sincero obrigada.

## RESUMO

A pesquisa vislumbra a dinâmica mobilizadora do Movimento Fõra Lacerda, formado em 2011 a partir de uma agregação de públicos e atores sociais com causas e interesses em comum em relação às ações controversas da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, durante o primeiro mandato de Márcio Lacerda do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Para tal, o estudo desenvolve um percurso teórico que vislumbra a lógica emergente dos públicos, a perspectiva tática dos repertórios de ação coletiva e a dimensão performática da afirmação pública. Em seguida, apresenta uma análise sobre a forma com que esse público mobilizado se manifesta e se coloca publicamente, durante as três marchas organizadas por seus membros entre 2011 e 2012, a partir de seis elementos da performance. Com isso, pretende-se compreender como esta agregação de sujeitos afetados pela administração municipal postula publicamente suas reivindicações ao planejar eventos permeados por uma dimensão performática. Propõe, então, analisar as ações de comunicação para mobilização social do MFL sob uma perspectiva tática, buscando perceber indícios de seu planejamento e de sua movimentação no intento de ganhar mais visibilidade, legitimidade e influência.

**Palavras-chave:** mobilização social; públicos; comunicação pública; comunicação estratégica; eventos; Movimento Fora Lacerda.

## ABSTRACT

The research envisions the dynamics of mobilization of Movimento Fõra Lacerda, formed in 2011 from an aggregation of publics and social actors with common causes and interests regarding the controversial actions of Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, during the first mandate of Márcio Lacerda from Partido Socialist Brasileiro (PSB). The study develops a theoretical path that discuss the emerging concept of public, the tactical perspective of the repertoires of collective action and the performative dimension of public statement. After that, we present an analysis of the way that this mobilized public manifests and poses itself publicly during the three marches organized by its members between 2011 and 2012, from six elements of performance. Thus, we intend to understand how this aggregation of subjects affected by the municipal administration publicly postulates their claims when organizing events permeated by a performative dimension. Therefore, proposes to analyze the communicative actions for social mobilization of MFL in a tactical perspective , trying to see evidence of your planning and your drive in an attempt to gain more visibility, legitimacy and influence.

**Key-words:** social mobilization; publics; public communication; estrategic communication; events.

*Life itself is a dramatically enacted thing.*

*(Erving Goffman)*



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Convite para o evento “Vá de Branco” .....	20
Figura 2 – Ilustração da rede de atores que constituíram o Føra Lacerda .....	28
Figura 3 – Ilustração da organização interna do MFL em frentes de atuação.....	30
Figura 4 – Primeira arte para materiais gráficos do Movimento Føra Lacerda.....	31
Figura 5 – Arte atual para materiais gráficos e identidade visual do Movimento Føra Lacerda .....	32
Figura 6 – Exemplares de camisa e jornal Movimenta BH com aplicação da nova identidade visual .....	34
Figura 7 – Convite para festa organizada pelo Føra Lacerda .....	34
Figura 8 – Convite para Praia da Estação especial Fora Lacerda.....	35
Figura 9 – “Dia do Prefeito Mentiroso” organizado em 2012.....	35
Figura 10 – Convite para a 1ª Grande Marcha Føra Lacerda em 24 de setembro de 2011 .....	36
Figura 11 – Convite para a 2ª Grande Marcha Føra Lacerda em 12 de dezembro de 2011 .....	36
Figura 12 – Convite para a 3ª Grande Marcha Føra Lacerda em 1º de setembro de 2012 .....	37
Figura 13 – Percurso da 1ª Grande Marcha Føra Lacerda.....	84
Figura 14 – Manifestantes iniciam a caminhada rumo à Prefeitura .....	85
Figura 15 – Cartazes em alusão ao aniversário de Belo Horizonte .....	86
Figura 16 – Percurso da 2ª Grande Marcha Føra Lacerda.....	87
Figura 17 – Assembleia em frente a sede da PBH .....	88
Figura 18 – Percurso da 3ª Grande Marcha Føra Lacerda.....	88
Figura 19 – Convite para a primeira marcha distribuído <i>online</i> e <i>offline</i> .....	90
Figura 20 – Cartazes afixados nos portões da Prefeitura de Belo Horizonte .....	96
Figura 21 – Cartazes em favor da ocupação Dandara .....	97
Figura 22 – Imagem utilizada em vídeo convidando para a 1ª Grande Marcha Føra Lacerda .....	97
Figura 23 – Cartazes ironizam declaração de Márcio Lacerda .....	98
Figura 24 – Cartaz em alusão à Copa do Mundo FIFA 2014.....	98
Figura 25 – Cartaz em favor dos moradores da Rua Musas .....	99
Figura 26 – Faixa pedindo melhorias no metrô de Belo Horizonte.....	99

Figura 27 – Cartaz apresenta trocadilho com o nome de Aécio Neves.....	99
Figura 28 – Cartaz contra a construção da usina de Belo Monte .....	100
Figura 29 – Cartaz em favor das ocupações urbanas.....	100
Figura 30 – Faixa em apoio à ocupação Eliana Silva.....	101
Figura 31 – Cartazes no chão da Praça da Liberdade.....	102
Figura 32 – Manifestante com rosto pintado na 1ª Grande Marcha Fõra Lacerda.....	105
Figura 33 – Manifestante com máscara inspirada no filme V de Vingança.....	105
Figura 34 – Ataúde levado por integrantes do SindGuardas-MG .....	105
Figura 35 – Memorial deixado na entrada da Prefeitura de Belo Horizonte.....	106
Figura 36 – Marcas de mãos nas paredes da Prefeitura de Belo Horizonte .....	107
Figura 37 – Manifestantes lavando as ruas da cidade .....	107
Figura 38 – Banho nas fontes da Praça da Estação .....	108
Figura 39 – Mulher tem rosto pintado durante a 2ª Grande Marcha Fõra Lacerda.....	108
Figura 40 – Homem deitado em ataúde levado pelo SindGuardas - MG.....	109
Figura 41 – Homem fantasiado de mulher durante a terceira marcha.....	109
Figura 42 – Casal fantasiado de palhaço .....	110
Figura 43 – Homem segura boneco caricato .....	110
Figura 44 – Réplica de avião envolto em dinheiro.....	111
Figura 45 – Distribuição de pedaços do bolo de aniversário.....	111
Figura 46 – Jogo de futebol em frente à PBH .....	112
Figura 47 – Manifestantes tocam instrumentos durante a primeira marcha.....	114
Figura 48 – Ciranda na Praça Sete de Setembro .....	115
Figura 49 – Manifestante com megafone em mãos.....	116
Figura 50 – Homem fala ao microfone.....	116
Figura 51 – Faixa à frente dos manifestantes .....	119
Figura 52 – Adesivos colados no relógio da Copa do Mundo FIFA 2014.....	119
Figura 53 – Cartazes afixados na porta da PBH.....	119
Figura 54 – Cartaz utilizando o símbolo da bandeira do Estado de Minas Gerais.....	120
Figura 55 – Estandarte do Movimento Fõra Lacerda .....	120
Figura 56 – Estandartes improvisados com camisas .....	121
Figura 57 – Faixa em favor da ocupação Dandara .....	121
Figura 58 – Lambe-lambes em poste durante a segunda marcha .....	122
Figura 59 – Manifestantes descem a Avenida João Pinheiro .....	122
Figura 60 – Adesivo colado em placa de trânsito durante a terceira marcha .....	123

Figura 61 – Motociclista segura bandeira do MFL .....	123
Figura 62 – Manifestante exhibe cartaz em prol de ocupação urbana.....	123
Figura 63 – Cartaz com os dizeres “Xô Márcio” .....	124
Figura 64 – Faixas a frente da multidão na 3ª Grande Marcha Fora Lacerda .....	124
Figura 65 – Mulher agita toalha laranja para os manifestantes da janela de casa .....	125
Figura 66 – <i>Tweets</i> mencionando positivamente a 1ª Grande Marcha Fora Lacerda...	129
Figura 67 – <i>Tweet</i> em desaprovação à 1ª Grande Marcha Fora Lacerda .....	129
Figura 68 – <i>Tweets</i> positivos mencionando a 2ª Grande Marcha Fora Lacerda.....	131
Figura 69 – <i>Tweet</i> questionando a imprensa mineira com relação à 2ª Grande Marcha Fora Lacerda.....	131
Figura 70 – <i>Tweet</i> a favor de Márcio Lacerda.....	131
Figura 71 – <i>Tweetpic</i> postada em tempo real sobre a 3ª Grande Marcha Fora Lacerda	133
Figura 72 – <i>Tweets</i> em apoio à 3ª Grande Marcha Fora Lacerda.....	133
Figura 73 – <i>Tweet</i> questionando a imprensa mineira com relação à 3ª Grande Marcha Fora Lacerda.....	134
Figura 74 – <i>Tweet</i> do Fora Fora Lacerda ironizando o MFL .....	134

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Modelo de análise.....	82
-----------------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMES-BH – Associação Metropolitana dos Estudantes da grande Belo Horizonte

ANEL – Assembleia Nacional dos Estudantes - Livre!

ASGUM-RMBH – Associação de Guardas Municipais da Região Metropolitana de Belo Horizonte

BDMG – Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais

BH – Belo Horizonte

CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais

CMBH – Câmara Municipal de Belo Horizonte

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

COL – Comitê Organizador Local

COPAC-BH – Comitê Popular dos Atingidos pela Copa 2014 em Belo Horizonte

CSP Conlutas-MG – Central Sindical e Popular da Regional de Minas Gerais

DOM-BH – Diário Oficial do Município de Belo Horizonte

FENET – Federação Nacional dos Estudantes de Ensino Técnico

FIFA – Federação Internacional de Futebol

LGBTTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

MAL – Movimento Anarquista Libertário

MFL – Movimento Føra Lacerda

MLB – Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas

MP – Ministério Público

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

PBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCR – Partido Comunista Revolucionário

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

SindEletro-MG – Sindicato dos Eletricitários de Minas Gerais

SindGuardas-MG – Sindicato dos Guardas Municipais do Estado de Minas Gerais

SindRede-BH – Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte

SindUTE-MG – Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação em Minas Gerais

UJC – União da Juventude Comunista

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 – O MOVIMENTO FØRA LACERDA: UMA AGREGAÇÃO DE ATORES SOCIAIS EM BELO HORIZONTE .....	17
1.1. O contexto sociopolítico precedente ao Movimento Føra Lacerda.....	18
1.2. A configuração do Movimento Føra Lacerda: mobilização de vontades e articulação de causas. ....	21
1.3. Uma organização desorganizada: configuração interna e externa .....	27
1.4. Recursos de comunicação e identidade visual .....	30
CAPÍTULO 2 – PÚBLICOS MOBILIZADOS, EVENTOS PLANEJADOS E PERFORMANCE EM PROJETOS MOBILIZADORES .....	39
2.1. O público: uma modalidade de experiência coletiva.....	40
2.2. A lógica emergente dos públicos e o chamado à ação coletiva.....	44
2.3. A perspectiva tática da mobilização social e os repertórios de ação coletiva .....	49
2.4. A dimensão performática da afirmação pública.....	53
2.4.1. As variáveis de sucesso e os elementos da performance.....	58
2.4.2. O papel da representação e a espetacularização da política .....	60
2.4.3. Os recursos simbólicos na mobilização social .....	63
2.5. A noção de evento aplicada ao processo mobilizador: atos públicos como acontecimentos planejados.....	69
2.6. Eventos planejados enquanto modalidade de afirmação pública .....	72
CAPÍTULO 3 – A DINÂMICA DE AFIRMAÇÃO PÚBLICA EM EVENTOS PLANEJADOS: AS TRÊS GRANDES MARCHAS FØRA LACERDA .....	79
3.1. As Grandes Marchas Føra Lacerda .....	82
3.1.1. Data e trajeto .....	83
3.1.2. Convocação .....	89
3.1.3. Reivindicações .....	95
3.1.4. Dramatizações .....	103
3.1.5. Recursos estéticos .....	113
3.1.6. Reverberação.....	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	136
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	144
APÊNDICE.....	150
Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturada .....	150
ANEXOS.....	152
Anexo A – Manifesto do Movimento Føra Lacerda .....	152

Anexo B – Release sobre a 1ª Marcha Føra Lacerda .....	153
Anexo C – Texto publicado no blog do MFL após a 1ª Grande Marcha .....	156
Anexo D – Texto do <i>flyer</i> convidando para a 2ª Marcha Føra Lacerda .....	159
Anexo E – Carta-convite para a 3ª Marcha Føra Lacerda .....	160



## INTRODUÇÃO

Dia 24 de setembro de 2011, na região centro-sul da capital mineira, uma onda laranja coloriu as ruas da cidade. Sob o som de instrumentos de percussão, vaias, e apitos, milhares de pessoas saíram em marcha da Praça da Liberdade em direção à Praça Rui Barbosa – mais conhecida como Praça da Estação. Durante o percurso, algumas pessoas foram lavando o asfalto com água, sabão e alecrim. No caminho havia o prédio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e em suas paredes ficou marcado de tinta o descontentamento daquela aglomeração. À frente da multidão, uma faixa laranja exprimia o motivo: FORA LACERDA.

Planejadas para articular sujeitos descontentes com as ações da administração municipal e, principalmente, para possibilitar a manifestação pública contra a gerência do prefeito Márcio Lacerda (PSB), as Grandes Marchas Fõra Lacerda percorreram lugares icônicos de Belo Horizonte. Carregados de simbolismo, os eventos congregaram sujeitos numa proposta de experiência coletiva de colocar-se como um público em público. E os manifestantes embarcaram na empreitada – com diferentes graus de engajamento – expondo suas reivindicações por meio de cartazes, exprimindo seu desafeto em dramatizações, e declarando, com a realização desses atos públicos, que as diferentes causas que defendiam ali estavam articuladas sob uma mesma chancela: o Movimento Fõra Lacerda (MFL)<sup>1</sup>.

O MFL, como veremos no decorrer da presente pesquisa, foi uma agregação de grupos e atores sociais que surgiu em meados de 2011 com o intuito de reunir sob um mesmo escopo sujeitos e grupos sociais afetados pelas determinações da Prefeitura Municipal da capital mineira e questionar o modelo de política vigente – nas mais diversas áreas: moradia, educação, segurança pública, mobilidade, cultura, entre outras. As controvérsias naquela época foram diversas e bastante complexas, mas o que nos interessa na gama de públicos inseridos nesse contexto problemático envolvendo a prefeitura de Belo Horizonte é analisar como alguns dos públicos afetados pela gestão Lacerda se movimentaram conjuntamente. Buscamos entender com este estudo, então, as maneiras com que uma convergência de interesses e causas organizou eventos

---

<sup>1</sup> Levaremos em conta no presente trabalho a denominação de grupo incorporada pelos próprios membros. Eventualmente usaremos apenas a sigla MFL para referenciar o Fõra Lacerda.

coletivamente para apresentar-se enquanto grupo e demonstrar suas demandas em público.

Intentamos apreender, mais especificamente, como as três Grandes Marchas Føra Lacerda, ocorridas entre 2011 e 2012, funcionaram enquanto tática mobilizadora para que os sujeitos se posicionassem publicamente – ou fossem convidados a fazê-lo. Assim sendo, o que esta pesquisa também busca elucidar são as nuances do processo de realização das ações de rua do MFL como um fator que também movimenta os públicos atrelados à causa, define um posicionamento coletivo e caracteriza um fazer comunicativo voltado para a mobilização.

A análise desenvolvida neste estudo foca especialmente nos elementos de performance apresentados durante os eventos sob um viés comunicativo, a fim de compreender a movimentação de um grupo social na busca por maior abrangência – ao envolver outros atores –, ganhando mais legitimidade – ao posicionar-se como agente credível e legítimo na cena pública –, e gerando mais notoriedade – ao delinear uma nova referência de ação. Esses elementos foram conjugados levando-se em conta que as demonstrações públicas podem ao mesmo tempo incentivar a provocação e o desafio em relação a seus oponentes, e também promover o fortalecimento dos laços entre os membros do grupo e dele com diferentes públicos.

Nossa pesquisa, neste sentido, envolve várias noções de ação coletiva, mas especialmente aquelas ocorridas na rua. A ocupação do espaço público, de ruas, de praças, de prédios públicos, vem ganhando renovada força recentemente – exemplo disso são as ocupações de escolas públicas em São Paulo e Goiás que ocorreram há poucos meses. Mas, afinal, o que significa estar nas ruas? A resposta é complexa, mas podemos afirmar que é o poder simbólico do espaço público que fomenta a realização de demonstrações públicas de protesto. Para o Movimento Føra Lacerda, estar na rua foi reivindicar o direito de usufruir daquele espaço, ao mesmo tempo em que se confrontava um decreto. Estar na rua foi apresentar publicamente uma preocupação com as políticas urbanas, ao mesmo tempo em que desafiava a lógica de poder vigente. Estar na rua foi tornar visíveis diversas demandas coletivas, ao mesmo tempo em que se questionava os interesses privados que regiam a política mineira. E o mais importante: estar na rua para o MFL foi um ato construído coletivamente. Pois a dinâmica de ação coletiva que se forma ao convocar sujeitos para um ato público traz consigo a potencialidade de formação de um público mobilizado que se apresente coeso, unido.

Todavia, mobilizar sujeitos e vontades nos dias de hoje não é fácil; é, sobretudo, um desafio. A disputa acirrada entre temas de interesse público, as relações de poder que imperam nos meios de comunicação, a complexa teia que envolve o sistema político vigente e a imensa quantidade de informação que inunda os cidadãos cotidianamente tornam ainda mais complexo o processo mobilizador. Deste modo, a compreensão da dinâmica de mobilização social é, em determinados aspectos, ainda incompreendida. Este estudo teve início a partir da vontade de entender de que forma as demonstrações públicas são empregadas num contexto mobilizador. Propomos com isto, um esforço de preencher uma lacuna, sem a pretensão de encontrar respostas definitivas nem fixar os meandros da ação coletiva em apenas uma perspectiva.

Compreender a dinâmica de afirmação pública de grupos mobilizados a partir das noções de repertórios de ação coletiva e performance é de grande importância para os estudos em comunicação, especialmente na área de comunicação para mobilização social. Pois é entre as ações espontâneas e as de alto grau de planejamento, entre as manifestações individuais e as formações coletivas mais institucionalizadas, entre o *online* e o *offline*, que se pode vislumbrar a efetividade do ato social e o processo de experiência dos sujeitos.

A complexidade em analisar a mobilização do MFL se constitui justamente na ideia de ação coletiva e suas inúmeras possibilidades. Os motivos pelos quais os públicos se agregaram para formar o Føra Lacerda, a forma com que cada um deles atuou dentro e fora do conjunto, de que maneira essa agregação se posicionou dentro do cenário sociopolítico de Belo Horizonte, os recursos empreendidos para que suas causas se tornassem públicas e sua atuação mais legítima, são algumas das questões que surgiram durante nossa empreitada. A especificidade da caracterização do MFL não como movimento social nem como grupo social com alto grau de institucionalização, mas como agregação de públicos mobilizados já torna esta proposta ainda mais desafiadora.

Ademais, vislumbrar a dimensão performática de um público mobilizado e a dimensão comunicativa voltada para mobilização social são fundamentais para compreendermos a necessidade de serem vistos e de se imporem publicamente que os atores sociais, e mais especificamente o MFL, apresentam. Mais do que apenas reagir às ações da PBH, o Føra Lacerda planejou e organizou ações de comunicação que implicavam um certo grau de visibilidade, reconhecimento da causa e compartilhamento de valores entre os próprios membros e do grupo com diferentes públicos. Nesse

sentido, julgamos que a pesquisa é pertinente ao campo da comunicação, especialmente para os estudos em comunicação e mobilização social, comunicação e política, e comunicação pública, por tentar entender a movimentação e o posicionamento públicos de um público mobilizado dentro de um contexto de jogo de interesses, de disputa de sentidos e de instalação de dissensos, num confronto político. Ainda, a expectativa do estudo é que possa contribuir para a construção de novas percepções acerca do tema, apontando potencialidades e carências, bem como para o enriquecimento bibliográfico da área.

O primeiro capítulo da dissertação apresenta o objeto de pesquisa, abrangendo o contexto sociopolítico de formação do Movimento Føra Lacerda e descrevendo o objeto sob uma perspectiva comunicacional, abarcando a estrutura de organização interna e externa, os recursos de comunicação empregados, os atores envolvidos, e a conjuntura atual do grupo.

Em seguida, o segundo capítulo traz considerações teóricas relevantes para a presente pesquisa, traçando um percurso cognitivo que se inicia na lógica de formação de públicos, vislumbra os conceitos de acontecimento e afetação que influenciam diretamente o processo de experiência coletiva dos sujeitos, compreendendo a perspectiva de ação coletiva como consequência do surgimento de públicos mobilizados a partir da afetação. Também abarca os repertórios de ação coletiva enquanto táticas de mobilização social – com maior ou menor grau de espontaneidade –, aborda o conceito de performance e sua presença marcante em projetos mobilizadores, perpassa a caracterização de atos públicos como eventos planejados e como modo de afirmação pública, e finaliza entrecruzando todo este raciocínio para apreender a necessidade de dar-se a ver em público dos grupos sociais que se materializa em eventos de protesto.

No terceiro capítulo, apresentamos nosso desenho de pesquisa com a definição do modelo analítico que permitiu investigar a articulação do MFL na realização das três Grandes Marchas Føra Lacerda ocorridas entre 2011 e 2012. Destacamos o modo com que o grupo agia em condições de publicidade, se apropriando de repertórios de ação coletiva, enquanto tática de mobilização social. Analisamos, então, as três marchas como eventos planejados pelo MFL ressaltando suas particularidades no que se refere às escolhas táticas e aos recursos simbólicos e performáticos presentes. Ao final, nossas considerações abarcam reflexões sobre semelhanças e diferenças entre as três Grandes Marchas, sobre a dimensão espetacular que permeia as manifestações públicas, e sobre

o caráter tático que os atores sociais escolhem tornar visível durante sua movimentação – e a face estratégica que propositalmente não se deseja mostrar.

## **CAPÍTULO 1 – O MOVIMENTO FØRA LACERDA: UMA AGREGAÇÃO DE ATORES SOCIAIS EM BELO HORIZONTE**

Ações políticas e administrativas do poder público estão sempre sujeitas a inúmeras críticas e questionamentos. Qualquer decisão sobre qualquer assunto que representantes do poder público tomem, por mais simples que pareça, implica diretamente a vida de muitos cidadãos e, por extensão, a vida de todos os moradores de determinado município, estado ou país. Unanimidade é difícil de ocorrer nesses contextos, já que sempre poderá haver algum tipo de contestação por afetar menos ou mais certas pessoas e grupos. E algumas dessas decisões – tanto as mais simples quanto as mais complexas – estão sujeitas a polêmicas e a uma confrontação maior de interesses.

Por muitas vezes, a desaprovação passa a se concentrar na figura de uma pessoa (normalmente prefeito, governador, ministro ou presidente) ou partido político, tornando-se, assim, alvo de criticismo. Como pessoas públicas, os representantes sabem que estarão sujeitos ao julgamento da opinião pública e buscam constantemente manter sua reputação positiva. Entretanto, inevitavelmente acontecimentos surgirão durante os mandatos – decisões equivocadas, escândalos de corrupção, investigações da Polícia Federal, e intrigas da oposição – trazendo consigo uma teia controversa difícil de transpor.

O Executivo Municipal em Belo Horizonte, sob a gestão de Márcio Lacerda, foi objeto de crítica frequente por causa de algumas de suas resoluções. Afora o mérito das propostas e das críticas, não entendemos as controvérsias geradas como algo excepcional, fora do comum. A problematização acerca de assuntos polêmicos é usual e frequente – no Brasil, vimos isso acontecer com a proposta de transposição do Rio São Francisco, por exemplo. E, se por um lado, o debate pode incitar discursos de ódio e ações de repúdio extremadas, por outro há a potencialidade para o crescimento de um pensamento mais crítico sobre o tema e o surgimento de saídas alternativas para o imbróglio.

Na capital mineira, o descontentamento com a administração pública no primeiro mandato de Lacerda advém de decisões controversas em setores diversos. As pessoas afetadas direta ou indiretamente por tais ações em determinado momento se viram inseridas em uma situação que exigiu delas um posicionamento. O decreto

municipal 13.798<sup>2</sup>, que proibia eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, por exemplo, afetou principalmente a cena cultural da cidade e culminou no surgimento de ações de protesto que ficaram conhecidas como a “Praia da Estação”, da qual falaremos adiante. A controvérsia acerca das ações da PBH é rica, complexa e multifacetada, e fez surgir públicos mobilizados com diferentes propostas de atuação. Ao dispormos a olhar para a forma com que esses públicos se agruparam e buscaram agir coletivamente em público, se torna possível compreender a movimentação do Føra Lacerda e seu processo mobilizador dentro desse contexto controverso.

### **1.1. O contexto sociopolítico precedente ao Movimento Føra Lacerda**

Neste capítulo pretendemos elucidar uma caracterização do Movimento Føra Lacerda no que tange à sua constituição e organização. Mas, para que fosse mais fácil assimilar as considerações desenvolvidas no capítulo que segue, relacionando-as ao contexto mobilizador do MFL, apresentamos brevemente o contexto anterior à formação do grupo. Vislumbramos também parte da vida política de Márcio Lacerda até tornar-se prefeito de Belo Horizonte e as mudanças propostas por sua gestão que marcaram o início da mobilização do Føra Lacerda.

Com larga experiência na área empresarial, especialmente no setor de telecomunicações, Márcio Lacerda entrou para a vida política em 2002 quando da sua nomeação para Secretário Executivo do Ministério da Integração Nacional. Desde então, dentre outros cargos, fez parte do Conselho de Administração da CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais) e foi vice-presidente do Conselho de Administração do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG). Em 2007, filiou-se ao PSB (Partido Socialista Brasileiro) e no ano seguinte deixou a Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais para concorrer ao cargo de prefeito de Belo Horizonte, apoiado por uma inédita – e polêmica – aliança entre o então governador Aécio Neves do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e do prefeito à época, Fernando Pimentel do PT (Partido dos Trabalhadores). Lacerda foi eleito em segundo turno, derrotando Leonardo Quintão do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), com 59,12% dos votos válidos.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

O primeiro mandato, entre 2009 e 2012, foi marcado por ações controversas que afetaram vários setores sociais da capital mineira. Em maio de 2009, a Prefeitura lançou o “Movimento Respeito por BH” que prometia melhorar a qualidade de vida dos belorizontinos, evitar poluição visual e sonora, e organizar o uso dos espaços públicos. Entretanto, essa campanha, juntamente com a publicação do Novo Código de Posturas de BH em 2010, prejudicou vendedores ambulantes, bares e restaurantes, moradores de rua e feirantes. Dentre as reivindicações contrárias às mudanças, surgiam denúncias de “higienismo” e elitismo por parte da PBH. Ainda no início do mandato, foram publicadas no Diário Oficial do Município (DOM) duas decisões que causaram alvoroço na cidade: a nomeação de Tiago Lacerda, filho do prefeito, para o Comitê Executivo do Núcleo de Gestão das Copas em Belo Horizonte e o decreto 13.798, que definia:

O Prefeito de Belo Horizonte, no exercício de suas atribuições legais, em conformidade com o disposto no art. 31 da Lei Orgânica Municipal, considerando a dificuldade em limitar o número de pessoas e garantir a segurança pública decorrente da concentração e, ainda, a depredação do patrimônio público verificada em decorrência dos últimos eventos realizados na Praça da Estação, em Belo Horizonte,

DECRETA:

Art. 1º - Fica proibida a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, nesta Capital.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor no dia 1º de janeiro de 2010 (Diário Oficial do Município, 09/12/2009).

A proibição de se utilizar a Praça Rui Barbosa, popularmente conhecida como Praça da Estação, chocou principalmente os habitantes ligados à cena cultural da cidade já que o local há anos servia de palco para shows e manifestações culturais e políticas de forma geral. Albuquerque (2013) nos apresenta um panorama sobre como vários atores sociais se articularam em resposta à proibição, uma vez que, ainda no mês de dezembro, começou a circular pela internet uma chamada anônima para um protesto denominado “Vá de branco”<sup>3</sup>. A convocação convidava os cidadãos belorizontinos a se manifestarem – devidamente trajados de branco – contra o decreto (Fig. 1), e foi atendida por um grupo de cerca de 50 pessoas, entre membros de movimentos anticapitalistas, anarquistas e libertários, pessoas ligadas ao segmento da cultura e interessados de forma geral, que se reuniram em trajes alvos no dia 7 de janeiro de 2010 na Praça da Estação.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://vadebranco.blogspot.com.br/>. Acesso em 10 de maio de 2015.



Figura 1 – Convite para o evento “Vá de Branco”



(Fonte: vadebranco.blogspot.com)

No dia 13 de janeiro de 2010, ainda segundo Albuquerque (2013), foi divulgada a chamada para uma nova ação de contestação intitulada “Praia na Praça da Estação”. O convite consistia, assim como na ocasião do Vá de Branco, em uma convocação anônima, que chamava os cidadãos a ocuparem a Praça “de maneira divertida, lúdica e aparentemente despretensiosa” (ALBUQUERQUE, 2013). Tratava-se de um protesto festivo, em que os manifestantes são convidados a levar roupas de banho e instrumentos musicais. Munidos de trajes de banho, guarda-sol e caixas de isopor com bebidas, cerca de 300 manifestantes ocuparam a Praça para protestar contra o decreto do prefeito. As Praias se repetiram semanalmente aos sábados até o mês de maio de 2010, sempre divulgadas via internet. Albuquerque (2013) ressalta, entretanto, que ainda que a manifestação tivesse se tornado recorrente, não houve consenso quanto à sua configuração sociopolítica, para além da aglomeração de pessoas em torno de um mesmo problema – a resistência ao decreto como forma de reivindicação pela retomada de um espaço público da cidade.

Diversas outras ações de rua, vinculadas à Praia da Estação, surgiram nesse contexto como: “Que trem é esse?”, manifestação festiva itinerante realizada dentro do metrô, em 22 de setembro de 2010, por causa da semana do Dia Mundial sem Carros; e o “Roupa suja se lava em casa”, intervenção na fachada do Palácio das Artes realizada em novembro do mesmo ano durante a realização do Fórum da XV Cúpula da Rede Mercocidades em Belo Horizonte. No entanto, mesmo que outras ações de ocupação dos espaços públicos e manifestações tenham sido realizadas, “a Praia permaneceu como referência simbólica em todos os eventos, articulados em grande medida pelos mesmos atores” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 26).

Além de ser a principal manifestação social de oposição à Prefeitura em 2010, a Praia da Estação é também apontada por diversos “banhistas” e apoiadores como um dos catalisadores centrais para o surgimento do Movimento Føra Lacerda.

A onda de insatisfação em relação à atual gestão tomou forma nas diversas manifestações da Praia, com referências diretas ao prefeito tanto nos protestos praieiros (nos gritos de guerra entoados durante os banhos coletivos de Caminhão Pipa, ou nas marchinhas improvisadas nos ensaios dos blocos de carnaval na Praia, eram comuns variações sobre o tema: “Ei, Lacerda, seu governo é uma merda”), quanto nos ambientes virtuais (charges, montagens, cartas abertas e discussões diversas trouxeram críticas nominais ao prefeito). (ALBUQUERQUE, 2013, p. 29)

Ademais, o MFL foi um fator essencial para a retomada da Praia da Estação em 2012, convocando eventos como a Praia do Trabalhador, no feriado de 1º de maio, as Praias da Savassi, realizadas a partir de julho do mesmo ano, e a Praia dos Sobreviventes, que ocorreu após a data prometida para o fim do mundo<sup>4</sup>, em dezembro de 2012. A proposição de diferentes eventos denota os aspectos criativos e as dimensões festiva e espetacular que as manifestações públicas contemporâneas dispõem. Isso, de certa forma, indica o amadurecimento de um novo panorama baseado em formas renovadas de manifestação para além dos repertórios tradicionais de protesto. Nota-se também o crescimento das articulações via mídias sociais digitais e que reflete uma nova forma de mediatização – que estimula maneiras diferentes de convocar e sugere formas também diferentes de manifestar, para além dos repertórios tradicionais dos ativistas e dos movimentos sociais.

## **1.2. A configuração do Movimento Føra Lacerda: mobilização de vontades e articulação de causas**

Em meados de 2011, surgiu na cidade de Belo Horizonte uma articulação de públicos em contestação à gestão do prefeito Márcio Lacerda, e em relação a outros membros da Câmara Municipal e da Prefeitura. Como consequência das ações da PBH no primeiro mandato de Lacerda, cresceu na cidade um sentimento de repúdio à figura política do prefeito – justificadas por acusações de nepotismo, desapropriações em terrenos com ocupações urbanas, proibição e, posteriormente, cobrança de taxas para

---

<sup>4</sup> As profecias do povo Maia ganharam fama a partir da década de 1970 principalmente na Europa e América do Norte. Uma dessas revelações, interpretada a partir do calendário que os Maias utilizavam, dizia que a partir de 21 de dezembro de 2012 desastres naturais, crises políticas e econômicas e guerras travadas ao redor do globo causariam a derrocada da civilização moderna.

realização de eventos na Praça da Estação, irregularidades no Orçamento Participativo, discriminação contra a população de rua, entre outras.

Em *site*<sup>5</sup> próprio e nas redes sociais digitais, o Movimento Føra Lacerda se caracterizava como:

[...] independente, suprapartidário e solidário aos diversos movimentos de enfrentamento aos desmandes (sic) do prefeito. [...] A independência do MOVIMENTO FORA LACERDA é uma forma de demonstrar como a sociedade civil organizada pode influenciar e alterar os cursos políticos de uma cidade marcada por uma administração elitista, excludente e aversa à participação popular. [...] Somos muitos, estamos juntos e queremos uma BH mais humana e integrada (Manifesto do Movimento Føra Lacerda, 2011)<sup>6</sup>.

Além das ações controversas da PBH e do surgimento da Praia da Estação, apresentada previamente, a criação de um evento fictício no Facebook intitulado “Impeachment de Márcio Lacerda”<sup>7</sup>, que contou com a adesão de 6.779 pessoas, também ajudou a germinar a ideia de criação do MFL.

Inicialmente, o objetivo principal do Føra Lacerda derivou da necessidade de articular os diversos movimentos e grupos sociais da cidade dentro de um mesmo escopo, abrangendo todas as reivindicações contra a gestão da PBH à época. Então, a ideia de constituição do MFL era de que fosse um espaço de encontro entre atores sociais já constituídos, abrigando diferentes focos de insatisfação. Segundo testemunho de alguns membros entrevistados<sup>8</sup>, a intenção para alguns era dar visibilidade para as demandas que existiam na cidade e conjugar esses públicos travando diálogos. Por outro lado, pretendia-se também informar a população, desconstruir a imagem do prefeito e contestar o modelo de gestão municipal vigente na época.

O Movimento Føra Lacerda organizou-se a partir de uma agregação de atores sociais que perceberam que o coeficiente comum entre todas suas reivindicações (fossem elas de cunho político, social, cultural ou econômico) era o descontentamento em relação às ações da Prefeitura. Algumas das ações controversas que podemos citar são: a nomeação do próprio filho para presidente do Comitê Executivo do Núcleo de Gestão das Copas em Belo Horizonte<sup>9</sup>, o uso excessivo de aviões fretados<sup>10</sup>, altos gastos

<sup>5</sup> O *site* atualmente se encontra fora do ar. Disponível em: <<http://www.foralacerda.com/>>. Acesso em 16 janeiro 2013.

<sup>6</sup> Trecho retirado do manifesto do MFL. O documento completo encontra-se no Anexo B desta dissertação.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/204421982931426/>>. Acesso em 04 de maio 2015.

<sup>8</sup> Foram feitas ao todo quatro entrevistas entre maio e junho de 2015.

<sup>9</sup> Em agosto de 2009, Tiago Lacerda passou a ser responsável pela coordenação de ações do município para a preparação do mundial de futebol, além de articular os setores públicos e privados envolvidos na Copa do Mundo 2014, entre eles a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e o COL (Comitê Organizador Local). O caso, porém, só teve grande repercussão em 2011, quando obteve destaque na

com publicidade, tentativa de venda de uma rua pública para a iniciativa privada<sup>11</sup>, pouco diálogo com as ocupações urbanas, conivência com relação aos impactos negativos causados pelas obras da Copa do Mundo FIFA 2014, proposta de mudança no edital para expositores da Feira de Artes e Artesanatos da Avenida Afonso Pena<sup>12</sup>, atraso no reajuste salarial dos professores da rede pública municipal de educação, entre outros.

Alguns dos grupos que formaram o MFL foram: Salve a Rua Musas, Praia da Estação, moradores de ocupações urbanas em risco de despejo – como Dandara, Camilo Torres, Irmã Dorothy e Eliana Silva –, Comitê Popular dos Atingidos pela Copa 2014 em Belo Horizonte (COPAC-BH), Sindicato dos Guardas Municipais de Minas Gerais (SindGuardas-MG), Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte (SindRede-MG) e comerciantes da Feira de Artes e Artesanato da Avenida Afonso Pena, mais conhecida como Feira Hippie.

O MFL, portanto, surgiu quando atores e grupos sociais que antes reivindicavam suas causas específicas de acordo com o modo com que cada um deles foi afetado pela

---

mídia e o Ministério Público decidiu ajuizar uma ação. A justificativa apresentada atentava para o fato de que Tiago Lacerda não possuía vínculo com o município, ferindo o decreto da própria Prefeitura quando criou o Comitê Gestor da Copa. Apesar de Tiago não ser remunerado, a promotoria entendeu que a nomeação configurava nepotismo e que o cargo dava a ele prestígio político. Assim, poucos dias após a moção do MP, Tiago Lacerda renunciou ao cargo através de comunicado oficial.

<sup>10</sup> Em agosto de 2011, a Promotoria de Defesa do Patrimônio Público propôs uma ação civil pública contra Márcio Lacerda, por ato de improbidade administrativa, na 5ª Vara da Fazenda Pública de Belo Horizonte. Segundo a Promotoria, o prefeito teria fretado aviões para fazer 39 viagens pelo país, o que teria causado dano aos cofres públicos. Os promotores entenderam que a utilização de aeronaves fretadas violou os princípios constitucionais da moralidade, da razoabilidade e da eficiência, pois o gasto com voos fretados para as viagens que aconteceram entre fevereiro de 2009 e julho de 2011 teria sido até 2.700% mais alto do que se o prefeito tivesse utilizado voos comerciais.

<sup>11</sup> Em maio de 2011, foi aprovado pela Câmara Municipal de Belo Horizonte um projeto de lei que autorizava a PBH a vender parte de uma rua na zona sul da capital, para viabilizar o empreendimento hoteleiro da construtora Tenco Realty. Os vereadores autorizaram o Executivo Municipal a fazer a alienação de cerca de 1,7 mil metros quadrados da rua. A iniciativa causou indignação em especial nas 13 famílias que moram na rua Musas, e que entraram com duas representações no Ministério Público de Minas, nas Promotorias da Habitação e de Defesa do Patrimônio Público, contra a venda da via. Além de questionar a negociação, surgiram críticas ao fato de não ter havido chamamento público ou licitação para a questão. Os moradores também questionaram e os impactos negativos no trânsito e o valor previsto para a venda do trecho.

<sup>12</sup> Em janeiro de 2011, a Prefeitura de Belo Horizonte divulgou novo edital para ocupar as barracas da Feira de Artes e Artesanato da Avenida Afonso Pena, mais conhecida como Feira Hippie, pois a última licitação havia sido feita na década de 1990. Logo após a divulgação, o Executivo foi notificado pela Justiça para explicar o edital, após a Associação dos feirantes impetrar um mandado de segurança alegando a inconstitucionalidade do documento. Após dez meses de trâmites legais, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) determinou, em outubro de 2011, a anulação imediata do edital. Segundo o TJMG, os princípios da legalidade, impessoalidade e razoabilidade foram contrariados. Entre as medidas polêmicas estabelecidas pelo edital, constava a concessão de maior número de pontos ao candidato que fosse analfabeto, não possuir casa própria e também não tivesse carro em seu nome. Apesar da controvérsia em 2011, no ano seguinte o Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Cultural Municipal reconheceu a Feira como Patrimônio Imaterial de Belo Horizonte.

gestão de Márcio Lacerda confluíram em uma coletividade. Podemos compreendê-lo, então, como uma forma de catalisar o descontentamento de vários grupos e reunir alguns dos movimentos sociais da capital mineira em uma mesma perspectiva de ação coletiva. Apesar de termos tomado como certa sua autodenominação como movimento, o Føra Lacerda significou mais do que a conformação de um movimento social na cidade. Sua proposta desde o início era congregar, articular, fazer convergir para um mesmo lugar as diferentes vozes, demandas e reivindicações advindas de variados contextos que ecoavam pelas ruas de Belo Horizonte. Essa articulação conseguiu reunir variadas pautas e fazer coexistir num mesmo espaço de discussão interesses bem diferentes. Os grupos que antes exprimiam interesses muito específicos e que diziam de uma realidade restrita a um determinado grupo – o risco de despejo iminente das ocupações urbanas ou a militarização dos Guardas Municipais, por exemplo –, com a configuração do MFL conseguiram vislumbrar objetivos em comum e definir coletivamente seus modos de ação em busca de visibilidade, influência e legitimidade.

Por ter convocado atores sociais diversos, o MFL mostrou-se bastante heterogêneo e isso ficava explícito nas diferentes expectativas para a sua atuação: de um lado, uma parte do grupo esperava intervir de forma mais decisiva na política institucional. Inclusive, acreditando que, apesar de excessiva, a ideia de impeachment de Márcio Lacerda fosse realmente uma solução possível. Por outro lado, a expectativa pautava-se em construir um espaço de diálogo em busca de uma nova forma de pensar a cidade; mas que não permanecesse somente no âmbito da discussão, isto é, que houvesse também participação ativa na ocupação dos espaços públicos urbanos e na reivindicação de direitos fundamentais.

Articulando ideias coletivamente tanto no ambiente *online* – por listas de *emails* e, posteriormente, pelo Facebook – quanto no espaço *offline* – com reuniões presenciais frequentes, o Føra Lacerda foi sendo criado atrelado à cena urbana de BH. O primeiro passo foi criar um evento no Facebook chamando para uma reunião aberta, de cunho mais informal (como uma roda de conversa) na Praça da Estação, convidando algumas pessoas que já estavam inseridas nesse contexto de participação e contestação da política municipal. Segundo reportado, nesse primeiro encontro apareceram por volta de 35 pessoas que, já nesse dia, decidiram criar o Movimento Føra Lacerda. No início, havia um interesse de fazer encontros regulares e que eles acontecessem sempre na Praça da Estação, o que de fato ocorreu por um tempo. Em seguida, buscou-se variar os espaços, no intuito de circular pela cidade. Algumas reuniões aconteceram embaixo do

Viaduto Santa Tereza, outras num espaço próximo ao viaduto da Av. Francisco Sales no bairro Santa Efigênia, e também na Praça Carlos Chagas (onde se encontra a Assembleia Legislativa de Minas Gerais).

A primeira conversa foi importante para que os participantes percebessem as diferentes reivindicações que iam surgindo com relação à Prefeitura. Havia aqueles preocupados com os altos gastos com publicidade, outros se voltavam para a mobilidade – com os frequentes aumentos do preço da passagem de ônibus, por exemplo –, e mais alguns que se preocupavam principalmente com a questão da moradia.

Em meio a tantas vozes, foi preciso definir esquemas de tomada de decisão que fossem plurais, horizontais e democráticos. Nesse sentido, todas as decisões, seja para propor um posicionamento ou a data de uma ação de rua, eram votadas buscando um consenso. Na lista de *emails* – [foralacerda@googlegroups.com](mailto:foralacerda@googlegroups.com) – aconteciam discussões, esclarecimentos, e avisos, mas era nas reuniões presenciais que, além de se decidir o dia e o local da próxima reunião, se definiam também o posicionamento estratégico e o planejamento das ações de rua.

As reuniões eram convocadas toda semana e aconteciam normalmente da seguinte forma: organizava-se uma roda, uma pessoa se prontificava a fazer a ata, circulava-se a lista de presença, uma pauta era definida no início da reunião onde todos os presentes poderiam sugerir os pontos a serem discutidos, então cada tópico era debatido e, se fosse preciso tomar decisões no momento, tentava-se chegar num consenso. Caso contrário, votava-se ali mesmo. Um dos entrevistados informou que essa tentativa de sempre chegar a um consenso serviu como um exercício político e democrático muito interessante, porque isso norteava qualquer tomada de decisão do grupo, por menor e mais simples que fosse. Além da variação de locais para as reuniões, o *quórum* dos encontros também variava bastante. Normalmente o que se percebia é que quando se aproximava a data de alguma ação de rua as reuniões contavam com um número maior de participantes e, passado o evento, os encontros se esvaziavam. E isso refletia positivamente na forma com que as reuniões se realizavam – aproveitava-se um menor número de presentes para avaliar a atuação do grupo até aquele momento e definir novos objetivos.

Apesar do substancial esforço despendido e da grande mobilização que tomou conta principalmente das redes sociais digitais, os resultados das eleições municipais de 2012 mostraram a complexidade do jogo político. O prefeito Márcio Lacerda (PSB) foi reeleito com 52,69% dos votos válidos em Belo Horizonte, ganhando assim as eleições

em primeiro turno. O resultado de certa forma surpreendeu os colaboradores e simpatizantes do MFL, pois se esperava ao menos um segundo turno. Parte dos membros reconhece que, mesmo com a derrota eleitoral, a mobilização teve inserção suficiente para influenciar as estratégias de campanha de Lacerda e pautar discursos oficiais de representantes do poder executivo e de outros candidatos.

[...] era um jogo muito desigual de forças e a gente sabia disso [...]. Digamos que a gente aceitou essa desigualdade, mas a gente acha que [...] teve um impacto importantíssimo e nisso eu acho que todo mundo vai concordar, foi porque a gente que pautou o discurso. Mesmo que a gente não tenha impactado exatamente o resultado, porque no final das contas o cara foi reeleito aqui no primeiro turno, muitas vezes a gente percebia que o discurso era feito para nos responder (LIMA, 2015).

Mesmo após a reeleição de Lacerda, o MFL continuou se reunindo e atualizando sua página no Facebook – o *post* da página no *site* da rede social em que comentam o resultado das urnas no dia seguinte foi curtido 224 vezes<sup>13</sup>. Logo após o resultado, uma reunião foi marcada na Praça da Estação e contou com a presença de aproximadamente 50 pessoas, dando a impressão de que muitas pessoas gostariam de dar continuidade à atuação do Føra Lacerda. Apesar desse esforço de continuação e da página no Facebook ser atualizada até hoje com certa frequência, divulgando assuntos de interesse coletivo que, em sua maioria, têm relação com as atividades da Prefeitura de Belo Horizonte, atualmente a atuação do MFL está bastante reduzida se comparada à de quatro anos atrás.

A gente não se reúne mais há muitos anos. [...] aquelas pessoas que estavam sempre lá nas reuniões, que participavam ativamente, que, enfim, eram importantes para o movimento na maior parte do tempo que ele existiu, teve uma hora que essas pessoas já estavam cansadas, foi um investimento muito grande, todo mundo trabalhou muito intensamente durante um ano, quase dois [...]. E acabou que com a reeleição do Lacerda, depois disso rolou uma espécie de desgaste, acho que algumas pessoas ficaram cansadas mesmo, desmotivadas [...] (LIMA, 2015).

O MFL há muito tempo não se reúne, entretanto, os entrevistados, quando perguntados sobre a situação do Føra Lacerda hoje em dia, afirmaram que as pessoas que fizeram parte daquela articulação continuam ainda muito ligadas às questões da cidade e às manifestações nas suas diferentes formas – e de acordo com suas filiações. Então, após as eleições, o Føra Lacerda foi adormecendo, seu caráter coletivo foi minguando e as pessoas gradativamente se afastaram. Mas elas continuam acompanhando a gestão municipal de outras formas. Logo após a eleição de 2012,

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/Sli1Dp>>. Acesso em 12 de maio 2015.

outros públicos se mobilizaram como, por exemplo, o que conformou o Fica Fícus<sup>14</sup> e a ocupação do Espaço Luiz Estrela<sup>15</sup>.

### 1.3. Uma organização desorganizada: configuração interna e externa

Pensado como espaço pluralista para articular demandas e formado por um agrupamento de atores sociais diversos, o Føra Lacerda enquanto grupo social e público mobilizado traz em sua configuração fronteiras de certo modo flexíveis e mutáveis, mas apresenta certo grau de institucionalidade que cresceu gradativamente a partir do aumento da coesão entre os participantes.

Um aspecto que corrobora este panorama é sua origem enquanto fruto de uma manifestação de ocupação de um espaço público. Portanto, principalmente no início, as reuniões aconteciam em diferentes praças e parques de BH a fim de se preservar sua natureza intrinsecamente ligada à cidade e à rua, e com o convite aberto a todos. Nesse sentido, o Føra Lacerda não possuía sede própria, CNPJ, alvará, conta bancária e demais atributos de uma organização com alto grau de institucionalização. Quando da necessidade de lidar com questões mais burocráticas, contava com a iniciativa coletiva e colaboração de simpatizantes:

Nunca teve sede própria, nunca teve CNPJ, quando precisamos de conta num banco, por exemplo, sempre foi uma [...] iniciativa de alguém. Sempre que precisamos de um espaço pra fazer uma reunião privada, por exemplo, foi numa sede desses movimentos, ou no SindUTE, ou no SindRede, ou na sede das Brigadas Populares, mas normalmente o movimento sempre se declarou horizontal, suprapartidário, e aberto (LIMA, 2015).

Dentro desta rede de apoiadores e entre os militantes do Føra Lacerda existiam diferentes graus de vinculação e participação institucional. Podemos ver na Fig. 2, em cor laranja mais intensa, os grupos ou atores sociais que possuíam membros que participavam mais organicamente da estrutura interna e, num tom mais claro, grupos ou organizações com membros que mantinham certa proximidade com o MFL, mas não exerciam influência ou não participavam ativamente dos momentos de tomada de decisão. Ressaltamos que os coletivos e instituições de classe identificados nessa figura

<sup>14</sup> Grupo que surgiu em 2013 em defesa de árvores centenárias plantadas na Avenida Bernardo Monteiro, região central de Belo Horizonte, e que foram podadas pela PBH. As árvores estavam doentes, acometidas pela mosca branca, e o grupo veio para contestar a forma com que o órgão buscou solucionar o problema.

<sup>15</sup> Caracterizado pelos próprios membros como um espaço comum de criação e compartilhamento artístico, político e cultural, aberto e autogestionado, o Espaço Luiz Estrela surgiu em 2013 a partir da ocupação de um prédio centenário abandonado com o objetivo de transformá-lo em um espaço cultural aberto à sociedade e gerido por ela.



em sua maioria não participaram do MFL de forma institucionalizada – o que ocorreu de fato foi a presença e a participação (em maior ou menor grau) de membros ou até líderes desses grupos, já inseridos em diferentes controvérsias relativas às ações da PBH, nas reuniões do Føra Lacerda. Outro detalhe interessante é que alguns dos membros do MFL faziam parte de mais de um desses grupos – havia pessoas que eram filiadas ao PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado) e também integravam o COPAC-BH (Comitê Popular dos Atingidos pela Copa 2014 em Belo Horizonte), por exemplo. Isso denota a fluidez das redes de apoiadores que cercavam o Føra Lacerda e também comprova a flexibilidade de vínculos e interesses que os atores sociais apresentam atualmente.

**Figura 2 – Ilustração da rede de atores que constituíram o Føra Lacerda**



(Fonte: elaboração própria)

O COPAC-BH, Associação dos Artesãos da Feira de Artes e Artesanato da Avenida Afonso Pena, Brigadas Populares – principalmente as frentes ligadas à questão da moradia em ocupações urbanas, universitários, profissionais autônomos, e Praia da

Estação fazem parte do núcleo central do MFL. Eram membros destes grupos que se organizavam, reuniam, debatiam, articulavam, e coletivizavam as demandas da cidade para definir estratégias de atuação do Føra Lacerda.

Representantes do SindRede-BH (Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte), SindGuardas-MG (Sindicato dos Guardas Municipais do Estado de Minas Gerais), PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado), PCB (Partido Comunista Brasileiro), Salve a Rua Musas, Artesãos Nômades e MLB (Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas) estavam presentes nas reuniões e apoiaram várias ações de rua que o MFL organizou – uns mais no início, outros quando o movimento já estava mais consolidado.

Importante destacar que a presença de membros vinculados a partidos políticos não comprova uma interferência na atuação do movimento em favor de interesses político-partidários, mas a participação mesmo que pouco orgânica de membros de partidos políticos de esquerda diz muito do posicionamento político do próprio Føra Lacerda. Isso porque o suprapartidarismo, que o manifesto pontua claramente, refere-se à abertura para o diálogo com partidos políticos diversos, porém, o que se vê na prática, é a aproximação e participação eventual de legendas que compartilham posicionamentos de esquerda bem semelhantes entre si e destes com outros atores proeminentes. E, inclusive, posteriormente à formação do MFL, alguns membros do próprio grupo se filiaram a partidos políticos<sup>16</sup>:

Ele não era um movimento apartidário, quer dizer, ele aceitava militantes de partidos. Mas não aceitava que um partido, uma força política externa, cooptasse o movimento, dirigisse o movimento, ou pautasse o movimento, né? Então, nós tínhamos ali pessoas de partidos diversos, poucos na verdade. Era um ou outro só que aparecia e mesmo assim não muito orgânicos, a maioria das pessoas que participavam, inclusive eu mesmo, não era filiado a nenhum partido na época, não era filiado a partido algum (ALCÂNTARA, 2015).

Internamente, o Føra Lacerda apresentava uma configuração bastante fluida, constituída de um núcleo de aproximadamente 20 pessoas mais atuantes. Por causa da heterogeneidade de atores e grupos sociais, quando alguma demanda surgia, seja de comunicação ou até mesmo burocrática, os membros se organizavam em grupos ou áreas de interesse/afinidade, de acordo com suas experiências pessoais e áreas de atuação profissional. Nesse sentido, a divisão de tarefas para o desenvolvimento do jornal “Movimenta BH”, para a atualização das redes sociais digitais e para a

---

<sup>16</sup> Como, por exemplo, Fidelis Alcântara que foi candidato a governador pelo PSOL nas eleições de 2014.

organização das ações de rua, acabou demandando uma definição de funções entre os participantes, embora não fossem fixas tampouco definitivas, e conformando as formas de participação dos membros na organização interna do MFL. Dentro dessas frentes de atuação também havia pessoas responsáveis por manter contato com outros movimentos e coletivos, participar de reuniões e audiências públicas dos órgãos municipais, e produzir o material gráfico quando necessário. Isso demonstra que as atribuições de cada um eram muito pautadas pelas circunstâncias, as responsabilidades eram mutáveis de acordo com as demandas que surgiam e a disponibilidade dos membros.

Tal configuração pode ser mais bem vislumbrada na Fig. 3.

**Figura 3 – Ilustração da organização interna do MFL em frentes de atuação**



(Fonte: elaboração própria)

#### **1.4. Recursos de comunicação e identidade visual**

Dentro do contexto da comunicação institucional, os participantes perceberam a necessidade de definição de uma identidade visual para o MFL. A articulação de diversos sujeitos demandava o desenvolvimento de uma identidade coletiva, e isso denota uma preocupação do grupo em apresentar uma proposta de movimento unificador e agregador de várias bandeiras. Demonstrando, assim, a percepção da necessidade de buscar elementos comuns que pudessem agregar os diferentes atores e abrigar diversidade de interesses específicos sob uma bandeira mais geral.

A elaboração das propostas de identidade visual ocorreu por meio de decisão em grupo. Durante uma reunião em frente ao Teatro Francisco Nunes, localizado na área do Parque Municipal Américo Renné Giannetti, a cor laranja foi escolhida por meio de votação, após a exclusão de cores que remetesse a partidos políticos – tanto de esquerda quanto de direita.

A gente tentou escolher uma cor que fosse alegre, forte, e que não estivesse já vinculada a algum movimento. Então, a gente não queria que fosse o lilás do PSOL e nem o vermelho do PT, a gente queria uma outra cor, mas também não podia ser o azul do PSDB! Fez uma votação e decidimos trazer o laranja (LIMA, 2015).

A primeira versão da identidade visual do Føra Lacerda (Fig. 4) foi estampada em diversas camisas, com o rosto do prefeito Márcio Lacerda em tamanho considerável. Entretanto, um tempo depois foi preciso repensar o projeto pois a presença da imagem do chefe do Executivo Municipal causava estranheza e confusão em quem não conhecia o MFL – uns achavam que se tratava de um grupo de apoiadores, outros não entendiam o porquê de circular pelas ruas com o rosto de um desafeto em destaque.

**Figura 4 – Primeira arte para materiais gráficos do Movimento Føra Lacerda**



(Fonte: facebook.com/Mov.ForaLacerda)

Assim, a segunda identidade visual adotada foi mais simples, mas cheia de significado (Fig. 5). Em fundo laranja, lê-se “FORA LACERDA”, sendo que a letra O da palavra “Fora” foi substituída pelo símbolo de conjunto vazio ( $\emptyset$ ). Um projeto inicial foi apresentado em reunião, e foram feitas alterações conforme as sugestões dos participantes até a aprovação final. A nova identidade foi aplicada em várias peças de comunicação do MFL, como cartazes, bandeiras, panfletos, camisas e no próprio jornal Movimenta BH.

[...] a pessoa que fez esse projeto é uma pessoa da arquitetura, ela foi lá no construtivismo alemão pra pegar as referências da fonte e foi nesse símbolo da matemática, pra discutir a questão do vazio, no sentido de que essa política é vazia, é esvaziada, tem a ver também com a interdição, mas também tem a ver com o proibido (LIMA, 2015).

**Figura 5 – Arte atual para materiais gráficos e identidade visual do Movimento Føra Lacerda**



(Fonte: facebook.com/Mov.ForaLacerda)

Tematizar suas demandas publicamente é o desafio maior de praticamente todo grupo, movimento social ou mobilização de públicos. Como a inserção das demandas sociais na mídia de massa não é totalmente eficaz, o surgimento de internet abriu a possibilidade de abranger um número maior de pessoas de níveis sociais diversificados. Assim, as redes sociais digitais se tornaram um meio pelo qual os atores sociais se posicionam publicamente, tornam suas causas visíveis e buscam conquistar mais membros e angariar recursos para a causa (CASTELLS, 2013). A partir das interações face-a-face e das discussões que se desenvolveram em assembleias, reuniões e debates, as críticas à má administração pública local e os posicionamentos políticos foram postadas na página do MFL no Facebook<sup>17</sup>.

Assim sendo, a internet, e mais precisamente o Facebook, se tornou uma ferramenta para tornar visíveis as demandas sociais, políticas e econômicas do Føra Lacerda, definidas em encontros presenciais. Ao mesmo tempo, a visibilidade dada à causa através da internet possibilitou o livre compartilhamento de tais demandas e desencadeou uma discussão política entre membros, simpatizantes e opositores, dinamizando o processo de deliberação na esfera pública política.

Por ser a rede social digital com grande número de usuários na época<sup>18</sup>, e como não havia muito espaço nas mídias convencionais, o MFL elegeu o Facebook como meio para coletivizar suas causas. Primeiramente, foi criado um perfil – semelhante ao de um usuário comum da rede – no intuito de adicionar membros, conquistar novos públicos, expandir a rede de participantes e simpatizantes. Porém, o número limitado de

<sup>17</sup> Disponível em: <[www.facebook.com/Mov.ForaLacerda](http://www.facebook.com/Mov.ForaLacerda)>. Acesso em: 20 de maio 2014. Quando da inserção do MFL na rede social digital, houve a criação de um perfil para o grupo anterior à referida página. O perfil, porém, foi desativado no início de 2015 sem aviso prévio ou justificativa, nem se sabe exatamente o responsável pela exclusão.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/numero-de-usuarios-brasileiros-no-facebook-cresce-298-em-2011.html>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2016.

peças com que se pode manter uma conexão demandou que se criasse, poucos meses depois, uma página no mesmo *site* de rede social. A página, ainda disponível, replicava o conteúdo postado no perfil e facilitava o acesso ao conteúdo mesmo de quem não pôde ser adicionado como amigo do perfil, permitindo também maior abrangência na divulgação da atuação do MFL.

Apesar de as mídias digitais nos possibilitarem reconhecer formas mais dinâmicas e acessíveis de interação dentro de suas lógicas, é importante lembrar que mesmo em novos tipos de experiência *online* somos levados a recorrer a tipos conhecidos e habituais da vida cotidiana para lidar com essas tais experiências. Assim, os mundos *online* e *offline* estão constantemente imbricados, pois um complementa as possibilidades de interação social do outro (CASTELLS, 2013; RECUERO, 2009). Os encontros presenciais, nesse sentido, foram essenciais para a manutenção dos vínculos entre os membros mais participativos, para as tomadas de decisão do movimento, além de reforçar a ideia de ocupação coletiva do espaço público.

No ambiente *online*, além da página do Facebook e do grupo de *emails*, o MFL manteve por um tempo um *blog* – que logo se tornou um *site*. Atualmente fora do ar, o domínio era atualizado por um membro da Associação dos Artesãos da Feira de Arte e Artesanato da Avenida Afonso Pena e trazia reportagens, artigos de opinião e o manifesto do Movimento Føra Lacerda. Pelos relatos coletados para esta pesquisa, estimava-se que o *site* teve uma movimentação que chegou a mais de 10 mil visitas em determinadas épocas em que a controvérsia em torno da gestão de Lacerda estava mais acalorada. Mesmo nos períodos de menor visibilidade, os entrevistados afirmaram que havia uma constância de pelo menos mil visitantes diários. Um dos motivos apresentados para esse fluxo intenso era a constante atualização do domínio. Normalmente, o *site* já amanhecia com matérias comentadas de jornais relevantes em Minas Gerais, como Estado de Minas, Hoje em Dia e O Tempo. Dessa forma, segundo os entrevistados, o *site* do MFL se tornou uma referência para que as pessoas pudessem ler os jornais de Belo Horizonte e região sob a perspectiva do Føra Lacerda.

Para o espaço *offline*, criou-se um jornal nomeado “Movimenta BH” (Fig. 6), trazendo textos apurados e elaborados pelos próprios membros. Foram definidas oito temáticas para serem abordadas nas matérias (que coincidem com as frentes de atuação do MFL): saúde, mobilidade urbana, segurança, meio ambiente, cultura, comunicação, direitos humanos, educação e moradia. Grupos de trabalho foram definidos e designados para cada um dos eixos para fazer levantamento e apuração de dados e, em

seguida, produzir os textos. O esquema de distribuição do jornal foi dividido entre as regionais da cidade, além da Praça Sete de Setembro na região central, com o intuito de aumentar a abrangência das ações do Fõra Lacerda e transpor os limites do alcance que as redes sociais digitais permitem.

Figura 6 – Exemplos de camisa e jornal Movimenta BH com aplicação da nova identidade visual



(Fonte: facebook.com/Mov.ForaLacerda)

Como forma de ocupar os espaços da cidade, ações presenciais também foram pensadas. Festas (Fig. 7), Praias (Fig. 8), marchas, atos públicos (Fig. 9) e intervenções culturais são exemplos de ações que o Fõra Lacerda planejou durante toda sua atuação. Essas ações exprimiam a necessidade do grupo em se colocar publicamente e buscar maior visibilidade à causa e, conseqüentemente, mais legitimidade.

Figura 7 – Convite para festa organizada pelo Fõra Lacerda



(Fonte: andordenada.blogspot.com.br/2012/05/chupa-esta-laranja.html)

Figura 8 – Convite para Praia da Estação especial Fora Lacerda



(Fonte: facebook.com/Mov.Foralacerda)

Figura 9 – “Dia do Prefeito Mentiroso” organizado em 2012



(Fonte: coletivofortalecer.blogspot.com.br)

No entanto, dentre os atos públicos realizados pelo MFL, as três marchas que foram organizadas tiveram maior impacto na cena urbana da cidade. A primeira delas aconteceu em 24 de setembro de 2011 (Fig. 10), com concentração na Praça da Liberdade, na região da Savassi, e reuniu em torno de 2.000 pessoas (segundo a Polícia Militar), que caminharam até a Praça da Estação no centro da cidade. No mesmo ano, a segunda marcha (Fig. 11) foi marcada para o dia do aniversário de Belo Horizonte, em 12 de dezembro. Os manifestantes se concentraram na Praça Sete de Setembro e depois seguiram até a sede da PBH (na Avenida Afonso Pena) onde promoveram – debaixo de chuva – um jogo de futebol entre membros do MFL e do COPAC-BH. A terceira e última marcha foi realizada em 1º de setembro de 2012 (Fig. 12), iniciou-se na Praça da



Liberdade e teve fim na Praça da Estação e contou com mais de 3.500 participantes (segundo a organização).

Contando com uma rede de apoiadores – que não estavam todos inseridos organicamente no MFL, mas que compartilhavam reivindicações em comum – as marchas pintaram de laranja a região centro-sul de BH. Compartilhadas e convocadas através da internet e de boca em boca, os eventos conseguiram engajar milhares de pessoas para se posicionarem frente às ações do poder público em geral, e da PBH em particular. E, como veremos no decorrer desta pesquisa, mais do que apenas caminhar pelas ruas da cidade, as três marchas propuseram uma experiência de ação coletiva, enquanto tática de comunicação e mobilização social, para que o MFL se apresentasse e se posicionasse enquanto um grupo em público.

**Figura 10 – Convite para a 1ª Grande Marcha Fora Lacerda em 24 de setembro de 2011**



(Fonte: [gilsonsampaio.blogspot.com.br/2011/09/minas-gerais-marcha-fora-lacerda.html](http://gilsonsampaio.blogspot.com.br/2011/09/minas-gerais-marcha-fora-lacerda.html))

**Figura 11 – Convite para a 2ª Grande Marcha Fora Lacerda em 12 de dezembro de 2011**



(Fonte: [copiaml.minaslivre.com.br](http://copiaml.minaslivre.com.br))

Figura 12 – Convite para a 3ª Grande Marcha Føra Lacerda em 1º de setembro de 2012



(Fonte: facebook.com/Mov.ForaLacerda).

As informações apresentadas até aqui buscam elencar aspectos qualificadores e caracterizar o Movimento Føra Lacerda de forma ampla e nos permite tecer algumas considerações. Percebemos que o grupo se configurou a partir de uma rede de grupos e atores sociais que, vinculados a algum movimento social ou não, se articularam e rearticularam a partir de acontecimentos acerca das políticas públicas da cidade. Podemos, então, considerar que o MFL, formou-se como um público mobilizado a partir dessa rede, reunindo as várias reivindicações contra a PBH e seu modelo de gestão em um mesmo espaço de discussão para, então, incorporá-las sob uma mesma perspectiva de ação social e de práticas comunicativas. Logo, para o desenvolvimento da presente pesquisa, entendemos o Føra Lacerda como o resultado dessa agregação de diferentes públicos mobilizados que, por um determinado período, conjugaram-se sob uma mesma identidade coletiva contrária à gestão do Executivo Municipal e nomeada Movimento Føra Lacerda.

O desafio maior do MFL foi fazer as várias bandeiras (da moradia, da mobilidade, da educação, da segurança pública, da cultura, entre outras) convergirem para uma mesma perspectiva de ação. A complexidade de coordenar filiações e interesses múltiplos é inerente aos públicos mobilizados que se esforçam para gerar causas mais amplas e uma identidade coletiva em meio a demandas e bandeiras específicas. Nesse contexto, encontrar pautas comuns entre vozes tão heterogêneas pode ser uma tarefa árdua. Mas o Føra Lacerda conseguiu encontrar um denominador comum: a noção de espaço público aberto e acessível a todos. A necessidade de se ocupar e repensar a apropriação de ruas, praças e demais espaços ociosos de BH era, de

algum modo, uma premissa de quase todos os atores, grupos e organizações que fizeram parte do MFL. Isto é, a ocupação do espaço público urbano já fazia parte das reivindicações da maioria deles e foram potencializadas pelas controvérsias geradas pelos decretos da PBH.

A noção de ocupação do espaço público não foi apenas uma forma de congregar todos esses atores sociais. Durante sua atuação, o Movimento Føra Lacerda buscou se inserir em diferentes contextos de discussão sobre as políticas urbanas – em esferas formais e informais de participação. Mas o mais importante: o grupo propôs colocar-se publicamente em um espaço de visibilidade e disputa que traz consigo um simbolismo essencial para seus membros: a rua. E foram as ações de rua do MFL que chamaram nossa atenção. Pois são os modos de ação visíveis – os protestos, as festas, os shows, as greves – que nos permitem compreender a forma com que um público mobilizado se apresenta publicamente enquanto grupo para si e para os outros. São os atos públicos promovidos pelos grupos sociais que nos permitem identificar as táticas de mobilização e as formas pelas quais ele dá-se a ver em público. Assim sendo, intentamos compreender nessa pesquisa a forma com que o Føra Lacerda ocupou as ruas de Belo Horizonte, com a realização de eventos de protesto, para se posicionar publicamente, fortalecer os vínculos entre seus membros, e engajar novos participantes.

A seguir desenvolveremos, então, uma discussão teórica que nos permite investigar o modo pelo qual o MFL age em condições de publicidade, a partir da investigação dos eventos organizados pelo grupo. Mais especificamente, buscaremos compreender de que maneiras o grupo se colocou publicamente enquanto Føra Lacerda, fazendo uso de táticas e repertórios de ação coletiva na organização das três marchas planejadas entre 2011 e 2012.

## **CAPÍTULO 2 – PÚBLICOS MOBILIZADOS, EVENTOS PLANEJADOS E PERFORMANCE EM PROJETOS MOBILIZADORES**

Com o aumento das demandas sociais e a crescente reivindicação de direitos, acentua-se a necessidade de agrupamento de atores sociais na busca por uma sociedade igualitária. Atualmente, diversos grupos da sociedade civil são partes ativas na construção de um novo panorama sociopolítico e, como observa Melucci (1989):

Os atores nos conflitos são cada vez mais temporários e sua função é revelar os projetos, anunciar para a sociedade que existe um problema fundamental numa dada área. [...] Eles não lutam meramente por bens materiais ou para aumentar sua participação no sistema. Eles lutam por projetos simbólicos e culturais, por um significado e uma orientação diferentes da ação social. (MELUCCI, 1989, p. 59)

Esses grupos conquistaram um papel fundamental, pois sua ação na sociedade é responsável por identificar problemas, possibilitar discussões e prover temas para a esfera pública. Ainda, buscaram influenciar a opinião pública, conquistar novos membros, e promover uma ruptura com o senso comum.

Observar a movimentação de um público é apreender as diferentes formas pelas quais ele busca colocar-se em condições de publicidade. O público surge e se organiza de acordo com seus objetivos e as controvérsias em que está inserido, e busca constantemente afirmar seu lugar enquanto agente social em público. É essa afirmação pública – em vários espaços de visibilidade – que incentiva a coesão entre seus membros e posiciona o público na condição de grupo mobilizado em determinado contexto. Para tanto, busca construir táticas de reivindicação e enfrentamento em vista da causa pela qual se mobiliza e é na própria movimentação do público que essas táticas vão sendo traçadas. Essas formas de ação pelas quais se busca uma afirmação pública precisam propor de algum modo uma experiência de estar junto e coordenam os sujeitos participantes com o propósito de agir coletivamente. Isso se traduz em eventos de protesto, marchas, ocupações – dos repertórios mais simples de manifestação aos mais radicais –, isto é, eventos criados para romper uma dada rotina e chamar a atenção para determinado problema. É a realização de eventos enquanto recurso de afirmação pública de um público mobilizado que nos chama atenção para tentar entender qual é o papel do ato público, do evento mobilizador, da manifestação dentro do espaço público, na dinâmica de agir em condições de publicidade e propor uma experiência de ser público *em público*.

Esse interesse advém do nosso entendimento de que, no processo mobilizador, é preciso afirmar tanto a causa como demonstrar que existe um público mobilizado por ela. Ou seja, mais do que colocar publicamente suas reivindicações, é preciso apresentar em público essa coletividade que naquele momento está mobilizada em favor de um interesse comum (HENRIQUES, 2004, 2012). Assim, entendemos que o ato público não é apenas uma demonstração – de contrariedade, de indignação, de revolta –, mas também é uma apresentação de um público no espaço público.

O ato público se conforma como um evento – menos ou mais planejado, com menor ou maior grau de espontaneidade –, e como tal pretende inserir-se numa cadeia de acontecimentos, inserir-se na vida cotidiana dos sujeitos. Essa ocorrência quer exprimir algo e precisa, para isso, atrair para si as atenções. Como forma de expressão, busca uma audiência e precisa ser, de algum modo, marcante. Enquanto acontecimento, precisa romper com a normalidade cotidiana (FRANÇA, 2012; QUERÉ, 2003). Como demonstração, demanda um cenário. E o espaço público urbano mostra-se um lócus adequado para tal. Pois as ruas da cidade são carregadas de uma simbologia importante: é um espaço de visibilidade e constante disputa e, ao ser tensionado pela complexa aglomeração do ato público, sofre interferências em suas circulações habituais.

O ato público pode abranger tanto manifestações de um público bem específico quanto de multidões – que tendem a ser mais genéricas e inespecíficas. Mas é fato que os atos públicos possuem a pretensão – mesmo que meramente intuitiva – de expandirem-se. Uma multidão não vai às ruas sem a produção de um efeito mobilizador concentrado e intenso que provoque a agregação. Como observa Henriques (2015), uma vez em seu curso, uma multidão nas ruas também incide sobre públicos específicos, em suas causas particulares. Assim, a organização de eventos de protesto está diretamente ligada à formação de públicos, que podem se constituir para a realização desses eventos (como propulsor deles) ou a partir dos eventos (como resposta a eles).

### **2.1. O público: uma modalidade de experiência coletiva**

A tarefa de estudar um público mobilizado e sua movimentação é tanto instigante quanto complexa. O dinamismo inerente a estas formas de associação humana torna o trabalho ao mesmo tempo complicado e interessante. A formação e a movimentação de um grupo devem ser apreendidas levando-se em conta o contexto, os

sujeitos envolvidos e a causa que defendem. Diversos fatores também influem nessa dinâmica – o panorama sociopolítico, o posicionamento de oponentes, os repertórios utilizados, etc.–, e uma dada situação vivida por um público pode mudar diametralmente conforme o grau de influência de cada um destes fatores aumenta ou diminui. As janelas de oportunidade que se abrem a partir da interação dos sujeitos com tais fatores podem configurar o surgimento ou a movimentação de um público já que um público “simultaneamente se constitui e é constituído” – ou seja, ele se forma *na* própria interação, em seu próprio movimento (HENRIQUES, 2014, p. 4).

Entendemos, portanto, que um público não é dado antecipadamente, pois ele surge a partir de uma situação que o conforma e se movimenta de acordo com a controvérsia em que está inserido. Esse processo é dinâmico, mutável, flexível, pois os públicos são múltiplos e não são fixos. Os membros que o compõem podem mudar, no desenrolar da própria controvérsia, conforme mudem suas percepções daquilo que os afeta e alterem suas opiniões; neles as relações de pertencimento são abertas e reversíveis, ou seja, qualquer indivíduo pode integrar diferentes públicos simultaneamente e em momentos distintos (ESTEVES, 2011).

Mais do que uma forma – um modo de associação, uma totalidade organizada –, Louis Queré (2003) vê o público como modalidade de ação – ou experiência. Para ele, a ação conforma a coletividade, uma vez que o público é algo formado no decorrer de uma ação. O público é, assim, uma maneira de agir e sofrer conjuntamente uma experiência: “se é a ação que é coletiva, e não o sujeito, pode-se inferir que aquilo que define um público é um modo de associação na experiência de uma situação. Portanto uma maneira determinada de agir e sofrer conjuntamente” (QUÉRÉ, 2003, p. 129, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Enquanto uma modalidade de ação coletiva, o público se apresenta como uma atividade que aciona um sistema de relações entre seus membros, ou seja, propõe uma coordenação de ações em prol de uma coletividade. Quanto mais organizadas e planejadas as ações, maior o nível de coordenação necessário para que haja uma afirmação pública enquanto grupo. Ressaltamos que, há níveis diferentes de coordenação e definição entre os diversos públicos, e também entre os membros de um mesmo grupo. Um público, enquanto agrupamento de sujeitos que partilham valores e

---

<sup>19</sup> “Si c’est l’action qui est collective, et pas le sujet, on peut en inférer que ce qui définit un public c’est un mode d’association dans l’expérience d’une situation, donc une manière déterminée d’agir et d’endurer ensemble”.

propósitos afins, se conforma, então, a partir de indivíduos que se sentem afetados por uma situação e se agrupam para agir coletivamente em busca de uma solução, e pode se desagregar, reagrupar e rearticular de acordo com o contexto que se apresenta, numa experiência contínua de agrupamentos e reagrupamentos, buscando também envolver outras pessoas e grupos em sua proposta e em sua ação.

Se um público é uma modalidade de experiência é porque sua configuração possibilita que aqueles que dele fazem parte possam agir e sofrer um problema conjuntamente. Essa é uma interação reflexiva, em que ao mesmo tempo se age e reage coletivamente a determinada situação. E é a necessidade de afirmação pública desse público que permite a representação da realidade do grupo, num processo de afetividade – busca-se afetar aqueles de fora para aderir à causa –, mas também os já participantes precisam reafirmar sua afetação. Significa, portanto, uma experiência indutora e emocional onde se escolhe participar ou não, mas onde, em qualquer caso, busca-se envolvimento, constroem-se vínculos.

Queré (2003) também compreende o público enquanto um conjunto de particulares passíveis de serem afetados coletivamente. Um público se forma toda vez que um conjunto de cidadãos se vê afetado pelas consequências indiretas de atos privados. Isto é, pelas consequências que afetam outras pessoas distintas das que estão imediatamente implicadas na ação. Para Dewey (1954), a percepção dessa afetação requer um esforço de controle da ação para assegurar umas consequências e evitar outras. E uma das formas pelas quais Henriques (2012) propõe explicar esse processo é através da problematização, ou seja, ao perceber e reconhecer as consequências indiretas que demandem alguma atenção, promove-se um sentido de afetação e cria-se uma visão generalizante dessas consequências. Queré (2003) contribui nessa linha de pensamento ao vislumbrar que um público se materializa a partir da situação que o conforma. E ao surgir uma situação problemática, esta convida à ação. Segundo ele, aqueles que se habilitam a fazer parte dessa ação, sob interesses e valores comuns, representam seu público.

Silva (2013), nesta mesma lógica, compreende que o público se posiciona perante aquilo que o afeta, produzindo e compartilhando sentidos, adotando comportamentos e fazendo escolhas, assumindo, portanto, um papel de agente. Dessa forma, um público intenta afirmar-se publicamente enquanto agente e, ao fazer isso, propõe e atualiza um modo de experiência de estar junto e de agir em conjunto – tanto para os outros quanto para si próprio.

É fundamental compreender, nessa visão, a importância da existência de uma dimensão coletiva nos públicos. [...] A existência de formas compartilhadas de ver e compreender os acontecimentos são imprescindíveis para a formação de um público. Inerentemente ao público está um aspecto coletivo, uma estrutura compartilhada que imprime sua marca no entendimento sobre o que afeta aquelas pessoas e sobre como será sua atuação (SILVA, 2013, p. 88-89).

Partindo dessa noção de situação problemática que afeta os sujeitos e os fazem posicionar-se, Henriques (2014) discute que daí derivam dois pontos essenciais a esse raciocínio: o primeiro diz de uma questão que extrapola o domínio de interesses particulares para alcançar um interesse público, e o segundo refere-se à noção de que devido às divisões nos seus posicionamentos esses públicos são formas coletivas que podem estar tanto em conflito quanto em colaboração entre si e, portanto, suas ações os influenciam reciprocamente.

A problemática incentiva a formação de públicos e motiva sua movimentação a favor ou contra determinada situação, numa busca contínua para demonstrar publicamente que a causa pela qual se luta é do interesse de todos. Um público, ao ver-se diante de uma questão que o afeta, põe-se em movimento no sentido de ganhar visibilidade (agir em condições de publicidade) e, com isso, ter a chance demonstrar uma possível generalização do interesse (HENRIQUES, 2014). Ao falarmos em busca por visibilidade e generalização de interesses, é possível entender que, mesmo que restrito a um pequeno grupo, um público sempre tende a se mostrar como representante de alguma opinião ou de alguma vontade que o extrapolam. Deseja, além do mais, a maior expansão possível dessa representação, pois do contrário perde a sua própria razão de ser.

Para oferecer uma visão mais geral de que, afinal, representa uma totalidade abstrata, um público busca influenciar outros públicos. No fim das contas, chega-se à conclusão de que a ação pública destina-se a públicos, o que significa que um público se constitui no horizonte de um outro público (BABO-LANÇA, 2013; HENRIQUES, 2014).

Tendo em vista esse objetivo de aumentar a abrangência de suas ações, a partir da coletivização da causa e da generalização do interesse, um público mobilizado empenha seus esforços no planejamento de ações e na definição de táticas a serem realizadas em conjunto. Exemplo disso são as demonstrações públicas – de apoio ou denúncia – que permitem que um público extrapole seu núcleo interno de compartilhamento de valores e consiga a adesão de potenciais membros, possa



demonstrar assertivamente seu descontentamento (ou aprovação) e apresente publicamente seu posicionamento. Assim sendo, a partir dos apontamentos que desenvolvemos até aqui sobre a formação de públicos, na próxima seção vamos discutir a noção de um agir coletivo que esses públicos propõem.

## **2.2. A lógica emergente dos públicos e o chamado à ação coletiva**

Num processo de mobilização social, a conformação de uma ação postulada coletivamente ocorre quando alguns ou vários dos sujeitos convocados se propõem a tomar parte na causa. E isso acontece quando esses sujeitos são convidados a participar de alguma forma e aceitam a empreitada, menos ou mais engajados. Cria-se, portanto, uma experiência de ação coletiva, onde as pessoas envolvidas estarão de fato agindo – em condições de publicidade – e afirmando que o grupo existe e se movimenta em prol de uma causa. Essa afirmação é o que dá os contornos de um público mobilizado. A transformação de um mero agrupamento em um grupo ocorre quando os sujeitos passam a identificar-se enquanto grupo (HENRIQUES, 2010).

Eyerman (2006) ressalta que um grupo surge quando sujeitos díspares e em constante movimentação percebem-se unidos por um mesmo objetivo. As pessoas e organizações circulam para dentro e para fora de um grupo social, mas o sentimento de coletividade, sempre contínuo no tempo e espaço, é o que configura um grupo. Para que isso seja possível, a identidade coletiva e a solidariedade devem ser construídas num processo que envolve necessariamente diferenciar aqueles que estão dentro dos de fora. A definição de “quem nós somos” diferencia daquilo que “não somos”, ao mesmo tempo em que identifica sobre o que lutamos. Para o autor, essa concepção do “outro” deve ser construída, fornecendo uma força motriz ao grupo. E é nessa conformação do “nós” e do “outro” que pode-se compreender o processo de grupalização dos sujeitos. O termo, utilizado também na psicologia social, diz de um processo de transformação de um agrupamento qualquer em um grupo, capaz de promover transformação e mudança (PICHON-RIVIÈRE, 1986). Portanto, entendemos que um público mobilizado surge quando há a capacidade de agir com um determinado nível de organização e coordenação de ações, tanto interna quanto externamente, perdendo seu caráter de mero agrupamento difuso.

Dessa forma, as condições indispensáveis à formação do público são, na concepção de Dewey (1954), que “ele tome consciência de si mesmo” e que identifique

as circunstâncias concretas que o originaram. “Somente uma investigação (*inquiry*) contínua, persistente e conectada com as condições de uma situação permite a formação de uma opinião sobre os assuntos públicos”. O autor fala em uma “inteligência cooperativa”, que sustenta, distribui e configura a experiência dos atores, e que comanda também as modalidades de engajamento na ação coletiva – uma (co)ordenação de ações postuladas em conjunto conformando uma coletividade.

Nesta perspectiva, uma vez formado um grupo capaz de se identificar com a situação problemática e de abraçar a causa, compreende-se que é da própria lógica do processo de mobilização “a demanda por ampliação da participação e do engajamento, conquistando a adesão de outros públicos, pessoas e grupos com os quais seja possível compartilhar sentimentos, conhecimentos e responsabilidades” (HENRIQUES, 2010, p. 96).

Mobilização social é, antes de tudo, uma “reunião de sujeitos que definem objetivos e compartilham sentimentos, conhecimentos e responsabilidades para a transformação de uma dada realidade, movidos por um acordo em relação a determinada causa de interesse público” (HENRIQUES et al., 2004, p. 36). É, ainda, um processo que ocorre em função da constituição de causas de interesse público, e está intrinsecamente relacionado à necessidade dos públicos em publicizar seus interesses e se posicionar na esfera pública como representante legítimo da causa.

Ao se mobilizarem, aqueles que fazem parte do público, dentro do contexto de mobilização, compartilham uma experiência de ação formada coletivamente. Nesse sentido, Henriques (2014) postula que um público pode se formar a partir da projeção de uma experiência. Isso se dá por sugestão, isto é, toda vez que remetemos a algum público presumido como “interessado” propomos a ele uma experiência de envolvimento concreto em alguma questão, promovendo um interesse.

Entendemos, dentro desta lógica, que a experiência se dá a partir da interação entre os indivíduos e o mundo da vida, e que o processo experiencial está sujeito às interferências do contexto em que acontece. E, portanto, se adapta a essas novas conjunturas e se desenvolve a partir da ressignificação que os sujeitos fazem dos acontecimentos que ocorrem. George Herbert Mead (1932) sustenta que os acontecimentos insurgem como algo novo na realidade, inscrevem-se em um processo temporal em curso na experiência e sob determinadas condições, as quais influenciam sua emergência, ainda que não a condicionem completamente.

Sendo assim, compreende-se que o processo experiencial está intrinsecamente ligado ao que ocorre em seu curso. E, quando algo novo, inesperado – espontâneo ou não – ocorre, a experiência dos sujeitos se transforma de acordo com a forma com que aqueles nela inseridos interpretam e vivenciam o ocorrido. Quando um dado acontecimento irrompe numa determinada realidade, os sujeitos ressignificam seu modo de experiência – relacionando-o ao que já viveram e configurando o que virá em seguida – ao buscarem assimilar este acontecimento.

O acontecimento que nos referimos aqui diz de uma emergência que instaura sentidos e rompe com a continuidade da experiência (QUERÉ, 2005). Queré defende que o acontecimento introduz uma descontinuidade, superando as possibilidades do previamente calculado. França (2012), por sua vez, afirma que o acontecimento “se passa no domínio da experiência e se realiza – ou não – a partir de seu poder de afetação na ação dos sujeitos, de sua capacidade de interferência no quadro da normalidade e das expectativas previstas no desenrolar do cotidiano de um povo” (FRANÇA, 2012, p. 45). Assim, o acontecimento não passa a existir somente quando e porque o percebemos; “ele o é exatamente porque se faz perceber e nos faz falar” (FRANÇA, 2012).

O acontecimento ao emergir no curso da experiência dos sujeitos, implica uma quebra da rotina, da expectativa e do senso comum, e demanda dos sujeitos ali envolvidos que se posicionem frente a essa mudança. França e Almeida (2008) pontuam que o acontecimento importa por suas consequências, pela maneira como penetra na vida social, transformando-a. Caracteriza-se, sobretudo, pela interferência nos comportamentos e pelo atravessamento que produz na experiência daqueles que o sofrem. “O acontecimento rompe o decorrer da vivência comum, e sua contraefetuação busca apaziguar e reordenar o sentido da experiência ordinária” (LANA & FRANÇA, 2008, p. 5).

E é no processo experiencial dos sujeitos, numa dimensão de interação social e de reflexividade, que um público se constitui. A afetação provocada pela emergência de um acontecimento no percurso experiencial dos sujeitos culmina em um processo de significação e problematização desse acontecimento, e há aí um potencial para que um ou mais públicos se formem a partir dessa problemática. Ao promoverem uma afetação, os acontecimentos fazem eclodir a formação de uma coletividade, possibilitando a ação em favor de um interesse comum.

A experiência coletiva dos públicos em um processo de mobilização dentro de uma controvérsia configurou a emergência do Movimento Føra Lacerda, pois não só

possibilitou a formação de públicos a partir de sua afetação, como buscou promover também uma (re)ação coletiva. Antes de examinar, criticar, questionar, e por em xeque aquilo que Lacerda e seus secretários estavam propondo especialmente para o espaço público da cidade, esses públicos problematizaram sua própria situação dentro deste contexto de dissenso. O processo de agir coletivamente advém de uma articulação de sujeitos, que potencialmente formarão um público e que, por sua vez, se inaugura no despontar de um acontecimento e suas reverberações. O MFL se configurou nessa lógica, pois públicos se formaram e outros já constituídos se mobilizaram em diversos setores de Belo Horizonte, associando-se a partir de um problema em comum: o descontentamento com as ações da Prefeitura na gestão de Márcio Lacerda.

Interessante pontuar que por ação coletiva entendemos um processo que envolve mais de uma pessoa e configura um agenciamento de acordo com determinada reivindicação (OLZAK, 1989). Por agenciamento, deste modo, compreendemos aquilo que envolve atos que publicizam uma reivindicação que, se percebida, pode afetar o interesse de pessoas ou grupos para além daquele público já mobilizado (TILLY, 1978).

Daniel Cefai (2009) afirma que a ação coletiva produz, simultaneamente, critérios de experiência que vão permitir a seus atores que se orientem, compreendam o que fazem e o que as circunstâncias fazem deles. Ele entende que a vida em sociedade e a busca por uma sociabilidade harmoniosa não para de se reconfigurar ao se confrontar com atos de resistência, protesto, desobediência e crítica, de denúncia e reivindicação, ou simplesmente, “sem carregar necessariamente essa valência negativa, de investigação, experimentação, cooperação e inovação” (CEFAI, 2009, p. 28).

Atrelando ação coletiva e experiência, Cefai afirma que mais do que serem guiados em direção a um ponto estratégico, os sujeitos que se engajam são afetados por situações em que contribuem para definir e dominar; eles são expostos a eventos que os abalam e os tiram da rotina, “remanejando seus critérios de compreensão e reorganizando seus horizontes de inteligibilidade”. Aquém das estratégias racionais ou das determinações estruturais, a ação coletiva se deixa abalar pelos eventos, que por vezes só afetam particulares, mas podem ganhar uma amplitude maior e influenciar pessoas bem distantes daquelas que são diretamente tocadas “levando-as a formar uma experiência comum, a se indignarem em conjunto e a se mobilizarem em público” (CEFAI, 2009, p. 32).

A dificuldade de definir, delimitar e precisar todas as forças que compõem a erupção de uma articulação coletiva é tanto provocante quanto complexa. Cefai (2009)

também nos ajuda a empreender essa tarefa labiríntica ao esclarecer que a pragmática dos regimes de ação é uma incitação a desenvolver o esforço de descrever e analisar, em situação, a grande confusão de lógicas de racionalidade e de legitimidade que se imbricam em seus cursos de ação, e de decifrar os modos de organização da experiência de seus atores e espectadores.

Engajar o devir coletivo e público num fluxo de experiência é o principal desafio de muitas mobilizações coletivas. Quando John Dewey (1954) descreve a emergência do coletivo de exploradores e experimentadores que forma um público, ele se refere a essa dimensão experiencial, inerentemente afetiva, cognitiva e normativa, ancorada no presente, mas abrindo para horizontes no passado e no presente, em que convicções pessoais vão se formar, se reforçar e se exprimir em um processo de coletivização e de publicização de um caso, de um problema ou de uma causa (DEWEY, 1954). E esse público se movimenta de acordo com seus interesses num processo de mobilização de recursos e vontades, e é esse movimentar que inaugura uma dinâmica de ação coletiva – planejada ou espontânea – em espaços de visibilidade e conflito.

O próprio de uma mobilização não totalmente rotineira é que ela abala o consenso presumido da experiência do senso comum e põe à prova a atitude natural dos indivíduos que a compõem. A constituição de um desafio de mobilização, de protesto e de conflito acompanha a articulação de uma arena pública, para onde apontam os atores coletivos e onde emergem novos universos de sentido – senso comum, mesmo se controverso (CEFAI, 2009, p. 26-27).

Essa experiência vivida em conjunto muitas vezes toma forma enquanto eventos de protesto, ou seja, acontecimentos planejados para romper a rotina da cidade e que permitem a afirmação pública do grupo – tanto para os atores externos a ele quanto para si próprio. Do mesmo modo, esses eventos possuem um caráter comunicacional que perpassa a necessidade de manifestação e compartilhamento de interesses em público, e que são fundamentais para a manutenção da problematização e legitimação de uma causa pela opinião pública. Pois é através da comunicação que um processo de mobilização social ganha força, respaldo e visibilidade. Como pontua Henriques (2007), na comunicação dos movimentos sociais ou de projetos mobilizadores, uma questão central é que estratégias e táticas de comunicação são requeridas especialmente para dirigir aos públicos de interesses apelos que possam convencê-los de que uma causa existe em função de um problema concreto, enquadra-se num contexto mais amplo, de que ele deve interessar a todos e é passível de transformação. Portanto, desenvolveremos a seguir esta ideia de comunicação voltada para um processo de

mobilização social e sua dimensão tática como fatores fundamentais para o sucesso da causa, ao redesenhar e justapor repertórios de ação coletiva.

### **2.3. A perspectiva tática da mobilização social e os repertórios de ação coletiva**

Ao lançarmos luz ao surgimento do Movimento Føra Lacerda em Belo Horizonte, devemos levar em conta seu processo de mobilização social como um todo e o que dele derivou. Propomos, então, analisar as ações de comunicação do MFL sob uma perspectiva tática, buscando perceber indícios de seu planejamento e de sua movimentação no intento de ganhar mais visibilidade, legitimidade e influência, a partir da investigação dos recursos comunicativos – discursivos, dramáticos, sonoros, visuais e simbólicos – que foram empenhados durante as três marchas organizadas pelo grupo.

Entendemos por tática as escolhas feitas pelos atores sociais durante o processo de mobilização; são as decisões em relação às ações a serem tomadas levando-se em conta as oportunidades, os objetivos e o contexto vigente. Essa perspectiva tem embasamento nas considerações de Michel de Certeau (1994). O autor assevera que as táticas têm que jogar constantemente com os acontecimentos para transformá-los em ocasiões, mas se aproveitam dessas ocasiões sem prever saídas. “[A tática] Tem que utilizar as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo. [...] Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia” (CERTEAU, 1994, p. 101). Nesta lógica, as escolhas táticas dos públicos mobilizados voltam-se prioritariamente para as janelas de oportunidade para colocarem-se em espaços de visibilidade, evidenciando o caráter emergencial dos atos públicos. Essas decisões são feitas visando surpreender, e elegem recursos que demonstrem um certo grau de inovação e de espontaneidade.

Tais recursos são empregados como formas possíveis para o grupo se afirmar em público, e fazem parte de repertórios de ação inerentes aos movimentos sociais e aos públicos mobilizados. Referem-se a um conjunto de ações comumente usadas para a expressão política dos sujeitos, tais como a disponibilização de peças publicitárias e de material audiovisual, a ocupação dos espaços públicos, privados e cibernéticos, a realização de eventos, viagens, premiações, espetáculos e demais recursos estratégicos de comunicação. E são elas que tornam públicas causas e reivindicações, e colocam um movimento ou grupo social num espaço visível de disputa de sentidos. Importante ressaltar que esses repertórios de ação vêm se renovando de acordo com as novas formas de participação política e, principalmente, a partir do surgimento da internet.

Compreendemos que os repertórios de ação não são apenas o que as pessoas utilizam quando possuem uma demanda (*claim*); é também o que se sabe fazer e o que a sociedade espera que o grupo opte por fazer a partir de um conjunto culturalmente sancionado e empiricamente limitado de opções (TILLY, 1978). A partir das ações baseadas em um certo repertório, Tilly assevera que os atores sociais devem achar caminhos para expressar seu valor e seu grau de coesão. Neste sentido, um público mobilizado se configuraria em uma campanha de reivindicações, em relação a detentores de poder, que utiliza um determinado repertório designado para exibir merecimento coletivo, unidade, numerosidade e comprometimento (KRIESI, 2009).

Tilly também fala em *repertoires of contention* (repertórios de confronto), compreendendo que muitas das ações baseadas nesses repertórios visam quebrar uma rotina e criar uma controvérsia – e muitas vezes desencadear um embate. Para ele, os “*repertoires of contention* são formas conversacionais que incluem a troca de informação entre manifestantes e seus públicos” (TILLY, 2006, p. 118). Esta proposição de Tilly facilita a separação da noção popular de protestos entre seus componentes convencionais e não convencionais. Já que em determinados períodos da história, algumas formas de ação coletiva são autenticadas pelo hábito, pela expectativa e até pela lei, enquanto outras são menos familiares, mais inesperadas e, por isso, podem ser rejeitadas pelas elites e pelo público em geral.

Essa perspectiva, contudo, está muito voltada para a visão de que os repertórios de confronto são conjuntos de informação de base estritamente racional, ignorando a dimensão poética da política que é também acionada nos projetos mobilizadores. Isso se dá, dentre outras maneiras, pela estética, na construção de uma situação de visibilidade e de fala a partir do conflito político. São as cenas de dissenso a que Jacques Rancière (2004) se refere e que surgem quando “ações de sujeitos que não eram, até então, contados como interlocutores, irrompem e provocam rupturas na unidade daquilo que é dado e na evidência do visível para desenhar uma nova topografia do possível” (RANCIÈRE, 2004, p. 55). Essas cenas de dissenso misturam a dramaticidade da cena teatral com a racionalidade da cena argumentativa e, portanto, demandam uma inventividade onde os atores sociais acionam discursos, símbolos, imagens e sons para reconfigurar seu processo experiencial.

[...] a existência de uma base estética para a política, além de ser um desafio à oposição entre interlocutores legítimos e ilegítimos, remete à invenção da cena de visibilidade/aparência e de interlocução na qual se inscreve o rosto e a palavra do sujeito, e na qual esse próprio sujeito se constitui de maneira performática (MARQUES, 2014, p. 75).

Os repertórios de ação significam uma “história de contínua inovação e modulação”, uma inovação na rotina social em que o imprevisto dos atores modifica ligeiramente seu desempenho previsto no repertório. E também nas crises e ciclos de protesto, onde há variações rápidas nas oportunidades políticas que, apreendidas de formas diferentes pelos atores, conforme a posição que ocupam, geram expectativas e resultados diferentes (TILLY, 2006). Esse pensamento ilustra que os detentores de poder tendem a repetir estratégias bem sucedidas no passado, fixando-se em repertórios rígidos; já os “desafiantes” adotam repertórios flexíveis, pois lhes interessa o fator tático da surpresa que a inovação pode trazer. Essa dinâmica de repertórios é, então, “um processo relacional e disputado (pelos agentes em interações conflituosas), histórica e culturalmente enraizado (o peso da tradição) e condicionado pelo ambiente político nacional (as estruturas de oportunidade)” (ALONSO, 2012, p. 31). Isso confere uma característica de dinamismo aos repertórios de ação.

Essa disputa entre os atores faz emergir, a partir das oportunidades que o contexto político proporciona, novas modalidades de ação dentro do escopo de repertórios já existentes. Os atores sociais estão constantemente criando novas formas de participação política, de acordo com seu envolvimento em disputas pela definição das estratégias de mobilização e formação de alianças, tanto através do uso de novas tecnologias quanto dos veículos de comunicação convencionais. Novas modalidades de ação emergem através de formas alternativas de manifestação e protesto que, por sua vez, têm surgido por meio do uso das novas tecnologias de comunicação, como a internet e os aplicativos para celulares, e da transformação das formas convencionais, atravessadas por essas novas possibilidades.

Isso acontece porque os repertórios preexistentes corporificam uma tensão criativa entre inovação e persistência: a eficácia instrumental de um repertório deriva basicamente de sua novidade, de sua habilidade de, temporariamente, pegar desprevenidos oponentes ou autoridades e de criar exemplos de desordem pública que são custosos aos interesses estabelecidos. O uso repetido do mesmo repertório diminui sua eficácia instrumental e, desta forma, encoraja a inovação tática. Esta é a maior razão para a escalada e a radicalização das táticas em muitas campanhas mobilizadoras, e leva os atores sociais a fazerem concessões às suas facções mais radicais, condenando-os a serem descritos como extremistas por seus oponentes e pela mídia (McADAM, TARROW, TILLY, 2001).



Entendendo que o ativismo político caracteriza-se por ações ao mesmo tempo de transgressão e solidariedade – transgressão pela oposição a certa condição social com vistas à sua transformação, e solidariedade pelo caráter coletivo guiado à mudança social (JORDAN, 2004), as ações que derivam daí estão constantemente voltadas para uma esfera de ação política indireta, mas que tangencia e tensiona a todo momento as esferas formais de participação política. Dessa forma, o ativismo e suas modalidades de ação coletiva buscam transpassar os canais formais de participação, buscando novos caminhos para reivindicar direitos, publicizar o dissenso e coletivizar causas, lançando mão muitas vezes de ações mais radicais para tal. Exemplos disso são as barricadas, depredações de patrimônio público ou privado, queima de bandeiras, emboscadas, execuções, atos terroristas (que muitas vezes se aproximam de táticas de guerrilha urbana), e as greves, ocupações, passeatas, pichações, e interrupções de trânsito, que, apesar de mais brandas, também possuem potencial para o conflito.

De todo modo, são as modalidades de ação, utilizadas para a afirmação pública, que dão a base para entender o posicionamento público dos grupos sociais. É neste sentido que os repertórios (em sua dimensão comunicacional) operam para desafiar sentidos dominantes, e explorar algo que está ainda para além da visibilidade. Esses repertórios de ação perpassam, portanto, a dimensão comunicacional, para que o processo de mobilização social se torne possível.

Alice Mattoni (2013), nessa lógica, propõe expandir a conceituação dos repertórios de confronto a partir de uma discussão sobre práticas relacionais nos meios de comunicação, levando em conta a existência de repertórios *de comunicação*. Essa categoria de repertórios é descrita pela autora como um conjunto de práticas relacionais na mídia que atores sociais podem possivelmente fazer uso, com base em seus conhecimentos sobre os meios de comunicação e, então, as desenvolve nas fases de latência e visibilidade da mobilização social para alcançar outros atores posicionados dentro e fora do grupo mobilizado. Mattoni (2013) afirma que os repertórios de comunicação estão situados num contexto mais amplo que promove um escopo de recursos comunicacionais para os atores sociais, que por sua vez os empregam de acordo com suas próprias políticas culturais. E esses repertórios de comunicação são dinâmicos em dois vieses: primeiro porque eles se transformam de acordo com as mudanças no ambiente midiático durante a apropriação de novas práticas e novas tecnologias. E, segundo, porque os próprios atores e grupos sociais podem mudar com o tempo (MATTONI, 2013).

Para fazer uma ligação entre o público e a causa e estimular o processo de mudança, os sujeitos fazem uso de elementos de comunicação para a manutenção da mobilização que organizam o grupo ou movimento ligando uma ação à outra, coordenando-as. Aos projetos de mobilização social importa não somente construir uma causa a ser defendida, mas também encontrar mecanismos responsáveis por tornar essa causa visível, para que seja passível de comunicação e debate entre os sujeitos. Uma vez que, num contexto de mobilização social, a amplitude de uma controvérsia está diretamente ligada à visibilidade pública que ganha em diversas esferas da vida social (MAFRA, 2006).

Nesse sentido, é preciso identificar as características espetaculares de ações e as táticas de comunicação para mobilização social, buscando entendê-las como parte de um processo maior, sem perder de vista seu principal objetivo: convocar vontades e reunir sujeitos para a transformação de uma realidade. Ou seja, táticas comunicativas como passeatas, divulgação de manifestos, realização de eventos festivos ou eventos com o objetivo de discussão do problema, como simpósios e congressos, entre outros, são importantes para o processo mobilizador. E os eventos organizados por grupos sociais possuem uma dimensão que perpassa a noção de performance pois muitas vezes busca-se representar a problemática em que se está inserido a fim de dar a ver sua movimentação.

Analisar a coordenação de ações coletivas, sob uma perspectiva performática, dentro do contexto de controvérsia e disputa de sentidos, facilita a compreensão acerca da articulação e movimentação de públicos mobilizados enquanto consequência de uma problemática. Ademais, como uma modalidade de experiência (menos ou mais organizada), o comportamento e a performance de um público só podem ser compreendidos em meio à dinâmica das suas interações e de modo contingencial (HENRIQUES, 2014). O que buscamos apreender desse esforço é a configuração de eventos planejados, apresentados a partir de uma dimensão performática, usada pelo MFL para se apresentar e se posicionar publicamente em um contexto político de jogo de interesses.

#### **2.4. A dimensão performática da afirmação pública**

Grupos sociais convocam indivíduos, suas emoções e cognições ao mobilizarem os sujeitos para se tornarem parte de grupos voltados para a coletividade. Essa

convocação ocorre uma vez que esses grupos conseguem modificar hábitos e práticas sociais, transformando também as instituições e suas práticas. Para que isso aconteça, um público mobilizado deve se expressar e comunicar sua causa publicamente, expressar injustiças em comum, comunicar descontentamento, protestar e, no melhor das hipóteses, provocar mudanças de atitude práticas naqueles dentro e fora do grupo (EYERMAN, 2006). E os elementos que constituem o referencial simbólico da causa são de extrema relevância em um contexto mobilizador e para o incentivo à ação coletiva.

Os chamados fatores de identificação são capazes de gerar sentimentos de reconhecimento, pertencimento e corresponsabilidade nos públicos do projeto e na sociedade em geral (BRAGA, SILVA & MAFRA, 2002). Esses elementos atuam no campo do simbólico, não são palpáveis, mesmo quando esses elementos podem ser materialmente observados, tocados ou apropriados. E podem ser espontâneos, como olhares, expressões, sentimentos, posturas, ou estrategicamente planejados, como hinos, bandeiras, identidade visual, entre outros.

Os fatores de identificação são essenciais porque são grandes responsáveis por promover o processo mobilizador e por buscar sua manutenção durante todo o tempo de existência do movimento, garantindo a afirmação de uma identidade que possa orientar o mesmo e caracterizá-lo. São apropriados pelas pessoas à medida que eles geram reconhecimento ao trazerem valores compatíveis com seu repertório simbólico. E são também primordiais porque “estabelecem e estimulam o início de um processo de mudança de mentalidade nos indivíduos e, conseqüentemente, com a expansão deste processo, tendem a contribuir também para uma mudança cultural de valores sociais coletivos” (BRAGA, SILVA & MAFRA, 2002, p. 73-74).

Estes fatores também levam em conta a existência de uma ritualística inerente aos públicos mobilizados, que se evidencia na forma com que os sujeitos se apresentam e expõem sua movimentação.

A ritualística promove a manifestação das crenças e a revitalização dos sentimentos e disposições. O que torna a ritualística intensa e perceptiva é o cerimonial bem estruturado, porque, dentro da perspectiva de coordenação de ações, orienta o encontro para que ocorra o diálogo entre os sujeitos. Ações coletivas, passeatas, congressos, reuniões e outros que congregam e reúnem as pessoas para comunhão de algo maior, organizados a partir de ritualísticas [...] (BRAGA, SILVA & MAFRA, 2002, p. 78).

Essa ritualística, proposta pelos atores sociais a seus públicos enquanto experiência coletiva, permite a aproximação entre os envolvidos e possibilita que as

pessoas se sintam legitimadas, respaldadas e predispostas a prosseguir no grupo. Assim, a partir de um universo amplo de significados, os atores sociais fazem escolhas conscientes e inconscientes sobre os caminhos que desejam fazer e o conjunto específico de significados que desejam projetar publicamente para seus públicos. Uma vez em movimento, essa força social consegue movimentar outros, adversários e potenciais participantes, a partir de suas ações e da visibilidade que se ganha a partir delas.

Demonstrações públicas são representações de comprometimento e solidariedade, e essas práticas também são transformadoras na medida em que ajudam a amenizar os limites entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado, e ajudam a unir um grupo através da criação de fortes vínculos emocionais entre os manifestantes. A experiência de ação coletiva desperta um sentimento de solidariedade e produz uma memória coletiva. Assim, “uma história coletiva emerge, conectando lugares e eventos, e uma metáfora, o grupo, é aplicada. Nós estamos aqui agora, nós estivemos aqui no passado, e nós estaremos juntos no futuro. Nós somos um grupo” (EYERMAN, 2006, p. 196, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Ocorre, então, uma modalidade de ação postulada coletivamente que caracteriza dramaturgicamente um sentido de afetação (de demonstrar aquilo que os afeta e afetar aqueles que os observam), numa *mise en scene* que tem a ver com a experiência concreta dos sujeitos em relação àquilo que sofrem e que permite que o grupo demonstre publicamente que todos ali presentes agem em conjunto. Os sujeitos representam publicamente seu sofrer em conjunto, configurando uma dramaturgia onde se representa aquilo pelo qual se luta, isto é, conformando uma performance.

Daniel Cefai (2009) trata dessa noção de performance afirmando que os atores buscam nesses repertórios dramáticos de performances, de retóricas e de argumentação, dar forma a suas atividades de crítica, denúncia e reivindicação. Para ele, essas modalidades de representação, por meio de argumentos e narrativas, comandam maneiras típicas de atuar, de persuadir e de retratar uma situação diante de públicos. “Trata-se, mais uma vez, de atos de publicização que, além de moldarem os meios de pertinência, as paisagens de experiência e as perspectivas de ação dos protagonistas, se oferecem à aprovação ou à crítica dos públicos” (CEFAI, 2009, p. 30).

---

<sup>20</sup> “A collective story emerges, linking places and events together and a metaphor, the movement, is applied. We are here now, we were there then, and we will be together in the future. We are a movement”.

Charles Tilly (2008), neste ensejo, compreende que os repertórios de ação são apreendidos durante as performances – só se aprende a marchar, marchando – e estas mesmas performances modificam os repertórios, contínua e incrementalmente. Esta abordagem privilegia, assim, o improviso, a capacidade dos atores de selecionar e modificar as performances de um repertório, para ajustá-las a programas, às circunstâncias e à tradição local, isto é, ao contexto de sentido daquele grupo, naquela sociedade. “No interior de um limitado conjunto [o repertório], os atores escolhem quais peças irão encenar aqui e agora, e em qual ordem” (Tilly, 2008, p. 14, tradução nossa)<sup>21</sup>. Entretanto, a visada de Tilly peca por não considerar que os atores sociais nem sempre contam com um processo de planejamento estratégico estruturado, em que os atores decidem essas questões racionalmente e todos juntos. Muito pelo contrário, em grande parte dos projetos mobilizadores os sujeitos definem suas ações durante o processo experiencial, a partir do que vivenciam no fluir da própria afirmação pública, ou seja, frequentemente a ordenação vai se acertando no próprio movimentar do grupo.

Isto posto, é importante destacar o que entendemos por performance nesse contexto de mobilização social. Os estudos sobre performance são interdisciplinares, interculturais e intergêneros e, portanto, instáveis. Enquanto uma disciplina, os estudos da performance não podem ser mapeados integralmente pois ultrapassam fronteiras e, na maioria das vezes, estão imbricados em objetos inesperados. Estão inerentemente num entre-meio e, por isso, não podem ser situados de forma exata (SCHECHNER, 1998). Diversos autores se propuseram a pensar a noção de performance, atrelada à sociologia. Apresentamos, então, as principais considerações que corroboram nosso esforço de pesquisa em quatro perspectivas distintas sobre as performances: a) enquanto ato público; b) enquanto processo social; c) enquanto modalidade de experiência; e d) enquanto processo empático.

- a) Performance enquanto ato público: a performance para Hanspeter Kriesi (2009), iguala-se com o que popularmente chamamos de eventos de protesto – as manifestações, petições, e greves – ou episódios onde as pessoas fazem reivindicações e, em seguida, se dispersam. Entretanto, o próprio autor salienta que essa noção de performance não deve ser atrelada ao entendimento de que cada episódio corresponde a um ato público isolado, porque num mesmo

---

<sup>21</sup> “Within the limited array, the players choose which pieces they will perform here and now, in what order”.

momento acontecem mais de uma ação (como por exemplo, uma marcha e, dentro dela, uma esquete de teatro), e porque performances às vezes são transformadas em algo mais a partir da interação com outros atores, dada à sua imprevisibilidade inerente (por exemplo, uma manifestação pacífica que se torna um motim). São essas performances, afirma Kriesi (2009) que, quando tipificadas e compreendidas em um dado curso da história, constituem os repertórios de ação.

- b) Performance enquanto processo social: Jeffrey Alexander (2006) acredita que, tanto num nível micro como no macro, tanto entre os sujeitos e entre – e dentro das – coletividades, nossa sociedade está permeada por atividades simbólicas e ritualísticas. Assim, para o autor, as performances são processos sociais pelos quais atores, individualmente ou em grupo, exibem para outrem os significados de sua situação social. Performances focam em corporalidade e presença, pois é o que faz um grupo se mover e mover outros – dando materialidade à luta, à reivindicação, à causa. E, para ele, é de grande importância porque uma performance dramatiza e expressa energicamente uma movimentação através de atos planejados, comunicando protestos para além do próprio grupo. Schechner (1998) também entende as performances como um processo social, pois para ele são um conjunto de atos performáticos que, se desenvolvidos adequadamente, vão catalizar interações numa arena social mais ampla, desestabilizar as estruturas normativas vigentes, inspirar um pensamento crítico, e familiarizar novamente os atores sociais com a dimensão existencial da vida.
- c) Performance enquanto modalidade de experiência: Charles Tilly (2008) compreende que as performances, como a experiência presente, os sentidos e usos dos agentes em suas interações confrontacionais, transformam os repertórios de ação e propõem um processo experiencial – uma experiência de estar em conjunto e comungar de sentimentos comuns em um determinado momento e em um determinado espaço –, possibilitando envolver-se na questão – inserir-se entre os seus meandros e deixar-se afetar por ela, ainda que simbolicamente.

- d) Performance enquanto processo empático: o caráter experiencial da performance se desdobra em um processo empático, onde ocorre a expansão da ação necessária ao envolvimento (HENRIQUES, 2014). Deste modo, os grupos sociais em si são uma forma de agir em público, uma performance política que envolve a representação em sua forma dramática, enquanto os atores evocam emoções dentro e fora de seus círculos tentando comunicar suas mensagens. Tal performance é sempre pública, uma vez que demanda um público que é de interesse e deve ser mobilizado. Os atores sociais performam, dramatizam e transmitem informação adicionando poderosas emoções às suas ações, que reapresentam narrativas conhecidas através de símbolos. Ron Eyerman (2006) também entende que as performances têm por objetivo atingir uma simetria positiva entre os objetivos, as práticas, e os grandes temas dramáticos e, com isso, mover as pessoas emocionalmente, cognitivamente, moralmente e fisicamente; para ele isso torna mais fácil o comprometimento dos participantes e em relação às suas causas, e a emergência de sentimentos de empatia e identificação nos públicos desse grupo.

Essas quatro interpretações se atravessam e se complementam. Deste modo, mais de uma perspectiva sobre as performances poderão ser vislumbradas em um mesmo contexto mobilizador, isso porque a dinâmica de mobilização pode ser entendida concomitantemente pelo viés da publicidade, da sociabilidade, da experiência, e da empatia. Seja qual for o nosso ponto de vista sobre as performances, é fato que, enquanto modos de ação visíveis, elas possibilitam o compartilhamento de valores, o aumento do grau de coesão entre os sujeitos participantes e o engajamento de novos membros. Ou seja, remetem às formas com que os atores sociais buscam dar visibilidade à sua movimentação. Como veremos na subseção a seguir, apesar desse potencial transformador das performances, existem variáveis a serem consideradas e que influem no sucesso do projeto mobilizador.

#### **2.4.1. As variáveis de sucesso e os elementos da performance**

Em uma performance ideal, o público se identifica com os atores e os roteiros culturais. Para serem efetivas e bem sucedidas quando colocadas em prática, as performances devem possibilitar que os atores ali envolvidos sejam capazes de fazer

com que as estruturas culturais sejam assimiladas por seus públicos. Uma vez que o significado é o resultado das relações entre signos num código ou texto, a dramaturgia que intenta dar significância à situação de forma contundente deve levar em conta os códigos e textos culturais que estruturam os ambientes cognitivos nos quais os discursos tomam forma (ALEXANDER & MAST, 2006). Isto é, uma performance bem-sucedida depende da habilidade de se convencer outros de que ela é legítima (ALEXANDER, 2006).

Segundo Alexander (2006), as performances em demonstrações públicas perduram ou desaparecem de acordo com sua capacidade de produzir identificação psicológica e extensão cultural. O objetivo é criar, através de um desempenho habilidoso e sensibilizado, a conexão emocional do público com o ator e o texto e, assim, gerar as condições para projetar significado cultural para o público. Na medida em que forem atingidas estas duas condições, acredita o autor, pode-se dizer que os elementos da performance se fundiram. Entretanto, ao passo em que a sociedade se torna mais e mais complexa, esses momentos de fusão se tornam cada vez mais difíceis de acontecer. Os elementos da performance se encontram distantes e variam independentemente uns dos outros, então, dar vida a reivindicações se torna uma tarefa ainda mais desafiadora.

Os elementos da performance a que Alexander (2006) se refere são um conjunto de fatores que, se trabalhados adequadamente, viabilizam seu sucesso. Primeiramente é necessário um sistema de representação coletiva, composto de símbolos de pano de fundo e um *script* em primeiro plano, como a referência imediata para a ação. Os atores também são um elemento importante, pois esse sistema de representação é colocado em prática e codificado pelas pessoas ali em cena. E se há encenação, há também um público ao qual ela se endereça. Pois os textos culturais são performados de modo que os significados sejam dispostos para outrem. E, então, essa encenação deve vir acompanhada de um processo de identificação psicológica, no qual os membros do público possam se projetar nos atores que eles estão observando em cena. Para que isso aconteça, são utilizados os meios de produção simbólica, servindo de representações icônicas que auxiliam a dramatização e evidenciam os motivos e razões que estão sendo representados. Assim, ao se engajarem numa ação coletiva, os atores incorporam e projetam um conjunto de gestos físicos e verbais, mas para que isso se realize num determinado tempo e espaço demandam-se fatores estéticos específicos – uma *mise en scene*. Nessa dinâmica intensa, ainda incide uma força que perpassa paralelamente as



fronteiras estabelecidas pelas representações de fundo da performance: o âmbito social (*social power*).

Tanto quanto uma questão de enquadramento cultural, a assimilação das performances é também questão de interpretação. A interpretação dos públicos é um processo, e não um resultado automático. Bauman (1989), por exemplo, sugere que uma duplicidade da consciência é inerente à interpretação das performances – toda performance é comparada a um modelo idealizado ou relembado de uma experiência anterior. “Quanto mais envolvido um público, mais uma performance conseguirá atraí-lo para fora de seus nichos demográficos e culturais para um espaço liminar mais amplamente compartilhado e possivelmente universal” (ALEXANDER, 2006, p. 76, tradução nossa)<sup>22</sup>.

A interpretação das performances incide também sobre a capacidade de representação dos atores sociais. E esta é uma variável que possui grande importância no potencial de sucesso da afirmação pública. Ao proporem uma experiência em conjunto, os atores sociais precisam cumprir seus papéis enquanto agentes da performance – devem representar suas causas de modo a afetar, ao mesmo tempo, aqueles dentro do grupo e aqueles fora dele. Assim sendo, discutiremos em seguida a relevância da representação num contexto mobilizador.

#### **2.4.2. O papel da representação e a espetacularização da política**

Mesmo que os significados simbólicos sejam suficientes, não há garantias de que uma performance seja bem sucedida. E aí está o desafio e a responsabilidade de se representar bem. No que se refere a essa representação inerente aos atores em performance, David Apter (2006) entende que o que está em jogo é justamente a capacidade de cada indivíduo ali envolvido de representar. Para ele, a performance é mensurada pela qualidade da representação incluindo-se aí a expressão, a articulação, o estilo, a presença, e uma certa disciplina em se utilizar um senso espetacular. Isso ajuda a “enaltecer sua dimensão performativa [...] e, deste modo, as performances conseguem agregar emoção e significância a atos políticos comuns” (APTER, 2006, p. 227,

---

<sup>22</sup> “As audiences become more involved, performance can draw them out of demographic and subcultural niches into a more widely shared and possibly more universalistic liminal space”.

tradução nossa)<sup>23</sup>. Neste ensejo, Maria Helena Weber (2007), assevera que essa crença na persona do ator é transformada num expressivo instrumento da vida pública, “onde o cidadão pode expor suas paixões e compartilhá-las com os poderes constituídos” (WEBER, 2007, p. 10).

Os atores em cena têm o dever de representar bem suas reivindicações e demandas, para que sua demonstração pública seja interpretada de forma eficaz pelos públicos de interesse e, assim, consigam se afirmar publicamente. Todavia, não é raro que eles não estejam à altura da tarefa. Um modo de alcançar uma representação mais verossímil é se o ator social acreditar verdadeiramente que está inserido na situação que o *script* apresenta. Ele irá, então, representar de forma mais natural e assumirá a motivação interna de seu personagem, religando a conexão entre ator e *script*. Apenas quando há essa subjetividade é que uma performance planejada parecerá verdadeiramente honesta (AUSLANDER, 1997).

Pensando nas performances atreladas aos atos públicos e na importância da interpretação (dos atores e do público), David Apter (2006) nos apresenta uma vertente que sugere uma “política teatralizada” (*political theatre*). Nessa perspectiva, quanto mais a dramatização for capaz de interromper o ritmo do cotidiano, de pontuar aquele momento enquanto evento histórico e de possibilitar sua reapresentação dramática por diversas vezes, mais ela questionará a normalidade. Essa representação tangencia o espetacular que, por sua vez, remete ao movimento e à ocupação de um espaço de modo a mostrar algo não usual, algo não cotidiano (WEBER, 2007).

O teatro político, para Apter, é em parte sobre a maneira com que as pessoas interpretam suas circunstâncias, pessoais e sociais, individuais e coletivas, e o que elas fazem para mudá-las. Um teatro político pode, nesse sentido, ser considerado um campo de ação, onde acontece uma espécie de “alquimia performativa” que transforma eventos experienciados em estímulos de reivindicação (APTER, 2006). Isto é, a performance que essa teatralização invoca abre possibilidades para que aquilo que se vivencia coletivamente em uma demonstração pública se torne um incentivo para colocar em pauta demandas de interesse coletivo. E a forma com que essa performance é apresentada, seus elementos simbólicos, funcionam como catalisadores dessa potencialidade. Exemplo disso é a escolha do espaço público como palco para o teatro político, já que segundo Apter, o espaço público em que a performance é encenada não

---

<sup>23</sup> “These help to make performance performative [...] In these terms performance endows even quite normal political acts with emotion and meaning”.

é neutro. Pelo contrário, “ele constitui um lócus semiótico que contribui para gerar mais autoridade, ou em alguns casos santidade, da própria performance” (APTER, 2006, p. 221, tradução nossa)<sup>24</sup>.

A importância da rua, enquanto espaço simbólico de visibilidade e disputa, foi reconhecida desde o início da articulação do Movimento Føra Lacerda. O grupo formou-se justamente a partir da necessidade de ocupação do espaço público em um contexto controverso de restrição a este direito. E as primeiras reuniões foram realizadas em diferentes praças de Belo Horizonte, exprimindo essa necessidade de retomada do espaço público. As escolhas feitas a partir deste início, sempre remetendo ao poder simbólico da rua, não foram definidas de forma impensada. As ações do MFL, definidas *a priori* ou improvisadas no calor do momento, são escolhas feitas a partir de um leque de possibilidades e de acordo com as oportunidades que o contexto e, mais precisamente, as demonstrações públicas apresentaram durante sua realização. Essas escolhas táticas voltadas para a afirmação pública do Føra Lacerda remeteram à importância simbólica da rua, explicitando uma ideia generalizante da causa – a ideia genérica do clamor das ruas. E isso se reflete nos atos públicos organizados pelo grupo, onde o espaço público é tomado como espaço de intervenção, numa ruptura da rotina ordinária da cidade e evidenciando o caráter extraordinário dos eventos – através do espetáculo, do lúdico, do performático. Assim sendo, a dimensão tática, segundo a visão de Michel de Certeau, incorporada à movimentação dos grupos sociais – e no contexto do MFL – é um fator importante na realização de eventos de protesto.

A tática, evidenciada nas escolhas dos atores sociais, é que define o *script* que deverá ser seguido – e muitas vezes desobedecido – na movimentação dos grupos sociais. Narrativa, metáfora, texto e lógica vão juntos em um roteiro para agregar os espectadores, mobilizando entendimentos para formar uma dramaturgia de poder.

A estrutura inclui um ponto de partida, uma trajetória sugerida, dificuldades a serem superadas, uma definição moral que separa o bem e o mal, um caminho que, se seguido corretamente, vai permitir que os obstáculos sejam superados. [...] O conteúdo irá variar não só de acordo com as circunstâncias, mas também pelo contexto. Uma vez que um bom desempenho político teatral vai permitir personalização (APTER, 2006, p. 224, tradução nossa)<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> “It constitutes a semiotic ground that contributes to the authority, and on occasion the sanctity, of performance itself”.

<sup>25</sup> “The structure will include a point of departure, a suggested trajectory, difficulties to be overcome, a moral setting that separates good and evil, an enabling prescriptive path which, if followed, will allow obstacles to be overcome. [...] As for content it will vary not only according to circumstances but also contexts – that is contextual meanings. As already suggested, a good political theatrical performance will allow for personalization”.

Esses elementos, quando bem definidos de acordo com o momento e as necessidades do grupo, podem reforçar a ação e a identidade coletivas. Por outro lado, se forem esquecidos ou pensados de forma inconsequente, podem prejudicar o processo mobilizador. Isso porque, se por um lado esta espetacularização da política, através dos eventos extraordinários, é um modo pelo qual os atores sociais encontram espaço para se afirmar enquanto público em público, por outro há um risco de a causa se perder e os vínculos entre os sujeitos do público se enfraquecerem (MAFRA, 2006).

Ainda, há que salientar que, no meio desta complexa construção de espetáculos, residem as armadilhas da ética, da desconstrução da comunicação, e das relações sociais – vinculadas principalmente à atuação da mídia nesse contexto. O espetáculo é, simbolicamente, o modo de aparecer no mundo, de ser consumido e de obter apoio. Para Maria Helena Weber, “os valores nem sempre estão presentes, mas a visibilidade sim. Nesse sentido pode ser identificada a armadilha do poder na qual a ética é esquecida em nome de uma novidade” (WEBER, 2007, p. 11).

De todo modo, a personalização a que Apter se refere é o que permite com que repertórios de ação, menos ou mais espetacularizados, sejam utilizados através da história, sendo customizados a partir da necessidade e do contexto de cada público mobilizado. O ato de personalizar uma performance dentro de um contexto de ação coletiva, possibilita que surjam aspectos sonoros e visuais particulares a cada grupo social. Apter (2006) assevera que uma boa performance em uma ágora e em um momento adequados ganharão forma e musicalidade através de palavras. Para ele, este é o caso principalmente em que os atores, enquanto ativistas, dão uma realidade para as palavras eles mesmos – a verdadeira realidade da ação política, segundo ele – e os membros do público são fidelizados na medida em que conseguem se identificar com (e reconhecer-se em) eventos da controvérsia e assim compartilham experiências em comum com os atores em cena. Portanto, veremos na próxima subseção como essa personalização do ato público ganha forma a partir de recursos visuais e a importância desse processo na mobilização de vontades.

### **2.4.3. Os recursos simbólicos na mobilização social**

Quando vislumbramos o conceito de performance ligado à apropriação de repertórios de ação coletiva, destacam-se as práticas de protesto incorporadas e os recursos simbólicos rotineiramente usados para exibir descontentamento e

desobediência – do uso de crachás ou bandeiras para marchar em manifestações de rua ao compartilhamento de vídeos de ativismo em *sites* de redes sociais (TILLY, 2008; EYERMAN, 2006).

Os recursos simbólicos e estéticos são empregados em processos mobilizadores como ferramentas tanto de incentivo à coesão grupal quanto de promoção do conflito. Isso acontece porque a estética é aquilo que faz o sujeito experimentar, junto a outros, sentimentos, desejos, sensações e emoções, como uma forma de vibrar em comum. A estética, hoje, está muito mais voltada para o cotidiano e, por vezes, emerge onde predomina o supérfluo e o inútil, mas onde também convive, num mesmo movimento, a preocupação com o qualitativo e com o coletivo (MAHEIRIE, 2002, p. 46).

De forma geral, uma análise visual fornece ferramentas potentes para estudar o emprego da simbologia em grupos mobilizados. Estudos empíricos que combinam análise do discurso visual e textual exploram o papel de imagens e textos como fonte de incentivo ou limitação de grupos sociais para organizar, divulgar e promover a difusão de novas ideias (DOERR, 2010). Além disso, “ao olhar para os aspectos visuais das performances sociais, o próprio ato de tomar as ruas e formar uma coletividade pode ser visto como uma prática que torna um conflito mais visível” (DOERR, MATTONI & TEUNE, 2014, p. 3, tradução nossa)<sup>26</sup>. Assim, os grupos e atores sociais podem utilizar formas artísticas para incluir enquadramentos, mobilizar recursos, dispersar informação sobre si mesmo e, finalmente, instituir um símbolo para o grupamento (ADAMS, 2002).

Para alguns pesquisadores as imagens possuem papel vital na atividade dos atores sociais, pois impulsionam a formação de emoções como vergonha e raiva (HALFMANN & YOUNG, 2010), e ironia e orgulho (MATTONI, 2008; MATTONI & DOERR, 2007). Ao mesmo tempo, imagens também são comumente usadas para ridicularizar adversários (HOWELL, 2012) e para caracterizá-los como perversos e cruéis (STREEBY, 2013). Jasper (1997), por sua vez, destaca a capacidade de imagens fortes de invocar um “choque moral”, pois conseguem convocar até mesmo aqueles sujeitos que anteriormente não estavam envolvidos em processos de mobilização social.

Essa convocação à moralidade permite enxergar o outro enquanto objeto de preocupação moral, num movimento reflexivo entre os sujeitos. Ao visualizar o outro, mesmo um inimigo, enquanto objeto de preocupação, ocorre uma reflexão nos sujeitos que afeta sua posição moral (EYERMAN, 2006). Grupos sociais podem fazer uso dessa

---

<sup>26</sup> “Looking at visual aspects of activist performances, the very act of taking to the streets and forming a collective body can be seen as a practice that makes a conflict visible”.

reflexão em suas próprias performances, levantando questões controversas e evocando emoções para manter coesos seus membros e mobilizar novos manifestantes, além de tentar desmoralizar publicamente seus oponentes.

Os teóricos visuais em estudos midiáticos e história da arte acreditam que as imagens estão associadas a um complexo estoque de conhecimento cultural e experiências, quadros de sentido e identificações, enquanto elas são interpretadas, enquadradas e reenquadradas pelos atores políticos (MITCHELL, 1994). O foco principal, neste sentido, tem sido a construção, também por meio da visualidade, de discursos ativistas capazes de contrabalançar, ou abertamente desafiar, os discursos dominantes sobre temas controversos.

Imagens podem se tornar um ponto central no qual experiências e quadros de injustiça se organizam, mas também devem ser vistas como um recurso para conectar pessoas anteriormente desvinculadas, ainda mais depois do surgimento do ambiente mediático que facilita essas conexões através de redes sociais mediadas por computador (BENNETT & SEGERBERG, 2013). O ambiente cibernético, afinal, tornou-se lócus de produção e distribuição de imagens. Por um lado, a internet possibilitou, por exemplo, a criação de *memes* ironizando figuras públicas, partidos políticos, e as mais diversas situações controversas. E por outro, facilitou a disseminação de cartazes e panfletos – e outras formas mais convencionais de utilização de imagens para mobilização – que antes seriam distribuídos pessoalmente e em menor escala, e que hoje podem alcançar milhares de sujeitos em questão de minutos.

Ademais, as imagens são particularmente recompensadoras no que se refere à compreensão emocional em um contexto mobilizador, pois “membros de grupos sociais difundem imagens estáticas e em movimento para despertar emoções e aumentar a atenção, e finalmente auxiliar na mobilização de pessoas para a ação propriamente dita” (MATTONI, 2013, p. 5). Como exemplos desse potencial mobilizador das imagens, temos as campanhas do Greenpeace – que buscam chocar e ao mesmo tempo engajar sujeitos ao exibirem animais mortos, maltratados e mutilados; há também o Femen – grupo feminista radical que busca agir de forma agressiva e tem o ato de mostrar os seios como imagem fortemente vinculada ao grupo; mais recentemente o mundo se chocou com uma foto que trouxe à tona a discussão sobre a crise dos refugiados na Europa: um menino sírio foi encontrado sem vida em uma praia turca, depois que o barco em que sua família estava naufragou a caminho da Grécia.

Para além do recurso visual, os elementos sonoros também são amplamente empregados em contextos mobilizadores. Os sons, e particularmente a música, são capazes de produzir sentidos que remetem à política, à estética, ao lazer, à identidade social, e à sociabilidade. Por sua natureza polissêmica, variável a partir de cada contexto e época, seu uso na produção de sentidos simbólicos se faz de maneira bastante dinâmica, tanto assim que na vida em sociedade, em momentos importantes, a sonoridade se faz presente: nas solenidades, nas festividades, nos rituais religiosos, nos processos revolucionários, dentre outros (IKEDA, 2007).

Comumente, nos grupamentos humanos hierarquizados, tanto por parte dos setores hegemônicos quanto pelo lado daqueles que se opõem, a música tem uso político. De um lado, como elemento de distinção e identidade classista, servindo aos processos de dominação ideológica, de outro, como contestação destas e/ou como motivação para ações que visam à transformação da sociedade e também como forma de identidade e resistência, ou, ainda, apenas para o desvelamento da realidade (IKEDA, 2007, p. 5)

Ikeda ainda assevera que em cada situação, adaptada ao evento a ser realizado, a música servirá para o estabelecimento de significados agregados, construídos na história própria de cada coletividade. Isso se dá justamente porque as canções “conversam” sobre questões sociais, culturais, econômicas e políticas, num contexto que alcança todas as formas de arte, de uma maneira concomitante (MAHEIRIE, 2002).

Neste sentido, Simon Frith (1987) compreende que a música pode ser usada de diversas maneiras e aponta, para ela, funções sociais. A principal delas remete às questões de identidade, uma vez que as canções são utilizadas para definirmos quem somos e definirmos o nosso lugar no mundo. O autor destaca que ao localizar os sujeitos num cenário cultural e político, a música também pode apontar discussões interessantes sobre a mudança das estruturas sociais. Através dela, nossas insatisfações ganham a cumplicidade de outros sujeitos e ela pode passar a ser um fenômeno transformador da ordem vigente. Mas Frith (1987) ressalta que este efeito revolucionário da música só é possível por ser fonte de emoções fortes, que exercem um impacto sobre as pessoas e, na medida em que forem coletivamente compartilhadas, podem ir contra aquilo que lhes é imposto.

Esse potencial transformador se materializa nas ações coletivas dos grupos sociais, que empregam recursos sonoros como forma de fortalecer vínculos, expandir sua área de visibilidade e influência, e definir sua identidade coletiva. Segundo Kátia Maheirie (2002), nos novos movimentos sociais as músicas surgem como uma

expressão na construção de raízes e no fortalecimento identitário. Assim, mais que elemento expressivo, a música é um elemento construtor de identidades.

[...] as músicas criam identidades específicas para questões específicas como, por exemplo, nos movimentos feministas – identidade de gênero, nos movimentos negros – identidade da negritude, nos movimentos ecológicos – identidade ecológica, etc. Portanto, elas não só expressam, mas, fundamentalmente, buscam definir os sujeitos de forma coletiva e singular. (MAHEIRIE, 2002, p. 42).

A sonoridade, nessa perspectiva, é considerada uma linguagem reflexivo-afetiva que atua como mediadora, sendo capaz de construir o coletivo. É uma forma de expressão dos sujeitos, ao mesmo tempo, singular e coletiva, tendo de ser compreendida para além de seu fenômeno musical, pois é uma linguagem que envolve um processo de reflexão que só é possível por meio da afetividade (MAHEIRIE, 2002). Configura-se, então, num campo aberto de possibilidades de identificação que passa não somente pelo reflexivo, mas pelo afetivo.

A música e a arte, de forma geral, transmitem símbolos que provocam emoção, alentam a interpretação e podem potencializar a ação. Ron Eyerman (1998), neste ensejo, afirma que objetivadas em canções, as lutas e utopias dos atores sociais podem ser revitalizadas e, desta forma, podem contribuir para a manutenção das ações coletivas e do próprio grupo enquanto agente social. O autor ainda destaca que a arte e a música podem ser consideradas recursos idôneos que os públicos mobilizados podem utilizar para mobilizar e coordenar sua proposta de ação e, em um nível mais profundo de engajamento, converter-se no fundamento de redefinição de uma situação. A música é entendida, então, como uma prática política e cultural dos grupos sociais que tem a capacidade de mediar suas diversas atividades e ações.

Deste modo, os recursos sonoros são empregados pelos atores sociais como formas de promover coesão entre seus pares, ao mesmo tempo em que promovem um posicionamento político de desafio em relação a seus opositores. Exemplos disso são os hinos de movimentos sociais mais institucionalizados como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), as canções de protesto durante a ditadura militar no Brasil, e as cantigas de roda de capoeira – enquanto esforço de manutenção da cultura africana. Assim sendo, é possível dizer que a música pode possibilitar, por meio de uma proposta de experiência, processos de identificação com o grupo, com os semelhantes que estão na luta, e também, com aqueles que se diferenciam e/ou se opõem ao grupo numa dada realidade social.



Os recursos gráficos e musicais inseridos em um contexto mobilizador podem ser pensados previamente pelos atores – como faixas, camisas, adesivos, hinos –, enquanto outros são construídos durante o próprio movimentar – rostos pintados, pichações, gritos de guerra, cantigas. E são esses recursos que, combinados a outras formas de ação visíveis, vão formando esteticamente a manifestação e dão concretude ao evento. E são essas intervenções estéticas que, além de dar materialidade ao ato público, personalizam um certo repertório de ação para aquela situação e para aqueles atores específicos. As sonoridades, visualidades e corporalidades influenciam nas performances e a forma com que elas se manifestam diz muito dos repertórios culturais presentes – afinal, pichar um muro ou cantar uma cantiga de escárnio possivelmente não possui o mesmo valor simbólico na América Latina e na Ásia, por exemplo. Esses repertórios culturais são forças potentes que atravessam a conformação das ações coletivas e são importantes para o resultado final – tanto para o sucesso quanto para o fracasso das demonstrações públicas.

A questão visual e sonora é crucial na mobilização e na afirmação pública dos grupos sociais, entretanto não são os únicos elementos simbólicos empenhados em demonstrações públicas. Como veremos na análise, a escolha do tipo de manifestação, do local, do trajeto, da data, entre outros, também está carregada de simbolismo. Ao focalizar algumas considerações sobre as imagens e os sons buscamos evidenciar como estes aspectos funcionam enquanto meios de produção simbólica, que têm efeitos externos, como mobilizar atenção para um problema, e internos, como criar e sustentar uma identidade coletiva.

De forma genérica, e para além dos recursos textuais, os elementos simbólicos nos permitem refinar e expandir nosso conhecimento sobre os processos sociais. Tentar compreender os recursos visuais e sonoros dentro de um contexto performático nos ajuda a apreender as escolhas, a movimentação e as mudanças de posicionamento de um público mobilizado ao definir suas táticas comunicacionais. Já que analisar os elementos simbólicos das performances públicas de um grupo social nos permite perceber não só aquilo que o grupo planeja mostrar, mas também aquilo que ele é – sua identidade coletiva. Além disso, é relevante analisá-los já que esses recursos estão frequentemente presentes em atos públicos, dando significância e singularidade para as manifestações. É quando os sujeitos agem em condições de publicidade que os elementos simbólicos se tornam visíveis na busca por mais coesão, legitimidade e notoriedade.

Deste modo, apreender como se deu a dinâmica de afirmação pública do Movimento Føra Lacerda, de acordo com essa noção de performance aplicada a um contexto mobilizador, requer que pensemos no ato de dar-se a ver em público enquanto tática comunicacional. Portanto, veremos em seguida como a dimensão performática de um grupo social pode ser pensada dentro de um contexto de afirmação pública planejada e incorporada a um evento – um ato público planejado –, com a finalidade de se colocar publicamente enquanto público mobilizado e expandir sua abrangência para além dos integrantes do próprio grupo.

## **2.5. A noção de evento aplicada ao processo mobilizador: atos públicos como acontecimentos planejados**

O Movimento Føra Lacerda, ao planejar e organizar marchas que percorreram as ruas de Belo Horizonte com trajes e palavras de ordem bastante simbólicos e perpassando locais estratégicos para a legitimação das causas de seus participantes, colocaram em ação uma tática comunicativa para se afirmar publicamente enquanto público mobilizado. Essa escolha, no contexto do nosso objeto de pesquisa, tomou forma por sua condição de eventos planejados e convocados. As marchas idealizadas pelo MFL são entendidas no presente estudo, portanto, como eventos organizados atravessados por uma dimensão performática e que tiveram por objetivo propor uma experiência coletiva em grupo – ao engajar sujeitos, publicizar a causa e demonstrar publicamente um posicionamento político.

Chamamos de eventos planejados os acontecimentos deliberadamente pensados para ser uma intervenção na ordem cotidiana do mundo. Diferentemente dos acontecimentos espontâneos – como as catástrofes naturais, os eventos planejados são projetados com certa antecedência e ocorrem de acordo com delimitações prévias, de acordo com os objetivos e os interesses de seus organizadores. Enquanto modalidade tática de mobilização social, os eventos são organizados por grupos sociais – com maior ou menor grau de coordenação – com o intuito de declarar publicamente um posicionamento, expandir a causa, ganhar maior visibilidade, fortalecer vínculos entre seus membros e do grupo com outros públicos, e tornar-se um agente social mais credível em uma dada situação. Isto é, como ação de comunicação os eventos visam criar algum tipo de proximidade – colocar em contato – e de demonstração – apresentar algo a públicos de interesse ou à sociedade em geral. E essa necessidade de colocar-se

publicamente traz consigo modos de ação que exacerbam o caráter extraordinário dos eventos, através de performances – dramatizações, esquetes, cantigas, danças, e demais recursos artísticos, ritualísticos e simbólicos – que podem ser definidas de antemão, mas que também podem surgir e se incorporar ao ato público durante sua realização.

Deste modo, compreender o significado de evento em sua concepção menos complexa facilita entender a noção de performance e acontecimento planejado trabalhados no referido estudo, sobretudo porque a ideia de evento é vastamente aplicada a diversos contextos. No contexto militar, por exemplo, é entendido como a ocorrência de um acontecimento ou de um fenômeno aleatório, em um conjunto ou sistema determinado, o qual pode ser previsto *a priori*. Nossa abordagem, entretanto, está em maior afinidade com a noção trabalhada no âmbito das Relações Públicas em que evento é basicamente uma “atividade dos mais diferentes tipos reunindo pessoas” (ANDRADE, 1999, p. 117) e como algo que é coordenado numa perspectiva de intervenção deliberada (e, portanto, estratégica) em relação a públicos.

Margarida Kunsch (2003) compreende os eventos como algo que constitui uma atividade de grande interesse para as organizações, tendo em vista que propiciam o envolvimento direto dos públicos na sua realização. Portanto, são considerados por ela um excelente meio de comunicação dirigida aproximativa entre quem os promove e os públicos que deles participam.

O evento é um acontecimento e, no contexto das relações públicas, deve ser considerado uma atividade planejada, coordenada, organizada, que visa atingir objetivos preestabelecidos, claros e definidos. Atinge os mais diferentes tipos de realizações em função das necessidades das organizações e dos interesses dos públicos envolvidos [...]. (KUNSCH, 2003, p. 385)

Giacaglia (2003) observa que, com a finalidade de ampliar a esfera de seus relacionamentos inerentes ao convívio em família, no trabalho ou no lazer, e de quebrar a rotina dos “afazeres diuturnos”, o homem cria e participa de reuniões, que são genericamente chamadas de eventos. Então, ela afirma que

o evento – no dicionário Aurélio definido como “acontecimento” ou “sucesso” – tem como característica principal propiciar uma ocasião extraordinária ao encontro de pessoas, com finalidade específica, a qual constitui o tema principal do evento e justifica sua realização. (GIACAGLIA, 2003, p. 3)

A definição de Cristina Giácomo (1993), por sua vez, caracteriza o evento enquanto um acontecimento previamente planejado, a ocorrer num mesmo tempo e lugar, como forma de minimizar esforços de comunicação, objetivando o engajamento de pessoas a uma ideia ou ação.

Nessa lógica, compreendemos eventos como sinônimo de acontecimentos não rotineiros, criados para despertar a atenção e, especialmente, a empatia de outrem. Essa perspectiva caracteriza o evento como um acontecimento especial, planejado e organizado antecipadamente, que reúne pessoas ligadas por interesses comuns. Um evento público é algo preparado por alguém para que seja visto como um acontecimento na cidade, que também rompe com a rotina e a normalidade do cotidiano. E que vai influir no curso da experiência coletiva e na compreensão de outros acontecimentos. Estamos falando, então, de eventos mobilizadores como eventos políticos (e, portanto, como atos públicos). Todavia, ressaltamos que esta visada advém de uma escolha metodológica para tratarmos um determinado tipo de acontecimento, dentro do contexto de mobilização do MFL, como um evento planejado.

Atentamos para o fato de que, diferentemente dos acontecimentos tidos como espontâneos, os eventos planejados preexistem à data marcada para sua ocorrência, pois o planejamento destes eventos exige a observância de fases distintas, como: concepção (momento da discussão de possíveis eventos que poderiam atender os objetivos estabelecidos); pré-evento (elaboração do projeto do evento e seus respectivos instrumentos, como programação e comissões de organização, além de elaborar propostas de captação de recursos financeiros e de pessoal); trans-evento (momento ou período em que o evento está acontecendo); pós-evento (*clipping* e relatórios de avaliação). Contudo, mesmo os eventos muito bem planejados podem extrapolar os limites de seu planejamento, pois especialmente os eventos públicos, por seu caráter aberto, têm um grau maior de imprevisibilidade e imponderabilidade. Apesar deste caráter apriorístico que consagramos à ideia de eventos, destacamos que nem sempre um público mobilizado possui recursos humanos e financeiros para organizar eventos com alto grau de ordenação.

Além disso, o caráter emergencial que os projetos mobilizadores possuem muitas vezes não possibilita essa estruturação prévia, fazendo com que os sujeitos (co)ordenem suas ações no decorrer do próprio evento. A irrupção de determinados acontecimentos evidencia a espontaneidade das manifestações públicas, uma vez que uma multidão pode se juntar espontaneamente por causa de um acontecimento a partir de um sentimento forte de indignação, injustiça, etc. Entretanto, destacar o caráter emergencial das demonstrações públicas não é nosso propósito com esta pesquisa. Isso porque reconhecemos que no contexto do Føra Lacerda existiu um certo nível de

coordenação, planejamento e tomada de decisão para definir determinados aspectos dos eventos (local, data, horário, percurso, etc.).

Há vários níveis de planejamento e de estruturação possíveis – com maior ou menor grau de espontaneidade – para esses protestos. A preparação e o planejamento de um evento não precisam ocorrer com muita antecedência, dependendo da força do contexto problemático alavancado por um acontecimento, do sentimento das pessoas, do senso de oportunidade, e da controvérsia que se desenrola a partir disso. Apesar da urgência, em situações muito emergentes as pessoas possuem maneiras de coordenar as ações de forma rápida. E são os repertórios de ação coletiva que proporcionam esta agilidade. Funcionando como atalhos, os repertórios facilitam a irrupção de manifestações públicas – menos ou mais espontâneas. Isso acontece porque os atores sociais possuem, cada um à sua maneira, experiências de participação em episódios de protesto anteriores. Algumas pessoas já são ativistas, já estão predispostas a participar, e já possuem um *know how* do que fazer nessas situações.

O chamado espontâneo não é totalmente espontâneo nem pode ser inteiramente fabricado ou, para falar como Goffman, maquinado; o “espontâneo” tanto pressupõe como tem uma base organizacional prévia, mesmo que mínima, a partir da qual são erguidos os tablados para a ação (DOWBOR & SZWAKO, 2013, p.47).

Ademais, para mobilizar sujeitos de forma calculada, os atores centrais nos grupos sociais devem desenvolver um “arsenal estratégico” de representações e papéis a fim de mobilizar outros de forma apropriada (EYERMAN, 2006). Os eventos são planejados também com a afetação em mente, uma vez que apresentam em sua realização uma dimensão performática, espetacular, lúdica. O objetivo, no fim das contas, é mobilizar sujeitos, emocional e cognitivamente, numa determinada direção, mas a forma com que as performances em demonstrações públicas vão afetar os outros não pode ser totalmente prevista. Discutiremos na seção a seguir, então, como esses eventos são incorporados ao processo mobilizador dos grupos sociais enquanto táticas de comunicação para agir em condições de publicidade.

## **2.6. Eventos planejados enquanto modalidade de afirmação pública**

As demonstrações públicas (de descontentamento, oposição e/ou sentimentos de injustiça) são processos de formação de identidade e empatia ao atuarem enquanto narrativas dramáticas e como práticas públicas. Isso tem a ver tanto com a demonstração

enquanto prática coletiva em si mesma, quanto com as peças e as esquetes conscientemente planejadas que ocorrem durante essas demonstrações. Nessa dramatização expressiva, os valores, imagens e desejos do grupo são revelados e a vinculação de seus membros consolidada (EYERMAN, 2006). Essas demonstrações públicas, especialmente nos dias atuais, também podem ser ocasiões em que uma performance coletiva, a expressão e representação do grupo em si mesmo, se mostra tão importante para os membros de um público mobilizado quanto a tentativa de mobilizar outros de fora do grupo. Pois é a condição de manifestar-se e de agir em público que de algum modo possibilitará que um público, embora já existente como potência, possa de fato apresentar-se como um público (com consciência de si) e começar a produzir, com isso, os seus efeitos (HENRIQUES, 2012). A confirmação de seu gosto e de sua preferência comuns pode gerar também, pela conversação, um sentimento e uma identidade de grupo que ele poderá publicamente afirmar, criando e fortalecendo vínculos entre os seus membros.

E, à medida que esse processo de vinculação se desenvolve, não somente se estende o compartilhamento de gostos e preferências – o processo de reunir e reconhecer as afinidades – mas também cria-se a necessidade de aprofundar e compartilhar interesses (HENRIQUES, 2014). Esse processo empático está intrinsecamente ligado ao processo de convocação de vontades, cerne da mobilização social.

O poder de mobilização que um evento traz consigo advém da ideia de que os eventos bem planejados, e apresentados em locais significativos apropriados, conseguem amplificar os efeitos de discursos, de marchas e de ocupações, por exemplo. E o palco escolhido, nesse sentido, pode ser ele mesmo parte importante para o propósito do evento. Atrelado ao contexto do MFL, a ocupação do espaço público vem ganhando novos sentidos a partir da ressignificação de repertórios de ação por grupos sociais contemporâneos, como o *Occupy Wall Street*, a chamada Primavera Árabe e as manifestações de junho de 2013 no Brasil. Inclusive, as ocupações (de ruas, praças, escolas, prédios públicos, etc.), enquanto modalidade de afirmação pública, vêm ganhando espaço justamente porque a noção de espaço público aberto e acessível tem crescido como um viés importante da noção de participação política popular. O significado de estar nas ruas expandiu-se a partir do surgimento de uma preocupação com a noção de coletividade no âmbito das políticas urbanas. A tomada do espaço público, assim sendo, ganha um novo sentido, mais forte, mais simbólico, voltado para

a participação cidadã na tomada de decisão quanto aos interesses públicos e para a ocupação de ruas e praças por intervenções políticas e culturais como um direito de todos.

Ao mesmo tempo em que esses novos modos de ação coletiva emergem, especialmente a partir do surgimento da internet, o processo de reestruturação dos repertórios convencionais de ação coletiva se mantém presente na realidade dos atores sociais contemporâneos. Isso ainda acontece porque frequentemente um evento vai incorporar eventos que já aconteceram há anos, fazendo convergir toda uma experiência social para um evento simbólico, dando a ela um grau excepcional de vitalidade enquanto representação cultural – como propõe Apter, uma forma de reenquadrar a significância (APTER, 2006). Assim, os atores sociais decidem produzir um evento para funcionar como significante dramático, mobilizando retóricas no sentido de irradiar seus significados para fora de suas fronteiras, abrangendo e cativando seus públicos.

Neste sentido, os eventos planejados são programados pelos atores sociais enquanto acontecimentos “provocados”, a fim de romper com a experiência rotineira dos sujeitos. Não obstante, muitas das vezes em que ocorrem tais eventos (marchas, passeatas, greves), eles se organizam rapidamente – simulando às vezes uma espontaneidade –, em espaços públicos simbólicos, e em horários estratégicos. Contudo, essa emergência e o alvoroço que ela causa, podem ganhar novos contornos durante sua realização, ter resultados imprevisíveis e até mesmo encobrir os reais propósitos do grupo. Embora consigam coordenar suas ações de forma organizada, mobilizando até mesmo aqueles que assistem de longe, quem exatamente os grupos sociais mobilizam e em qual direção o fazem não é algo fácil de controlar ou predizer (EYERMAN, 2006). Além disso, as escolhas que os grupos sociais fazem, conscientemente ou não, influem no processo de formação da identidade coletiva do grupo e implicam a imagem que passam aos sujeitos externos a eles. Pois as táticas de protesto utilizadas pelos atores sociais estão tão arraigadas na visão popular sobre movimentos sociais que às vezes um grupo é lembrado mais por suas táticas que por seus propósitos (TAYLOR & VAN DYKE, 2004).

Assim sendo, a análise sobre eventos de protesto e repertórios de ação coletiva é uma característica marcante da noção sobre mobilização social e participação política que tem dominado o estudo sobre os grupos sociais ao longo das últimas décadas. Há inclusive estudiosos, como Charles Tilly, que chegaram a compreender os movimentos sociais mais como grupos interativos de performances de confronto ou de eventos de

protesto. Este aspecto performático dos grupos sociais se conecta a duas vertentes de investigação sobre movimentos sociais: por um lado, a perspectiva interacionista construída a partir dos conceitos de Goffman de enquadramento e dramaturgia; por outro lado, a perspectiva sócio histórica que tem interesse nas maneiras controversas de reivindicação (MATTONI, 2013). Deste modo, os estudos sobre as performances promovidas pelos atores sociais adicionam uma nova dimensão para os estudos sobre a formação e movimentação de públicos mobilizados ao conectar enquadramentos cognitivos, narração, e discurso às práticas mobilizadoras. Essa perspectiva chama atenção para a corporalidade e a presença, para a ação e a representação, para o papel do drama e do simbólico nas atividades de um público mobilizado que se apresenta e se afirma:

Nossa atenção se volta para a performance de oposição e a estética do grupo, para a coreografia do protesto, tanto quanto para a mobilização moral e emocional. Olhando através das lentes da performance também traz a tensão entre o expressivo e o estratégico que creio ser uma característica dos grupos sociais contemporâneos. Em um âmbito coletivo, a performance estratégica é parte da representação de um grupo social sobre si mesmo, uma auto representação coletiva (EYERMAN, 2006, p. 207, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Isso nos ajuda a compreender melhor os meandros dos acontecimentos previamente planejados e torna possível perceber como uma escolha tática, sob o viés da performance, ajusta a experiência dos sujeitos, evidenciando a diferença entre estar e se colocar em público. Ao analisarmos a dimensão performática em um evento planejado, há o interesse em observar as ocasiões em que o componente teatral dos eventos se agiganta, rompendo com a ordem das coisas, mas também com uma ordem mental – “uma sequência excepcional de eventos extraordinários são interpretados pelos sujeitos de interesse, servindo então aos propósitos de alterar os significados políticos convencionais da vida política” (APTER, 2006, p. 246). Então, esses atos públicos são reinterpretados não simplesmente enquanto eventos, mas como conexões em uma corrente causal, ligando-os a potenciais consequências disruptivas, especialmente aquelas planejadas para destituir governos e dismantelar instituições sociais. Entendemos, portanto, que os potenciais desses eventos planejados, incorporando performances, são de justamente causar uma quebra na ordem cotidiana, incentivar a coesão dos públicos de interesse, ganhar visibilidade, construir uma narrativa própria –

---

<sup>27</sup> “It turns our attention to the performance of opposition and the aesthetics of movement, to the choreography of protest, as well as to the moral and emotional in mobilization. Looking through the lens of performance also brings forth the tension between the expressive and the strategic which I believe to be characteristic of contemporary social movements. On a collective level, strategic performance is part of a social movement’s representation of itself, a collective self-presentation”.



afora os domínios da mídia de massa –, e de expandir seus horizontes numa contínua generalização da causa. A noção de performance serve como base da análise para acentuar as formas com que públicos mobilizados se organizam para dar-se a ver, aparecer, se destacar dentro de um cenário de disputa política acirrada. Intentamos compreender o modo com que este recurso performático busca muito além de mera visibilidade, colocando-se enquanto fator importante para o sucesso da causa.

Em um esforço de se afirmar em público – e levando em conta as ações controversas da PBH –, o MFL programou acontecimentos congregando aqueles que também estavam descontentes em relação à gestão do prefeito Márcio Lacerda em seu primeiro mandato. Dentre as ações promovidas pelo grupo, chamaram nossa atenção as três marchas ocorridas entre 2011 e 2012, pois o Føra Lacerda decidiu promover não apenas um protesto, em que os sujeitos somente se reúnem em praça pública, mas três marchas, para que aqueles sujeitos, atores, grupos e entidades afetados direta ou indiretamente pelas determinações da Prefeitura pudessem caminhar pelas ruas da cidade, postulando suas causas em grupo e em público.

Escolhemos analisar as Grandes Marchas Føra Lacerda, pois, afora toda a dimensão performática que uma marcha pode comportar, a própria palavra já traz consigo uma significação carregada de simbolismo. Em sua designação no dicionário<sup>28</sup>, uma marcha diz de um caminho, uma jornada, um cortejo. Ou seja, remete à ideia de caminhada, andança, caminhar em determinado trajeto ou curso. Mais ainda, remete a uma ordenação ou um seguimento. Conjugada como verbo, significa pôr-se em andamento, em movimento ou a caminho. A palavra também contempla um sentido bélico, pois refere-se à cadência com que um corpo de tropa caminha, ou seja, tem relação direta com as forças armadas e atos de guerra, explicitando, assim, um caráter combativo.

Compreendendo uma noção mais subjetiva, podemos refletir quanto à escolha da palavra para caracterizar a manifestação. O MFL poderia estar ressaltando nessa escolha um indício de seu posicionamento em público. Ao se propor uma marcha, coloca-se a proposta da experiência de andar em conjunto. Os sujeitos nela participantes se dispõem a caminhar numa mesma direção, mesmo que estejam engajados por motivos diferentes. Em sua concepção inicial, portanto, uma marcha convoca os sujeitos a se associarem, por um dado período de tempo, em uma jornada coletiva.

---

<sup>28</sup> Disponível em: <[http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/marcha%20\\_997166.html](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/marcha%20_997166.html)>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

Mostra-se profícuo, portanto, o intento de identificar estas características dentro da realidade do Movimento Fõra Lacerda, que pouco a pouco tomou forma e produziu suas próprias táticas de ação coletiva e comunicação, sempre com o propósito de construir um sentido comum, apesar da heterogeneidade de seus públicos constituintes. Dentro desse processo, os eventos criados pelo MFL são fatores importantes para gerar os efeitos de coesão e compartilhamento de uma identidade coletiva, tanto para dentro – sob uma perspectiva reorganizadora e auto avaliativa – quanto para fora do grupamento – sob um viés de ampliação de contatos, de reposicionamento, e de publicidade.

Nesta lógica, propomos estudar as três marchas organizadas pelo Movimento Fõra Lacerda levando em conta que ao mesmo tempo em que essas demonstrações públicas incentivam um sentido de agregação entre os participantes, elas também promovem uma perspectiva provocativa. Ou seja, esses eventos planejados podem, simultaneamente, lançar mão de repertórios de ação voltados para a vinculação – estimulando a coesão entre os manifestantes e congregando novos membros – e para o confronto – instigando os próprios participantes para atuarem como agentes desafiadores, provocando oponentes de forma direta (violenta, agressiva, abrupta) ou indireta (através de discursos e chacotas, por exemplo).

Os repertórios de confronto que exploramos aqui advêm de um entendimento de que em qualquer manifestação pública há um desejo de causar adversidade – seja pela surpresa, pela numerosidade, pelo alto grau de coordenação de ações ou pela violência. As escolhas dos atores sociais com relação ao espaço público ocupado, às palavras de ordem, à dramatização das causas, aos símbolos que incorporam, e às reivindicações que proferem, dizem muito dessa vontade de confrontar seu objeto de contestação. Assim, a provocação entre oponentes é uma forma de chamar atenção, demandar uma resposta de seus adversários e ganhar notoriedade para o grupo.

Os repertórios de vinculação, por sua vez, formam uma categoria pensada como fortalecedores dos vínculos entre os participantes do evento. Contribuem fortemente para a formação e manutenção da identidade coletiva do grupo e ampliam o grau de coesão entre os manifestantes – possibilitando a experiência vivida coletivamente e corroborando a ideia de que todos ali presentes são corresponsáveis pelo sucesso das causas que postulam publicamente.

Ademais, o que procuramos evidenciar com este esforço de análise é que, tomada dentro de uma dinâmica de movimentação de públicos, a convergência de atores e grupos sociais em torno de uma proposta de coordenação de ação coletiva é bastante

interessante para compreender a necessidade e a dinâmica de afirmação pública de um público mobilizado. Não é suficiente constatar apenas a existência de uma onda de afetação que agrega diversos sujeitos, pois dificilmente se conseguiria entender com exatidão de que maneira essa afetação possibilita abarcar causas, interesses e perspectivas tão diferentes numa mesma frente de atuação. Porém, cabe entender a lógica e a dinâmica do processo pelo qual essa reunião de vontades atua dentro de um contexto de disputa de sentidos, afirmando-se publicamente para si e para os outros.

De posse desses elementos teóricos e perseguindo nosso objetivo de apreender empiricamente como o Movimento Føra Lacerda articulou públicos sob um interesse comum e organizou eventos taticamente a fim de se afirmar enquanto público em público, no próximo capítulo apresentaremos nossa análise empírica.

### **CAPÍTULO 3 – A DINÂMICA DE AFIRMAÇÃO PÚBLICA EM EVENTOS PLANEJADOS: AS TRÊS GRANDES MARCHAS FØRA LACERDA**

Pensar o processo mobilizador do Movimento Føra Lacerda dentro de um contexto controverso de disputa de sentidos na política urbana belorizontina facilita nossa compreensão da forma com que públicos mobilizados buscam afirmar-se publicamente. Como pontuamos anteriormente, as controvérsias geradas pelas ações da PBH foram uma espécie de catalisador para a articulação do MFL. No caso do Føra Lacerda, seu surgimento se deu em decorrência de um cenário de luta para desconstruir um modelo de gestão municipal unilateral em prol de uma noção de espaço público aberto e acessível.

O trabalho empírico consistiu numa análise das táticas utilizadas no projeto mobilizador do MFL, que conjuga questões sobre mobilização social, repertórios de ação coletiva e performance. Todavia, analisar a movimentação de um público requer alto grau de comprometimento na investigação. A temporalidade dos acontecimentos, o problema de acesso a certos dados com navegação restrita ou “perdidos” na nuvem da *web* e, ainda, a complexidade em montar um panorama a partir de vestígios muitas vezes subjetivos e abstratos, tornam a exploração do problema de pesquisa um desafio um tanto quanto complexo. Pois, como afirma Daniel Cefai (2009), compreender as dimensões da ação coletiva só é possível navegando visualmente na grande confusão, “esforçando-se para ligar as contingências que lhe acontecem e às quais é submetida, tentando retraçar e relançar linhas de ação, enfrentando situações que lhe fogem do domínio” (CEFAI, 2009, p. 34).

Posto isso, o objetivo dessa pesquisa apresenta-se sob um pilar: analisar a dinâmica de agir em condição de publicidade do Movimento Føra Lacerda durante as três Grandes Marchas Føra Lacerda<sup>29</sup>, planejadas como eventos de protesto pelo próprio MFL em parceria com outros grupos e atores sociais, que aconteceram nas ruas de Belo Horizonte entre 2011 e 2012.

Perseguindo nosso propósito, a presente seção apresenta um modelo analítico que permite entender como o MFL faz uso de eventos planejados enquanto repertório de ação coletiva, mais especificamente durante as três marchas, que mobilizaram atores diferentes dentro de uma rede de apoio formada pelo sentimento comum de repúdio à PBH, dentre eles sindicatos, movimentos sociais, coletivos, grupos musicais e teatrais. Intentamos detalhar o evento a partir de sua dimensão coletiva, descrevendo as maneiras

---

<sup>29</sup> Incorporamos aqui a denominação dada às marchas pelo próprio grupo.

com que os manifestantes se posicionaram publicamente – ou foram convidados a fazê-lo – durante o ato, num contexto de afirmação coletiva da causa.

Para que nossa proposta de análise fosse possível, foi feita uma ampla pesquisa na internet, em *sites* de portais de notícias<sup>30</sup>, *blogs* e *sites* dos grupos parceiros do MFL<sup>31</sup>, no *blog* foralacerda.wordpress<sup>32</sup> (que precedeu o *site* do MFL), em páginas de órgãos oficiais<sup>33</sup>, em *sites* de redes sociais – Facebook e Twitter – e em *sites* de compartilhamento de vídeos – Youtube<sup>34</sup> e Vimeo<sup>35</sup>. Nosso *corpus* também é composto pelo manifesto do MFL<sup>36</sup> e da fala de quatro integrantes do MFL coletadas por entrevistas em profundidade<sup>37</sup>, a fim de levantar questões mais subjetivas e detalhes da organização e atuação do grupo que não são possíveis de elencar apenas a partir do que está disponível na internet. Ainda, as redes sociais digitais utilizadas pelo MFL foram mapeadas e, por questões de adequação e recorte, nos restringimos à página do Føra Lacerda<sup>38</sup> no Facebook. A página, que é atualizada até hoje, mas com menor regularidade, tem sua pertinência como fonte de análise porque foi utilizada intensamente para divulgar e compartilhar as atividades e o posicionamento político do MFL principalmente entre 2011 e 2013.

Os dados com os quais trabalhamos aqui, com exceção das entrevistas, estão publicamente disponíveis na internet e optamos por trabalhar com informações desta natureza pela necessidade de mapear os acontecimentos através daquilo que está acessível a uma grande maioria dos cidadãos belorizontinos, ou seja, com a face pública do MFL, e também por meio da narrativa midiática, posto que as reverberações dos acontecimentos e de suas problemáticas contribuem grandemente para o

<sup>30</sup> Foram consultadas as páginas dos jornais O Tempo, G1, Estado de Minas, UOL, Último Minuto, Folha de São Paulo, Estadão, O Globo, Band, e R7.

<sup>31</sup> Foram consultadas as páginas do SindGuardas, SindRede, Brigadas Populares, Praça Livre BH, Juventude do PSTU Belo Horizonte, Central Sindical e Popular – CSP Conlutas, Comunidade BH em Movimento, Mapeando o Comum, e Diário Liberdade.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://foralacerda.wordpress.com>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

<sup>33</sup> Foram consultadas as páginas do Diário Oficial do Município e da Prefeitura de Belo Horizonte.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/ForaLacerda>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://vimeo.com/user8844613>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

<sup>36</sup> Disponível no Anexo A desta dissertação.

<sup>37</sup> Entrevista concedida por LIMA, C. [mai. 2015]. Entrevistador: Ana Cláudia Inez. Belo Horizonte, 2015. 1 arquivo .mp3 (61 min.).

<sup>37</sup> Entrevista concedida por BONES, G. [mai. 2015]. Entrevistador: Ana Cláudia Inez. Belo Horizonte, 2015. 2 arquivos .mp3 (10 min. e 50 min.).

<sup>37</sup> Entrevista concedida por ALCÂNTARA, F. [mai. 2015]. Entrevistador: Ana Cláudia Inez. Belo Horizonte, 2015. 1 arquivo .mp3 (45 min.).

<sup>37</sup> Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, C. [jun. 2015]. Entrevistador: Ana Cláudia Inez. Belo Horizonte, 2015. 2 arquivos .mp3 (54 min. e 5 min.).

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/Mov.Foralacerda>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

desenvolvimento de um diagnóstico do panorama sociopolítico em que o MFL esteve inserido. O caráter público dos dados está intrinsecamente ligado à questão da visibilidade e do aparecimento desse público mobilizado sob a designação de Movimento Fõra Lacerda, uma vez que os recursos comunicativos empregados estrategicamente buscaram evidenciar a necessidade dos atores de dar-se a ver dentro de um contexto de controvérsias. As informações públicas são fontes ricas para avaliar o desempenho dos públicos nesta empreitada, pois refletem em parte o esforço mobilizador do MFL em buscar maior abrangência (envolvendo outros atores), legitimidade (posicionando-se como ator credível e legítimo na cena pública) e notoriedade (gerando uma referência de ação).

Analisamos, então, a atuação do Fõra Lacerda durante as três marchas a partir da noção de repertórios de ação e performance, apresentadas no capítulo anterior. Para tanto, seis categorias de elementos da performance foram definidas: 1) Data e trajeto – refere-se à escolha do dia e dos espaços públicos para encontro e locomoção, e de como essas escolhas influem na dinâmica da manifestação; 2) Convocação – refere-se aos meios e veículos de comunicação utilizados para convocar sujeitos para a manifestação; 3) Reivindicações e palavras de ordem – relativas aos proferimentos de contestação expressados durante o ato público e aos argumentos expostos durante o ato para justificar e legitimar o protesto; 4) Dramatizações – diz da dramaturgia e das abstrações utilizadas para encenar causas e lançar críticas à gestão da PBH; 5) Recursos estéticos – a) Sonoros/musicais: intenta apontar a musicalidade e os sons presentes no ato enquanto recurso comunicativo, b) gráficos/visuais: remete aos elementos visuais e gráficos utilizados para criar uma identidade coletiva antes, durante e depois do evento; 6) Reverberação – diz do que repercute – e de que maneira repercute – na grande mídia, nos *sites* de redes sociais e ambientes afins sobre o ato após seu término, e da forma com que o MFL se apropria dessa reverberação.

As categorias supracitadas estão diretamente ligadas à existência de duas modalidades de repertórios de ação que ocorrem durante eventos de protesto: os Repertórios de Confronto e os Repertórios de Vinculação. Entendemos que esses repertórios são complementares já que ao mesmo tempo em que os atores presentes nas marchas se colocaram publicamente de forma combativa, provocando e excitando seus membros e, principalmente, seus oponentes, também foram utilizadas durante o evento táticas para mobilizar sujeitos, isto é, ações para fortalecer os vínculos entre os participantes, consolidar a coesão do grupo e engajar novos membros. Assim sendo,

durante nossa análise essas duas visadas permeiam, cada uma à sua maneira, os seis aspectos analíticos que elencamos para esta pesquisa.

A proposta metodológica que descrevemos até aqui pode ser mais bem visualizada através da Tabela 1.

**Tabela 1 – Modelo de análise**

<i>Corpus</i>	Procedimento de análise	
Primeira, Segunda e Terceira Grande Marcha Føra Lacerda; analisadas a partir da coleta de imagens, vídeos e postagens em redes sociais, <i>blogs</i> , <i>sites</i> , e fontes oficiais. E entrevistas com quatro militantes do Movimento Føra Lacerda	Repertórios de Confronto e de Vinculação	Elementos da performance
		Data e trajeto
		Convocação
		Reivindicações e palavras de ordem
		Dramatizações
		Recursos estéticos - sonoros/musicais e gráficos/visuais
		Reverberação

(Fonte: Elaboração própria)

### 3.1. As Grandes Marchas Føra Lacerda

Nesta seção, analisamos as três Grandes Marchas Føra Lacerda perseguindo nosso objetivo de entender a dinâmica de afirmação pública do MFL durante os eventos públicos que o grupo organizou, e aplicando o modelo de análise proposto anteriormente. Para a primeira marcha foram analisados dois vídeos publicados no canal do MFL no Youtube<sup>39</sup>, um vídeo postado no Vimeo<sup>40</sup>, uma página de evento<sup>41</sup> criada no Facebook exclusivamente para a marcha, um *press-release*<sup>42</sup> produzido e divulgado pelo próprio grupo, e quatro matérias<sup>43</sup> divulgadas sobre a marcha na imprensa. Para a

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UI3Myk-0LQU>>. Acesso em 15 de junho 2015.  
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oAr-lbG-ddU>>. Acesso em 15 de junho 2015.

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://vimeo.com/30255634>>. Acesso em 15 de junho de 2015.

<sup>41</sup> Disponível em: <[facebook.com/events/216245445096139](https://facebook.com/events/216245445096139)>. Acesso em 15 de junho de 2015.

<sup>42</sup> Disponível no Anexo B desta dissertação.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mg/em-ato-contra-marcio-lacerda-prefeitura-e-pichada-em-bh/n1597229042034.html>>. Acesso em 15 de junho 2015.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/09/manifestantes-protestam-contra-atual-administracao-municipal-de-bh.html>>. Acesso em 15 de junho 2015.

análise da 2ª Grande Marcha Føra Lacerda, analisamos quatro vídeos postados no canal do MFL no Youtube<sup>44</sup>, um *press-release*<sup>45</sup> compartilhado em *sites* e *blogs*, fotos postadas em caráter público no Facebook<sup>46</sup>, e páginas de grupos sociais parceiros<sup>47</sup>. E para a 3ª Grande Marcha Føra Lacerda analisamos três vídeos<sup>48</sup>, uma carta-convite<sup>49</sup> compartilhada *online* e *offline*, e fotos postadas de forma pública na internet, em plataformas como Facebook<sup>50</sup> e Flickr<sup>51</sup>. Para as três marchas pesquisamos também no Twitter por postagens que mencionassem as marchas antes, durante e depois de suas ocorrências.

### 3.1.1. Data e trajeto

Em um ato público, a ocupação dos espaços públicos e o trajeto percorrido muitas vezes não são frutos de mero acaso. As escolhas de um grupo social sobre o que fazer – e como fazer – são feitas com certo grau de planejamento e esse caráter estratégico aumenta conforme crescem os graus de institucionalização e coesão do grupo. A caminhada por ruas significativas da cidade e a ocupação de praças e prédios importantes, histórica e politicamente, agregam mais apelo simbólico para a causa e permite uma experiência coletiva mais relevante. Como discutimos no capítulo anterior, as demonstrações públicas por vezes buscam um caráter mais espontâneo para alcançar maior visibilidade, e com frequência o fazem ocupando o espaço público de forma abrupta, enquanto outros eventos são mais bem elaborados e planejados. Mas, de toda

---

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/?id=100000458171>>. Acesso em 15 de junho 2015.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/Ly918k>>. Acesso em 15 de junho 2015.

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kmjGjNQuk8U>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=HiJe2c3eqZs>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=keJwcM1qUrs>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=NcpZXoM5v6I>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>45</sup> Disponível no anexo C desta dissertação.

<sup>46</sup> Disponível em: <<facebook.com/DiKartola>> e <<facebook.com/priscilammusa>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://fenet.esy.es/uncategorized/fenet-e-ames-bh-participam-da-2-marcha-fora-lacerda>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://www.ciranda.net/Chuva-futebol-e-Fora-Lacerda?lang=fr>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://tmccartiney.wordpress.com/tag/marcha-fora-lacerda>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>48</sup> Disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BCqou7olKY>> ; <[https://www.youtube.com/watch?v=akf\\_3rGKcxU](https://www.youtube.com/watch?v=akf_3rGKcxU)> e <<https://www.youtube.com/watch?v=ZrVMp0PCR-4>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>49</sup> Disponível no anexo D desta dissertação.

<sup>50</sup> Disponível em: <<facebook.com/DiKartola>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>51</sup> Disponível em: <<flickr.com/photos/casaforadoeixominas>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

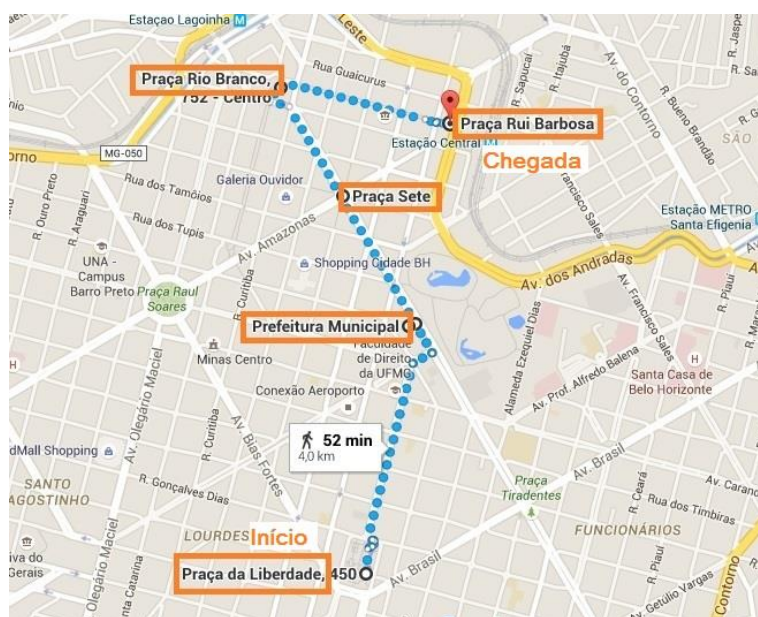


forma, atos que são convocados previamente devem fazer opções pelo local de concentração e pelo trajeto a ser percorrido. E essas escolhas perpassam aspectos legais, como notificar com antecedência os órgãos competentes, como o Corpo de Bombeiros Militar e a Polícia Militar.

No que se refere às marchas Føra Lacerda, o imediatismo foi deixado de lado já que os dias, horários e locais por onde os manifestantes passaram foram definidos *a priori*. Isso se deu pela vontade de convocar o máximo de interessados com certa antecedência, e também para evitar confronto direto com agentes de segurança – os órgãos públicos (Polícia Militar, Corpo de Bombeiros Militar, Guarda Municipal e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte) foram comunicados antecipadamente da ocorrência das marchas e isso configurou, portanto, uma escolha do grupo naquele momento e naquele contexto específicos.

Ocorrida no dia 24 de setembro de 2011, a 1ª Grande Marcha (Fig. 13) percorreu ruas e locais simbólicos em Belo Horizonte, carregando consigo um potencial de experiência coletiva expressivo. E, como veremos, as demais marchas tiveram percursos similares. O grupo reuniu-se para discutir o trajeto levando em conta que eventos realizados aos fins de semana têm maior probabilidade de congregar mais participantes. No caso da primeira marcha, o horário de início também foi pensado a partir disso, já que ao fim da manhã e no início da tarde os comerciários estariam finalizando o expediente de sábado e poderiam se juntar à manifestação.

**Figura 13 – Percurso da 1ª Grande Marcha Føra Lacerda**



(Fonte: Google Maps)

Assim, o início da caminhada foi definido para as 14h aproximadamente, após concentração na Praça da Liberdade, local de alto valor simbólico para os moradores de Belo Horizonte. Além de o nome carregar grande significância, é um local geograficamente central e de fácil acesso, seja de carro ou por transporte público. A praça abriga o Palácio da Liberdade, que até a década de 1970 foi sede do Governo do Estado e foi palco de decisões políticas e sociais que marcaram a história do povo mineiro. Ainda, na época da primeira marcha, havia na praça um relógio que contava regressivamente os dias que faltavam para a abertura da Copa do Mundo FIFA 2014 (à direita da Fig. 14), o que congrega ainda mais simbolismo à manifestação pois parte das reivindicações feitas se relacionavam com as obras e ações da PBH em preparação para o evento (despejos, obras superfaturadas, expulsão de moradores de rua do centro da cidade, etc.).

**Figura 14 – Manifestantes iniciam a caminhada rumo à Prefeitura**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

Durante a concentração houve uma oficina de cartazes enquanto os manifestantes com instrumentos musicais ensaiavam juntos. Os manifestantes iniciaram a descida pela Avenida João Pinheiro, rumo à sede da Prefeitura na Avenida Afonso Pena. Já em frente à sede do Executivo Municipal, houve uma parada para que os sujeitos se manifestassem das mais variadas formas<sup>52</sup>. Houve quem gritasse palavras de ordem, quem afixasse cartazes na porta do prédio (que no momento estava fechado), quem lavasse as escadarias, e quem deixasse sua marca com tinta nas paredes do edifício. De lá seguiram até a Praça da Rodoviária (Praça Rio Branco) e, em direção à Praça da Estação (Praça Rui Barbosa), pela Avenida Santos Dumont. A ideia era percorrer o trajeto de aproximadamente quatro quilômetros chegando à Praça da

<sup>52</sup> Há um vídeo que documentou alguns minutos do momento referenciado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6YvBuCPVi4Y>>. Acesso em 13 de janeiro, 2016.

Estação por volta das 17h e continuar a manifestação com shows e outras programações culturais. A Praça da Estação, por sua vez, é para a cidade e para o grupo um local de grande significado, pois é palco de manifestações culturais diversas e, no contexto do MFL, foi o decreto de proibição de ocupação dessa Praça um elemento importante que favoreceu a articulação do grupo.

Diferentemente da marcha anterior, a 2ª Grande Marcha Føra Lacerda percorreu um trajeto menor (Fig. 16), de pouco menos de dois quilômetros – entre a Praça Sete (Praça Sete de Setembro) e a sede da Prefeitura. Isso se deve em parte pelas condições climáticas na data (choveu muito e durante todo o dia), mas principalmente porque o evento foi planejado em parceria com o COPAC-BH – Comitê Popular dos Atingidos pela Copa 2014. Assim, enquanto o MFL concentrou-se na Praça Sete, a partir das 14h, e se dirigiu à Prefeitura (que se encontra a aproximadamente cinco quarteirões do local de concentração), os membros do COPAC reuniram-se na Praça da Estação e marcharam de encontro aos demais na porta da Prefeitura. Ressaltamos que esta marcha, comparada à primeira, teve participação menos expressiva. Um dos motivos pelos quais isto aconteceu foi que o dia escolhido para sua realização foi 12 de dezembro de 2011, uma data simbólica porque é dia do aniversário da cidade de Belo Horizonte, mas que naquele ano caiu numa segunda-feira. Outro motivo foram as condições meteorológicas, pois choveu muito naquela data o que contribuiu para a dispersão de parte dos manifestantes.

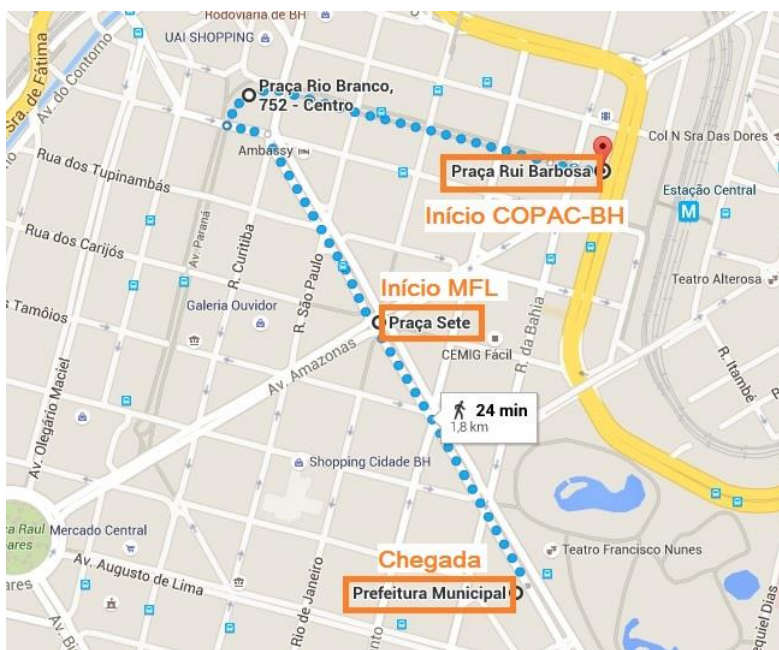
Apesar dos imprevistos, a escolha da data foi pensada para causar impacto. Mesmo sendo uma segunda-feira (sem feriado), o aniversário da cidade é um mote bastante relevante – uma vez que tanto o Føra Lacerda quanto o COPAC buscavam propor uma ideia de cidade mais inclusiva, acessível e participativa – e, por isso, foi tema de vários cartazes exibidos na marcha. (Fig. 15).

**Figura 15 – Cartazes em alusão ao aniversário de Belo Horizonte**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

**Figura 16 – Percurso da 2ª Grande Marcha Føra Lacerda**



(Fonte: Google Maps)

Quase um ano após a 2ª Grande Marcha Føra Lacerda, o terceiro evento foi planejado principalmente devido à proximidade das eleições municipais de 2012. O hiato entre as duas últimas marchas, segundo os membros relataram, se deu porque organizar um ato público deste porte requer muita disponibilidade e energia. E, apesar da pausa de cerca de nove meses entre o segundo e o terceiro evento, o MFL durante este tempo planejou outras ações de rua e esteve presente também em manifestações de grupos sociais parceiros. Porém, com as eleições municipais de 2012 se aproximando, o grupo sentiu que aquele era o momento necessário e oportuno para convocar novamente os cidadãos belorizontinos para marchar coletivamente contra o modelo de política do qual discordavam, pensando na possibilidade – mesmo que pequena – de substituir Márcio Lacerda por alguém mais benéfico para a cidade.

Assim sendo, no dia 1º de setembro de 2012 a 3ª Grande Marcha Føra Lacerda aconteceu seguindo o mesmo percurso do primeiro evento (Fig. 18): concentração na Praça da Liberdade às 11h da manhã e com horário previsto de início da caminhada em direção à Prefeitura às 13h. Em frente à sede da PBH, os manifestantes fizeram uma pausa para restabelecer as energias antes de retomar a caminhada, aproveitando para discutir pautas relevantes para o grupo (Fig. 17). Dali, os manifestantes continuaram na Avenida Afonso Pena rumo à Praça da Estação, parando alguns minutos na Praça Sete.

Figura 17 – Assembleia em frente a sede da PBH



(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

Figura 18 – Percurso da 3ª Grande Marcha Fora Lacerda



(Fonte: Google Maps)

Interessante observar as escolhas do MFL, quanto às datas e aos trajetos, sempre levando em conta certos elementos práticos importantes: maior visibilidade – uma área central da cidade –, aspectos simbólicos do trajeto – a Praça da Liberdade, a sede da PBH, a Praça Sete, e a Praça da Estação –, facilidade de acesso e oportunidade para os membros – grande quantidade de linhas de ônibus que atendem à Praça da Liberdade e há uma estação de metrô ao lado da Praça da Estação –, facilidade de adesão de outros participantes – a escolha do horário na primeira marcha para possibilitar a participação dos comerciários –, menor ou maior probabilidade de confrontação – ao ocupar as ruas

em pleno dia de semana, como aconteceu na segunda marcha, ou ao ocupar as escadarias da PBH, no primeiro evento.

Assim sendo, na primeira marcha o trajeto foi definido em caráter experimental, pensado para contemplar lugares simbólicos da cidade e que, em maior ou menor grau, se relacionam com as diferentes bandeiras levantadas pelos atores sociais ali presentes – uma forma de fortalecer os laços entre os grupos e atores sociais presentes, ressaltando um repertório de vinculação. A segunda marcha, por sua vez, destacou-se pela mudança de itinerário e pela parceria formada com o COPAC-BH – o que reflete uma tentativa de somar forças com outros grupos sociais –, além de ter acontecido numa data carregada de simbolismo. A terceira marcha, por sua vez, repetiu o trajeto da primeira (já que deu mais certo pela adesão maior de pessoas) e foi pensada com foco voltado estritamente para as eleições que ocorreriam no mês seguinte e, de certa forma, teve um caráter próximo de um comício. Apesar de algumas diferenças entre os trajetos e datas, é fato que o MFL decidiu as datas e percursos vislumbrando o contexto e as oportunidades que se apresentavam, e um coeficiente comum em todas elas neste quesito é a parada em frente à sede do executivo municipal – uma forma de colocar-se assertivamente em oposição às decisões que partiam daquele lugar, elencando, portanto, um repertório de confronto.

### 3.1.2. Convocação

As formas de convocação aqui retratadas demonstram as maneiras pelas quais o MFL buscou convocar sujeitos, coletivos e entidades para fazer parte do evento. Buscamos depreender neste aspecto a forma com que o grupo se utilizou de ferramentas comunicativas para legitimar seu esforço de afirmação pública, uma vez que os membros do Føra Lacerda se organizaram em frentes de trabalho em um projeto para convocar pessoas a marchar em conjunto pelas ruas de Belo Horizonte.

A comunicação do grupo para as Grandes Marchas foi marcada pelo entrelaçamento de ferramentas digitais e ações presenciais. Na primeira marcha, o material produzido incluía *flyer* (impresso e eletrônico), dois *teasers* em vídeo, arte gráfica do manifesto do MFL, cartaz estilo lambe-lambe<sup>53</sup>, e um *press-release* sobre o evento. Houve divulgação via Facebook – no compartilhamento de um convite (Fig. 19)

---

<sup>53</sup> Um lambe-lambe é um cartaz com conteúdo artístico e/ou crítico colado em espaços públicos. São afixados com cola feita com polvilho ou farinha mais frequentemente em postes, pontes, lixeiras, e muros.

na página oficial do Forá Lacerda e em páginas de grupos sociais parceiros, e também na criação de um evento na plataforma digital, onde é possível convidar pessoas de fora do círculo de amizades e divulgar informações sobre o evento e sua programação.

As ações presenciais contaram com a distribuição de panfletos, iguais à arte compartilhada na *web*, em pontos estratégicos da cidade (onde havia maior circulação de pessoas nas diversas regionais de Belo Horizonte), e em reuniões e manifestações de parceiros que aconteceram no período próximo à realização da marcha. Um grupo de aproximadamente cinco membros do MFL formou uma assessoria de imprensa para alimentar as redes sociais digitais e divulgar a marcha compartilhando as peças de comunicação. No *flyer* é possível observar que, além da aplicação da identidade visual, o grupo buscava reforçar suas razões para propor a manifestação e ainda sugeria que os interessados levassem objetos, flores e instrumentos musicais.

Figura 19 – Convite para a primeira marcha distribuído *online* e *offline*

**MARCHA FORA LACERDA!**

**Sábado dia 24/09 a partir das 12h na Praça da Liberdade**

- Contra as Parcerias Público Privadas da educação, saúde e cultura.
- Chega de abusos contra a população pobre.
- Chega de vender nossos bens públicos, feiras, ruas e áreas verdes.
- Por uma administração municipal que governe para todos.

Leve um objeto que represente a sua indignação contra os abusos do prefeito para ser deixado na porta da Prefeitura em um ato simbólico contra a administração Lacerda. Pode ser um cobertor velho, como os dos moradores de rua, artesanatos, roupas ou então sal grosso, ervas e flores, para lavar as escadarias e trazer melhores dias pra BH.

Traga instrumentos musicais, coloque seu bloco na rua.

**INFORMAÇÕES: WWW.FORALACERDA.COM**

(Fonte: foralacerda.wordpress.com)

Foram divulgados também dois *teasers* em vídeo convidando para a primeira marcha. O primeiro vídeo<sup>54</sup> trazia um dos membros do Movimento Føra Lacerda discursando em cima de um palco em um festival de música de Belo Horizonte:

As praças não têm cerca, as cercas são um curral. Esta cidade, Lacerda, não é sua! Vinte e quatro de setembro, doze horas, na Praça da Liberdade. Liberdade! [o público se junta ao coro] Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! Liberdade! (O Manifesto. 14 de setembro, 2011. Marcha Fora Lacerda 24 Setembro 2011. Arquivo de vídeo).

O outro vídeo<sup>55</sup> apontava brevemente as razões pelas quais seria interessante juntar-se ao grupo naquela manifestação, apresentando argumentos que citavam, por exemplo, os altos gastos do Executivo municipal com publicidade, o destrato com moradores de rua, os despejos nas ocupações urbanas. Apesar da diferença na abordagem, ambos os vídeos convergem para denotar uma mesma intenção: engajar sujeitos para legitimar a causa do MFL, seja através da razão, seja pela emoção.

A convocação possibilitou a presença de atores e grupos sociais diversos. Alguns deles que foram identificados são: Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte (SindRede-BH), Sindicato Únicos dos Trabalhadores em Educação em Minas Gerais (SindUTE-MG), Sindicato dos Guardas Municipais do Estado de Minas Gerais (SindGuardas-MG), Assembleia Nacional dos Estudantes - Livre! (ANEL), Associação Metropolitana dos Estudantes da grande Belo Horizonte (AMES – BH), Brigadas Populares, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Comitê Popular dos Atingidos pela Copa 2014 em Belo Horizonte (COPAC-BH), Movimento Anarquista Libertário (MAL), ocupações Dandara e Eliana Silva, Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), e os partidos políticos PSOL, PSTU, e PCB.

Para a 2ª Grande Marcha Føra Lacerda, foi confeccionado um convite (Fig. 11) compartilhado por usuários de *sites* de redes sociais e *blogs* parceiros do MFL. O convite traz a imagem de um ícone de Belo Horizonte (o obelisco da Praça Sete de Setembro, popularmente conhecido como “Pirulito da Praça Sete”) ocupado por integrantes do Føra Lacerda durante a marcha anterior. Essa apropriação reflete a vontade de engajar sujeitos para o evento demonstrando a força que o grupo possui, a partir do exemplo da primeira marcha. E muda o foco da identidade visual do MFL –

---

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UI3Myk-0LQU>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oAr-lbG-ddU>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.



como no convite para a primeira marcha, ainda centrado primordialmente na figura de Márcio Lacerda – para o conceito de coletividade que a foto aplicada das pessoas ocupando o obelisco transmite.

Além da criação de um evento através da plataforma do Facebook<sup>56</sup>, um *press-release*<sup>57</sup> mais sucinto foi produzido e distribuído *online* e *offline* – inclusive para as redações dos principais jornais do estado. Apresentamos abaixo trecho do documento:

### **2ª MARCHA FORA LACERDA: BH É NOSSA!**

No dia do aniversário de Belo Horizonte, venha apresentar a sua indignação contra os abusos do Prefeito. Microfone aberto para todos apresentarem suas denúncias. Vamos mostrar o que queremos diferente:

- Por um Metrô público, estatal e de qualidade;
- Contra as Parcerias Público Privadas para a Educação, Saúde e outras;
- Contra o despejo e remoção forçada das Comunidades Dandara, Zilah Spósito e outras;
- Contra a militarização da Guarda Municipal;
- Contra a perseguição a População de Rua e aos Artesãos Nômades;
- Respeito e diálogo com os setores da Juventude e Cultura;
- Por uma administração humanista e que dialogue com todos os setores da sociedade [...] (*Press-release* da 2ª Grande Marcha Fora Lacerda, 2011).

A divulgação dos motivos principais sobre os quais o evento se consolida, possibilita a propagação de mais informação aos interessados – aqueles que também estão descontentes com a gestão municipal, mas ainda não conhecem o MFL – e corrobora a legitimação da causa e, por conseguinte, a realização do evento.

Um vídeo<sup>58</sup> também foi produzido para convidar mais pessoas para a manifestação. Filmado no dia anterior ao evento, o vídeo mostra uma aglomeração de pessoas em uma praça do bairro Santa Tereza preparando-se para o ato público do dia seguinte, e onde também acontecia o ensaio das baterias de blocos de carnaval. Em determinado momento, um participante convoca:

Nós estamos convocando toda a cidade de Belo Horizonte a manifestar-se [...] contra a Prefeitura de Belo Horizonte, contra a atual administração municipal, ao comando do prefeito Sr. Márcio Lacerda, na próxima segunda-feira, dia 12, a partir das 14 horas. Estaremos todos juntos, reunidos e misturados, para derrubar essa administração que não tem servido aos interesses populares e públicos dessa cidade (Fora Lacerda. 16 de dezembro, 2011. 2ª Marcha Fora Lacerda Chamada Orlando. Arquivo de vídeo).

Através da análise visual minuciosa dos vídeos conseguimos identificar que a convocação possibilitou a presença dos seguintes grupos e movimentos sociais: Comitê

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/331952110152883/>>. Acesso em 15 de junho de 2015.

<sup>57</sup> O documento completo está disponível no anexo C desta dissertação

<sup>58</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kmjGjNQuk8U>>. Acesso em 10 de janeiro 2016.

Popular dos Atingidos pela Copa 2014 em Belo Horizonte (COPAC-BH), Associação de Guardas Municipais da Região Metropolitana de Belo Horizonte (ASGUM-RMBH), Sindicato dos Guardas Municipais do Estado de Minas Gerais (SindGuardas-MG), Central Sindical e Popular da Regional de Minas Gerais (CSP Conlutas-MG), Assembleia Nacional dos Estudantes - Livre! (ANEL), Brigadas Populares, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Sindicato dos Eletricitários de Minas Gerais (SindEletro-MG), Movimento Anarquista Libertário (MAL), ocupações Dandara, Eliana Silva e Zilah Spósito, Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), Movimento Luta de Classes, e os partidos políticos PSOL e PSTU.

Na convocação para a terceira marcha, o MFL produziu e compartilhou na *web* uma carta-convite em que expunha seu descontentamento com a gestão de Márcio Lacerda<sup>59</sup> e convidava a todos para juntar-se ao grupo no ato público. Na carta, dentre as razões que justificavam a não reeleição do prefeito estão o fretamento indevido de jatinhos, a tentativa de venda da Rua Musas, os gastos milionários com publicidade e a nomeação do próprio filho para o cargo de presidente do Comitê Executivo do Núcleo de Gestão das Copas em Belo Horizonte. Um trecho da carta convoca os sujeitos a incorporarem a identidade do MFL, através da cor laranja, e deixa clara a vontade de unificar as bandeiras dos diferentes públicos sob uma mesma chancela:

Convidamos a todas as pessoas, grupos, coletivos, movimentos, associações, sindicatos e outras organizações de toda a cidade, dispostas a mostrar sua indignação e lutar pela mudança. [...] É hora de unificar o grito: FORA MARCIO LACERDA! Estamos junt@s em um só grito e em uma só cor. Venha de laranja, essa é a cor da nossa indignação. Vamos alaranjar BH! (Carta-convite para 3ª Grande Marcha Fora Lacerda, 2012).

Por causa da proximidade com as eleições municipais, a carta dizia que todos os partidos políticos eram bem-vindos na manifestação, mas fazia a ressalva de que, para evitar que o evento seja usado por candidatos como meio para propaganda política, não fossem levadas bandeiras, nem outros materiais de apoio a determinado candidato ou partido.

Ressaltamos que nenhuma ação do Movimento foi ou será custeada por políticos. Por isso, frisamos: integrantes de todos os partido são muito bem-vind@s, mas pedimos a colaboração de todos para evitar que essa grande marcha seja confundida com palanque, com lugar de propaganda partidária. Não traga materiais de candidat@s nessa oportunidade! (Carta-convite para 3ª Grande Marcha Fora Lacerda, 2012).

---

<sup>59</sup> Disponível no anexo E desta dissertação.

Outra forma de convocação foi divulgada em forma de vídeo<sup>60</sup>. A publicação trazia imagens das marchas anteriores, e de forma breve convidava a todos para lutar pela cidade, vestidos de laranja, e levar instrumentos musicais, além de donativos – como roupas e cobertores – para serem doados para os moradores da ocupação urbana Eliana Silva.

A carta-convite, de certo modo, conseguiu engajar os sujeitos da forma esperada pelo MFL. A cor laranja era predominante entre os manifestantes e poucas bandeiras puderam ser identificadas em meio à multidão. Alguns dos poucos grupos sociais que conseguimos identificar foram: Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB); Associação Metropolitana dos Estudantes da grande Belo Horizonte (AMES-BH); UJC (União da Juventude Comunista); e a bandeira do movimento LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis Transexuais, e Transgêneros). Entretanto, bandeiras e adesivos dos partidos políticos PCR (Partido Comunista Revolucionário), PSTU e PT estiveram também presentes – na ocasião, este último tinha Patrus Ananias como candidato à prefeitura. Destacamos que, apesar do MFL colocar-se como suprapartidário e não apoiar candidato algum nas eleições, vários membros do grupo eram filiados a partidos políticos de esquerda, e inclusive, uma das candidatas, Maria da Consolação (PSOL), era militante ativa no Føra Lacerda.

Ademais, as formas de convocação que mapeamos denotam o entrelaçamento de ações *online* e *offline*. E isso ressalta que, mesmo com ao avanço da internet e das tecnologias dos aparelhos celulares, as ações presenciais e de interação face a face continuam relevantes na divulgação e compartilhamento de informação. Isso se deve em grande parte ao fato de que os grupos e movimentos sociais criam redes de solidariedade entre si, compartilhando interesses e causas similares, tanto no ambiente virtual quanto no mundo real. Além disso, a crescente dificuldade em identificar os grupos e entidades sociais presentes em cada marcha indica o processo de generalização da causa do MFL, que na terceira marcha mostrou os sujeitos mais incorporados à multidão – como um grupo apenas – e mais difíceis de identificar enquanto grupos de atores sociais independentes. Ou seja, demonstra maior coesão e mais unidade entre seus membros, explicitando o aumento do grau de vinculação entre eles.

Ademais, as formas de convocação também denotam um caráter combativo do MFL. Lançando mão ora de apelos emocionais ora de argumentos racionais, a

---

<sup>60</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=akf\\_3rGKcxU](https://www.youtube.com/watch?v=akf_3rGKcxU)>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

convocação do grupo trazia consigo um fazer comunicativo para burlar a blindagem da grande mídia e abranger o máximo possível de potenciais participantes – principalmente através da internet, em *sites* de redes sociais. E o modo pelo qual se fazia o convite às marchas expressavam também esse potencial de confronto: as falas e expressões mapeadas exprimiam a necessidade de lutar contra o sistema político vigente, enfrentar as injustiças assertivamente, e se impor nesse cenário de disputa de interesses ocupando o espaço público e buscando destacar a relevância da participação popular nas tomadas de decisão municipais.

### 3.1.3. Reivindicações

As reivindicações e palavras de ordem têm um papel fundamental nos atos públicos: permitem que os sujeitos, por meio do discurso e do apelo retórico, possam postular suas demandas publicamente. Elas operam, assim, sob três vieses: 1) como um fator de identificação entre os participantes que, bradando em uníssono, sentem-se parte de algo importante, de um grupo coeso, vivenciando a experiência de ser um público em público; 2) como fator desafiador, denotando uma demonstração de força (de numerosidade e coesão) e também uma provocação, pois frequentemente são usadas para insultar e debochar; 3) como síntese da causa, ou segundo Wood (2000), uma supersimplificação da realidade: os agentes de mudança usualmente adotam discursos na forma de *slogans* e palavras de ordem caracterizados pela objetividade e pela simplicidade, como recurso retórico de síntese para lidar com a complexidade e ambiguidade de suas demandas.

Os argumentos que conseguimos verificar como mais presentes nas falas dos manifestantes das três marchas podem ser classificados em cinco categorias: 1) Causas gerais do MFL; 2) Causas específicas do MFL; 3) Causas que extrapolam o âmbito municipal; 4) Frases de efeito; 5) Ironias.

Na primeira marcha, as reivindicações identificadas a partir da análise de vídeos, de fotos e do convite<sup>61</sup> para o evento referem-se a quatro das categorias supracitadas. Sobre as causas gerais do Føra Lacerda havia cartazes que criticavam as parcerias público-privadas fechadas entre a Prefeitura e empresas, e os gastos com publicidade (Fig. 20). As questões específicas do MFL estavam presentes em reivindicações que

---

<sup>61</sup> O convite será apresentado logo mais, na seção 3.1.2. deste capítulo.

mencionavam as políticas de educação municipais, os impactos negativos das obras para a Copa do Mundo FIFA 2014, e as ocupações urbanas – àquela época, estava em andamento uma disputa jurídica com relação a uma ocupação urbana, a Dandara<sup>62</sup>, e que promoveu grande comoção e mobilização na cidade (Fig. 21).

Também havia cartazes que remetiam às questões mais amplas, que ultrapassavam os meandros da gestão municipal como a despoluição da Lagoa da Pampulha – que é também uma responsabilidade do Governo Estadual. As frases de efeito (Fig. 22) estiveram presentes nos cartazes que citavam a necessidade de que a cidade seja pensada para todos, a pouca abertura do prefeito em travar diálogos e a falta de oportunidades de participação popular nas tomadas de decisão.

Figura 20 – Cartazes afixados nos portões da Prefeitura de Belo Horizonte



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

<sup>62</sup> A Brigada Territorial Ocupação Dandara foi uma iniciativa realizada conjuntamente pelo Fórum de Moradia do Barreiro, as Brigadas Populares e o MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). A ocupação se encontra em um terreno localizado no Bairro Céu Azul, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mais informações vide: “Brigadas Populares e Ocupação Dandara: elementos discursivos para coletivização da causa” (INEZ, 2012).

Figura 21 – Cartazes em favor da ocupação Dandara



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

Figura 22 – Imagem utilizada em vídeo convidando para a 1ª Grande Marcha Fora Lacerda



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Youtube)

Pudemos averiguar pela análise dos vídeos disponíveis na internet sobre a primeira marcha que as frases mais contundentes diziam: “Lacerda, cê tá roubado! Nós tamo junto e misturado!” e “Ei, Lacerda! Seu governo é uma merda!”. O ato de gritar por si só já visa chamar a atenção e ressaltar um discurso e, sobretudo nesta situação específica, buscava salientar que o que estava acontecendo ali era feito em conjunto – a favor de algo que é de interesse de todos –, significando uma congregação de vontades em prol de uma coletividade. Isso reflete, no fim das contas, o aumento do grau de coesão entre os participantes, pois num processo de mobilização, quanto mais coesos maior é a frequência com que as ações destes sujeitos mobilizados venham contribuir para o mesmo fim. Essas palavras de ordem também dizem de uma provocação, afinal esses gritos diziam que Lacerda estava “roubado”, isto é, encrocado, tornando explícita a vontade de confrontação ao lugar de poder que o prefeito ocupava.

No que se refere à 2ª Grande Marcha Fora Lacerda, um mês antes de sua realização Márcio Lacerda deu uma declaração polêmica em que sugeriu que a PBH

fosse “mais babá dos cidadãos”<sup>63</sup>, referindo-se aos problemas causados pelas chuvas à época. O despreparo do político em lidar com o assunto repercutiu nacionalmente. Deste modo, era plausível que a declaração fosse incorporada à manifestação através de faixas e cartazes de forma bastante irônica (Fig. 23).

**Figura 23 – Cartazes ironizam declaração de Márcio Lacerda**



(Fonte: facebook.com/DiKartola)

No que se refere às causas específicas do MFL, as reivindicações contra as obras para a Copa do Mundo FIFA 2014 (Fig. 24) surgiram em grande número, por causa da parceria com o COPAC-BH. Mas também houve aquelas a favor das ocupações urbanas e em alusão à tentativa de venda da Rua Musas (Fig. 25).

**Figura 24 – Cartaz em alusão à Copa do Mundo FIFA 2014**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

<sup>63</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/11/e-vida-diz-prefeito-sobre-estragos-causados-pela-chuva-em-bh.html>> e <<http://noticias.r7.com/minas-gerais/noticias/marcio-lacerda-diz-que-prefeitura-deveria-ter-sido-mais-baba-de-belo-horizontinos-20121116.html>>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.

**Figura 25 – Cartaz em favor dos moradores da Rua Musas**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

As causas mais gerais do MFL também foram apresentadas como, por exemplo, a questão da mobilidade, representada por uma faixa que solicitava a continuidade das obras do metrô em BH (Fig. 26) – que também se encaixa na categoria de causas que extrapolam as responsabilidades do poder municipal, já que as obras do metrô também são de responsabilidade do Governo Federal.

**Figura 26 – Faixa pedindo melhorias no metrô de Belo Horizonte**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

Também surgiram reivindicações mais genéricas em alusão ao poder estadual e ao nacional, com relação a Aécio Neves, ex-governador de Minas Gerais (Fig. 27) – que também se encaixa na categoria de ironia, já que faz um trocadilho com o sobrenome do político – e às obras de construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no norte do Pará (Fig. 28).

**Figura 27 – Cartaz apresenta trocadilho com o nome de Aécio Neves**





(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

**Figura 28 – Cartaz contra a construção da usina de Belo Monte**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

As frases de efeito surgiram em cartazes de caráter mais simbólico, que reforçavam a luta das ocupações urbanas como, por exemplo, a Fig. 29.

**Figura 29 – Cartaz em favor das ocupações urbanas**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Youtube)

Por causa do mau tempo, os registros da 2ª Grande Marcha Fõra Lacerda foram menos numerosos e, portanto, só conseguimos auferir, a partir de trechos curtos de um

vídeo<sup>64</sup> disponível no Youtube, a repetição das palavras de ordem: “Ei, Lacerda! Seu governo é uma merda!”. Essa repetição demonstra a incorporação desta frase como um grito de guerra, pois ela esteve presente em todas as três marchas. Isso diz da criação e manutenção de frases de efeito expressadas pela oralidade como recurso de vinculação e confronto, uma vez que esses *slogans* foram criados para marcar um lugar de fala, fortalecer os laços entre os manifestantes e exprimir um caráter conflitivo. A oralidade, assim sendo, confere aos *slogans* um poder simbólico mais forte: os gritos em uníssono ao mesmo tempo fortalecem o grupo e confrontam o opositor.

Diferentemente das outras marchas, o terceiro evento planejado pelo MFL teve um número menor de reivindicações específicas – voltadas para as demandas de cada público articulado pelo grupo. Ainda havia muito apoio às ocupações urbanas, contra a política habitacional e o risco de despejo constante (Fig. 30), mas a maioria dos cartazes exibidos eram mais gerais com relação às demandas do Fora Lacerda e se dirigiam diretamente ao prefeito e à vontade de que ele não se reelegesse (Fig. 31). Alguns cartazes também mencionavam questões mais amplas, sobre o governo do Estado, na época gerido por Antônio Anastasia.

Figura 30 – Faixa em apoio à ocupação Eliana Silva



(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

<sup>64</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NcpZXoM5v6I>>. Acesso em 2 de fevereiro 2016.

Figura 31 – Cartazes no chão da Praça da Liberdade



(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

Na Figura 31 também podemos identificar algumas frases de efeito, como “Só merda. Fora Lacerda!” e “Sou + BH e – Lacerda”, remetendo a um sentimento de repúdio à figura do prefeito.

No que se refere às palavras de ordem, destacamos a utilização do próprio nome do grupo como grito de guerra: “Fora Lacerda! Fora Lacerda!”. Mas também foi ouvido novamente o grito mais emblemático do grupo: “Ei, Lacerda! Seu governo é uma merda!”.

Esta mudança do padrão das reivindicações e palavras de ordem pode ser entendida pelo contexto em que a marcha aconteceu – a um mês das eleições, o foco voltou-se para a rejeição ao prefeito em exercício, fazendo-se necessário demonstrar publicamente o quanto sua reeleição desagradava uma expressiva parcela da população de BH. Por outro lado, isso pode ser entendido como o aumento do grau de coesão entre os participantes e do fortalecimento da vinculação entre eles – aqueles que antes estavam protestando coletivamente por causas diversas (mas similares), agora se manifestam enquanto grupo em favor de um interesse comum.

O que podemos entender até aqui é que, devido à diversidade de causas que o MFL abarcou, a primeira marcha teve suas atenções voltadas mais para as causas específicas de cada grupo social presente na manifestação. Essa diversidade, na verdade,

mostra que mesmo voltadas para assuntos diferentes – moradia, educação, segurança pública, etc. – a presença dessas pautas num mesmo espaço de visibilidade e no mesmo momento nos faz pensar em como essas causas estavam ali reforçando-se umas às outras – e não em disputa.

No segundo evento, por causa da parceria com o COPAC-BH, havia menções focadas especificamente na Copa do Mundo FIFA 2014, mas também surgiram outras mais genéricas que, direta ou indiretamente, se relacionavam às demais causas do grupo – como os cartazes que se referiam ao Governo do Estado, às obras do metrô e à construção da usina de Belo Monte. Isso remete a uma espécie de reivindicação de oportunidade, já que a construção da usina nada tem a ver com a alçada do prefeito de BH, mas denota o aproveitamento do espaço de visibilidade para expor outras causas dos grupos sociais ali presentes.

Já na terceira marcha, as reivindicações eram quase todas bem generalizadas, voltadas principalmente para a rejeição da reeleição de Márcio Lacerda. Isso mostra o amadurecimento do MFL enquanto grupo, que num primeiro momento agregou diferentes demandas sob um interesse comum – e, com o aumento do grau de coesão entre seus membros, conseguiu generalizar sua causa até determinado ponto em que todos os manifestantes pudessem comungar da uma demanda em conjunto.

Ressaltamos que os argumentos que identificamos em todas as três marchas são relevantes porque formam uma base de justificativa ao movimento e ao próprio evento, e dão concretude às demandas dos atores envolvidos. Também corroboram o caráter conflitivo da marcha, uma vez que essas críticas funcionam como um repertório de confronto ao exporem as fragilidades e criticarem abertamente a gestão de Lacerda. Mas pecam por não demonstrarem uma relação mais direta com o cerne de uma reivindicação – o caráter propositivo que uma reivindicação exige. A dimensão propositiva se perde na multidão de cartazes e frases de efeito. Críticas havia muitas, mas a grande maioria não solicitava assertivamente nenhuma solução concreta – para além da própria realização da marcha e da continuidade do MFL –, muito menos sugeria alternativas efetivas de substituição do modelo de gestão vigente.

#### **3.1.4. Dramatizações**

As dramatizações que apresentamos nesta análise derivam do entendimento de que em um ato de afirmação pública há a necessidade de demonstrar publicamente as

causas pelas quais se luta, o que demanda dos atores sociais o uso do recurso teatral e de atividades lúdicas para exprimir seus sentimentos de luta e injustiça em um esforço de galgar visibilidade e empatia daqueles que participam ou que assistem. Em vista disso, muitas vezes as causas são representadas de forma lúdica e/ou cômica sob um viés dramático, aproximando-se da discussão que desenvolvemos no segundo capítulo sobre performance e teatro político. Ressaltamos que a noção de performance que desenvolvemos neste estudo remete a uma perspectiva mais geral e abrangente – a totalidade do ato público como uma modalidade de performance –, mas neste tópico especificamente estamos analisando elementos performáticos no sentido mais estrito – isto é, as formas de ação visíveis que os manifestantes empregaram para representar suas causas a partir de uma dramaturgia no decorrer das Grandes Marchas Fõra Lacerda.

Durante a fase de planejamento da primeira marcha, as discussões sobre a definição do que conformaria o evento fizeram emergir a ideia de que a própria marcha se configurasse como uma grande performance. Já no convite para o evento percebe-se a natureza performática da manifestação, pois foi solicitado aos participantes que levassem objetos que remetesse às arbitrariedades da gestão de Márcio Lacerda, e àquilo que, segundo as crenças de cada um, não está em confluência com a noção de uma cidade livre, acessível e participativa. Alguns manifestantes foram com os rostos pintados com a cor laranja, remetendo à cor eleita pelo MFL e também à pintura corporal enquanto adorno de guerreiros em vias de combate (Fig. 32).

Outros usaram máscaras. E uma que é bastante simbólica, utilizada com constância em manifestações públicas, é a máscara criada pela *graphic novel* adaptada para o cinema: “V de Vingança”<sup>65</sup> (Fig. 33). Ainda nesta lógica, um dos nomes expressivos do MFL vestiu-se sob o codinome Ezequiel de Oliveira, pois segundo relatos, oportunistas surgiram tentando se aproveitar do grupo durante manifestações anteriores. E, portanto, esse personagem foi pensado com a intenção de provocar e espezinhar os mal-intencionados.

---

<sup>65</sup> V de Vendetta (Reino Unido, 2006). Inspirada no rosto de Guy Fawkes, a máscara foi utilizada pelo protagonista do filme e caiu no gosto popular após um grupo de *hackers*, chamados *Anonymous*, adotar a máscara como seu símbolo. Durante o movimento *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, e em outras manifestações semelhantes ao redor do mundo, a máscara tornou-se conhecida internacionalmente como um símbolo da revolução popular.

**Figura 32 – Manifestante com rosto pintado na 1ª Grande Marcha Føra Lacerda**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

**Figura 33 – Manifestante com máscara inspirada no filme V de Vingança**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

Representantes do SindGuardas-MG (Sindicato dos Guardas Municipais do Estado de Minas Gerais), além de emprestarem um caminhão de som para a marcha, levaram um ataúde para exprimir sua reprovacão à gestão de Lacerda e denotar luto (Fig. 34). Em cima do caixão estão escritos os nomes de alguns Guardas Municipais que foram mortos em serviço.

**Figura 34 – Ataúde levado por integrantes do SindGuardas-MG**



(Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br>)

Na marcha surgiram também cobertores para lembrar os moradores de rua – que estavam sendo retirados à força do centro da cidade –, artesanatos simbolizando a Feira Hípie e os artesãos nômades<sup>66</sup>, capacetes de proteção individual remetendo à classe operária e chicotes, algemas e similares para simbolizar o autoritarismo do poder público municipal. Parte desses objetos foi depositada nos degraus da entrada da Prefeitura quando a marcha por lá passou, representando uma espécie de memorial (Fig. 35). Essa iniciativa remete a uma vigília, a um altar, lembrando algo religioso, espiritual. O que podemos ver nessa representação ritualizada é a vontade de que algo da ordem do divino intervenha no destino daqueles afetados pela gestão de Lacerda. A palavra “saravá” – interjeição nascida da cultura africana – ali presente é na verdade uma saudação, e evoca a força divina da natureza, mas para os leigos remete à esconjuração de mau agouro.

**Figura 35 – Memorial deixado na entrada da Prefeitura de Belo Horizonte**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

Também na entrada da Prefeitura da cidade, alguns manifestantes picharam com *spray* os dizeres “Fora Lacerda” e marcaram as paredes com suas mãos embebidas em tinta verde (Fig. 36). Esse “registro” remete à ideia de intervenção urbana e diz dessa necessidade de marcar o espaço – um prédio público e que deveria ser de acesso fácil

<sup>66</sup> Em 2011, os artesãos nômades e hippies, presentes principalmente na Praça Sete, no hipercentro, vinham sendo abordados por fiscais, que alertavam não ser permitido o comércio de artesanato nas ruas de BH e, com a ajuda de policiais militares, confiscavam produtos e equipamentos de trabalho. Em setembro de 2012, os artesãos foram amparados por uma liminar concedida a pedido da Defensoria Pública de Minas Gerais, que moveu ação civil pública contra a Prefeitura de BH e o Governo Estadual. A ação defendia que devia ser resguardado o “direito fundamental ao livre exercício da cultura”, com base em princípios constitucionais como liberdade de expressão.

para todos –, com várias mãos, trazendo uma denotação coletiva – as mãos que em conjunto reivindicam aquele espaço.

**Figura 36 – Marcas de mãos nas paredes da Prefeitura de Belo Horizonte**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

A marcha contou também com um caminhão pipa em sua comissão de frente, remetendo ao conceito de limpeza social, e pessoas munidas de vassouras, ramos de alecrim, sal grosso e sabão, foram lavando as ruas da cidade durante o percurso (Fig. 37). Essa iniciativa simbólica assemelhou-se ao ritual de lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador, Bahia. A água, as ervas, e o sal grosso remetem à celebração que congrega catolicismo e candomblé buscando a penitência da caminhada, o descarrego das más energias e a unção dos passos dos fiéis em suas jornadas.

**Figura 37 – Manifestantes lavando as ruas da cidade**



(Fonte: <http://noticias.band.uol.com.br/>)

Na chegada ao destino final, as fontes da Praça da Estação estavam ligadas e alguns manifestantes aproveitaram para se banhar (Fig. 38). O banho também possui um



simbolismo forte, porque remete à retirada de impurezas e à leveza. É ainda mais significativa por se tratar de um banho nas fontes de uma praça tão importante para a cidade e que há pouco estava proibida de receber manifestações – como já mencionamos sobre o contexto anterior ao MFL, quando teve início a Praia da Estação. As fontes, inclusive, passaram muitos dias desligadas.

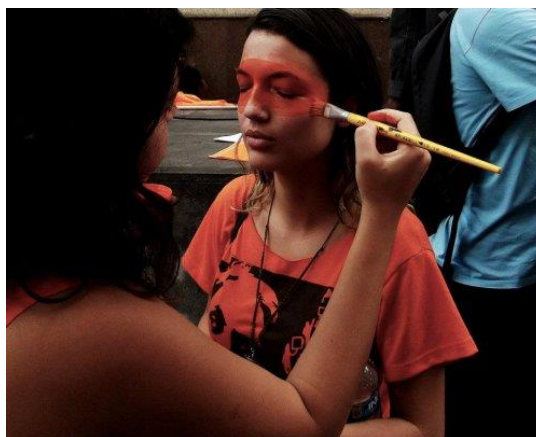
**Figura 38 – Banho nas fontes da Praça da Estação**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

No segundo evento, talvez por causa do mau tempo e da escolha da data para uma segunda-feira que contribuíram para diminuir a quantidade de manifestantes, as representações ocorreram em menor número. Veremos logo mais que, apesar da chuva, os manifestantes encontraram uma forma de apresentar de maneira lúdica uma de suas causas mais pungentes. Repetiram-se os rostos pintados (Fig. 39) e o ataúde trazido pelo SindGuardas-MG (Fig. 40), mas que desta vez levou a encenação a um novo patamar ao apresentar o objeto com uma pessoa deitada dentro dele.

**Figura 39 – Mulher tem rosto pintado durante a 2ª Grande Marcha Fora Lacerda**



(Fonte: [facebook.com/priscilammusa](https://www.facebook.com/priscilammusa))

**Figura 40 – Homem deitado em ataúde levado pelo SindGuardas - MG**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

A 3ª Grande Marcha Fõra Lacerda, se comparada aos eventos anteriores, foi menos teatral e mais carnavalesca. No que tange às representações, além dos rostos pintados, presentes nas marchas antecedentes, havia muitas pessoas fantasiadas com máscaras, roupas coloridas e perucas, como em um bloco de carnaval de rua ou em um baile a fantasia (Fig. 41). Havia também pessoas fantasiadas de palhaços (Fig. 42), vestimenta que de certo modo remete à alegria, à festa e à diversão, mas que também provoca uma reflexão quanto ao papel dos cidadãos mineiros submetidos à gestão de Lacerda.

**Figura 41 – Homem fantasiado de mulher durante a terceira marcha**



(Fonte: facebook.com/DiKartola)

**Figura 42 – Casal fantasiado de palhaço**

(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

Havia, ainda, entre os manifestantes um boneco caricato de Márcio Lacerda com o nariz pintado de vermelho e com a cabeça feita com papel machê (Fig. 43). O boneco faz alusão à tradição católica de malhação de Judas – onde um manequim feito de gesso, espuma ou retalhos de tecido é surrado e queimado nos Sábados de Aleluia, mas de certa forma lembra também os bonecos do carnaval de Olinda ou do interior de Minas Gerais, muito presentes em eventos festivos e carnavalescos. O uso de imagens caricaturais para representar a insatisfação com figuras políticas vem de longa data e perpassa as charges, máscaras de fantasia e, mais recentemente, bonecos infláveis<sup>67</sup>.

**Figura 43 – Homem segura boneco caricato**

(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

---

<sup>67</sup> As manifestações anti-governo e pró-impeachment de 2015 ganharam notoriedade pelo boneco inflável do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, apelidado de Pixuleco. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/09/manifestantes-levam-bonecos-de-lula-e-dilma-para-brasilia-durante-desfile.html>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

Importante destacar que cada marcha trouxe em suas representações elementos do contexto sociopolítico da cidade, incorporando à marcha o descontentamento de um ou mais públicos ali reunidos. No primeiro evento, levaram uma réplica em miniatura de um avião envolto em notas de dinheiro (Fig. 44), em referência à investigação do Ministério Público pelo uso indevido de voos fretados pelo prefeito que estava repercutindo na época.

**Figura 44 – Réplica de avião envolto em dinheiro**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

A segunda marcha, por sua vez, aconteceu no dia do aniversário de Belo Horizonte e os manifestantes levaram um bolo em comemoração e o repartiram entre os presentes (Fig. 45). O bolo ao mesmo tempo em que remete à celebração de uma festividade, também diz do pedido (ao assoprar as velinhas) de mudança, e convida à reflexão sobre o próximo ano da cidade e o modelo de gestão vigente. A distribuição das fatias entre os manifestantes possibilita a materialidade de um sentimento de comunhão entre eles.

**Figura 45 – Distribuição de pedaços do bolo de aniversário**



(Fonte: facebook.com/DiKartola)

Ainda neste evento, por causa das pichações na sede da PBH na primeira marcha e da repercussão negativa gerada, os manifestantes foram mais cautelosos ao se aproximarem do prédio da Prefeitura. Em vez de utilizarem as escadarias e as paredes

para demonstrar seu descontentamento, promoveram uma partida de futebol na pista da avenida em frente ao edifício, com o time do MFL de um lado e o time do COPAC-BH de outro (Fig. 46). A partida foi pensada no contexto da marcha – organizada em parceria com o COPAC – que naquela época travava uma luta contra a PBH para evitar despejos e repensar os impactos das obras para a Copa do Mundo FIFA 2014. Assim, mesmo debaixo de chuva, os participantes jogaram futebol remetendo às ilegalidades nas obras e licitações para o megaevento esportivo. O jogo em si já faz alusão a uma disputa, ao jogo de interesses em que a política brasileira está inserida. De outro modo, o jogo permite a confraternização entre os dois times que, apesar de adversários, jogavam por um mesmo objetivo.

**Figura 46 – Jogo de futebol em frente à PBH**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

O que podemos inferir sobre as dramatizações identificadas nas três marchas é que, à medida que o grupo tornou-se mais coeso, diminuiu a necessidade de se promover representações tão específicas para cada causa. Na primeira marcha, por exemplo, percebemos mais explicitamente essa necessidade de realizar algumas ações e intervenções bem concretas que fornecessem motivações aos manifestantes – para justificar aquele evento naquele momento e criar um espírito coletivo. A evocação de rituais como a lavagem das ruas e o altar na porta da PBH serve, neste caso, como um elemento de agregação e de partilha. A partir do momento em que os membros do grupo passaram a se perceber como um público mobilizado de fato, é que a necessidade de se promover essas representações de forma tão teatralizada e ritualística perdeu força. Na terceira marcha, por exemplo, vemos essa dramatização transformar-se em carnavalização, e a ritualística dar espaço à festa. Isso não significa que a última marcha tenha sido isenta de dramatizações, mas a forma como elas apareceram mudou – não houve uma teatralização tão roteirizada e focada no drama, na injustiça, na peleja, os

sujeitos participaram da marcha incorporados a uma dimensão festiva, e foram convidados a expressar dramaturgicamente o sentimento de divertimento, de deboche e de confraternização.

As maneiras pelas quais foram dramatizadas as causas nas três marchas do MFL também denotam o viés criativo necessário aos grupos sociais. Nos atos públicos, tanto quanto a espontaneidade, a irreverência é valorizada e pode ser um fator fundamental para o sucesso da ação. É a inovação no modo de acionar os repertórios de ação coletiva que causa impacto e dá a eles um caráter surpreendente. Vimos nas três marchas a busca constante por esse elemento de surpresa, e também na mudança de abordagem das dramatizações – do ritual para a festa, com o objetivo de causar espanto, indignação e comoção.

Esses recursos performáticos funcionam, então, como um catalisador dos vínculos entre os atores – através dessas dramatizações é possível vivenciar essa proposta de experiência de ser público em público. Por outro lado, o caráter desafiador das representações também tem papel relevante. É na encenação das causas que os atores sociais conseguem expressar seus sentimentos de injustiça e provocar revolta naqueles que participam e nos que apenas assistem. A dramatização, assim sendo, consegue tornar explícitas as demandas sociais – dão visibilidade àquilo que é apenas vivenciado nas periferias, pelas camadas sociais mais baixas, e em situações específicas de pessoas em risco social, por exemplo. Num primeiro momento as representações eram bem específicas: traziam uma dimensão lúdica, mas evocavam principalmente a ritualística – muito presente nas instituições religiosas. Nas marchas seguintes, percebemos que essa ritualística cada vez mais dá lugar a uma dimensão festiva que, mesmo muito voltada para o festejo, consegue provocar de forma direta o prefeito Márcio Lacerda.

### **3.1.5. Recursos estéticos**

Os recursos que aqui chamamos de estéticos referem-se às produções sonoras e visuais presentes nas marchas organizadas pelo MFL. Subdivididos entre duas categorias – sonoros e gráficos –, estes recursos foram analisados no intento de depreender a maneira com que os manifestantes se apropriam de vozes, sons, melodias, cores, formas, imagens e símbolos para expressar seu descontentamento em relação à PBH e colocar-se publicamente enquanto grupo social.

### a) Sonoros/musicais

No que tange à sonoridade presente na 1ª Grande Marcha Fõra Lacerda, percebemos a grande presença de instrumentos e grupos musicais. Foram convidados para fazer parte do evento artistas circenses da capital mineira, como palhaços, bonecões, malabaristas, e grupos musicais, como bandas, blocos de carnaval e grupos de percussão. O batuque dos tambores (Fig. 47) é, inclusive, algo bastante significativo em uma demonstração pública, porque remete à alegria, ao carnaval, ao samba – dança com raízes africanas que em seus primórdios foi marginalizada e hoje é um dos símbolos do Brasil, internacionalmente reconhecida. Apitos também foram ouvidos, com a intenção de elevar o nível de ruído e causar incômodo, ao mesmo tempo em que se lança o aviso de que algo ou alguém vem chegando e causando alvoroço.

Durante todo o evento, havia um microfone ligado a um carro de som e que era de livre circulação. Assim, todos aqueles interessados em mandar uma mensagem ou reivindicação eram livres para fazê-lo. Como não havia ninguém em cima do carro de som, muito menos alguém responsável pelo microfone, essa proposta visava alavancar o conceito mais horizontal que o grupo propunha desde seu surgimento. Entretanto, não há como afirmar se o uso do microfone realmente funcionou da forma como foi pensada. O que foi relatado quanto à livre circulação do equipamento é que houve um momento em que um cidadão tomou o microfone para discursar contra as atitudes da Polícia Militar nas periferias da cidade, e causou momentos de tensão nos presentes até que tudo fosse esclarecido com os militares que estavam no local.

**Figura 47 – Manifestantes tocam instrumentos durante a primeira marcha**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

Ainda neste quesito sonoro, uma música que foi cantada em coro durante a marcha foi o samba “Vou festejar”, de Beth Carvalho. É bastante utilizada em comemorações e, inclusive, em situações de escárnio aos oponentes derrotados – principalmente entre torcidas de futebol. A música é muito simbólica porque debocha da tristeza do outro, remete a uma traição sofrida e a que, quando a justiça for feita, será vingada.

A música também teve papel importante durante um momento em particular da segunda marcha promovida pelo MFL. Enquanto a manifestação ainda estava na Praça Sete, fez-se uma grande roda em que vários participantes se deram as mãos e cantaram numa ciranda em volta do monumento icônico da praça – o obelisco (Fig. 48): “Oh Dandara, oh Dandara-ó! A nossa luta aqui, vale mais que ouro em pó!”<sup>68</sup>. Este ato fez alusão à ação de despejo das famílias moradoras da Ocupação Dandara, expedida naquele mês. O ato de dar as mãos e cantar em conjunto em favor de uma causa que não competia a todos os públicos envolvidos ali diz muito da aura de solidariedade que congregou os participantes. Outro destaque deste momento é a presença de policiais militares que, apesar de estarem presentes monitorando o evento, não interviram na manifestação em nenhum momento.

**Figura 48 – Ciranda na Praça Sete de Setembro**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Youtube)

Além da presença dos instrumentos de percussão vislumbrados na Figura 47, havia também apitos e um megafone (Fig. 49). O megafone é um aparelho portátil que amplia o som da voz de quem o manuseia. É, então, um objeto que está sempre presente

<sup>68</sup> É possível assistir a alguns instantes deste momento no vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=keJwcM1qUrs>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.



em manifestações públicas porque, além de sua utilidade, tornou-se símbolo que remete à abertura de diálogo, à liberdade de expressão e à amplificação da voz popular.

**Figura 49 – Manifestante com megafone em mãos**



(Fonte: facebook.com/DiKartola)

Assim como na primeira marcha, no segundo evento também foi disponibilizado um microfone ligado a um carro de som para que todos pudessem expressar suas reivindicações (Fig. 50).

**Figura 50 – Homem fala ao microfone**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

Com relação aos recursos sonoros, a terceira marcha repetiu a ciranda dançada em volta do obelisco da Praça Sete e a cantiga em homenagem à ocupação Dandara. Mas o que mais marcou esse evento foram mesmo as canções de deboche – ou gritos de guerra musicados. Acompanhados do som das baterias dos blocos de carnaval e de outros instrumentos musicais, os manifestantes cantarolaram canções provocativas e irônicas, sempre mencionando o nome do prefeito. Uma delas dizia: “Ele pisca quando mente, ele pisca quando mente!”, em referência à característica pessoal de Lacerda de piscar demasiadamente. Outra canção trazia na letra: “Lacerda... nós não gostamos de

você-ê ê ê ê! O bicho pega se eu te ver-ê ê ê ê!”. Logo depois se ouvia: “Ôôô... Lacerda é só caô! Lacerda é só caô!”.

Também cantarolaram em ritmo de marchinha de carnaval: “O Lacerda vai ganhar uma passagem pra sair desse lugar, não é de carro, nem de trem, nem de avião, é algemado no camburão! Ô Lacerda ladrão!”. Em seguida também cantaram: “Afonso Pena doze-doze com Lacerda nunca mais, xô sataná! Xô sataná!”. O endereço citado na letra refere-se ao da Prefeitura, localizada na Avenida Afonso Pena número 1.212.

Ao analisar estes recursos, voltados para a musicalidade e os sons, percebemos que num primeiro momento o grupo buscou se expressar pelo barulho – de tambores, de apitos – como forma de marcar sua presença naquele momento e criar alvoroço. Já na segunda marcha, os sons ganharam uma forma mais concreta com melodias e canções próprias do grupo voltadas para suas causas mais específicas – como no exemplo da ciranda em prol da ocupação Dandara. E no terceiro evento, por seu caráter mais festivo e com o aumento do grau de generalização da causa, o grupo abusou da criatividade e do deboche para criar marchinhas e paródias voltadas estritamente para a sátira à figura do prefeito. Isso mostra um posicionamento conjunto que evoluiu de uma simples agitação para uma cantoria coletiva. E uma mera algazarra – usando sons e instrumentos musicais apenas para fazer barulho – deu lugar à ressonância da zombaria – para a entonação de melodias com o intuito de tripudiar a figura do prefeito<sup>69</sup>.

O deboche e a algazarra têm um papel importante em atos de protesto porque denotam uma dimensão festiva que de certa maneira dita o ritmo do evento – a forma com que os sujeitos devem se comportar, como devem se locomover, o que devem vestir, o que devem cantar. O clima de festa que tomou conta dos manifestantes na terceira marcha possuiu um potencial de congregação interessante e que reforçou o repertório de vinculação entre os participantes. Isso ocorreu porque essa dimensão festiva consegue envolver os sujeitos afetivamente; são as situações de co-presença nas ações de mobilização públicas que permitem o convívio entre atores sociais e possibilitam a formação ou estreitamento de laços entre eles. O caráter satírico dos atos

---

<sup>69</sup> No primeiro capítulo, apresentamos brevemente sobre a vida política de Márcio Lacerda antes de eleger-se prefeito de Belo Horizonte. Mas é preciso que ressaltamos também suas principais características pessoais, pois assim fica mais fácil entender toda rejeição com relação à sua figura. Tido como um homem de forte tino para os negócios, uma das principais críticas a Lacerda é sua gestão pública com características empresariais. Grande parte do criticismo voltado para ele questiona justamente seu modelo de gestão pouco inclusiva, verticalizada e sem canais de diálogo com a população. Com perfil mais reservado, seu despreparo para lidar com a imprensa rendeu várias gafes durante os dois mandatos. Nuances de sua personalidade, como o cabelo sempre penteado com um topete e a mania de piscar mais do que o normal, foram usadas frequentemente em tom de deboche.

públicos também remete a repertórios de confronto que visam provocar opositores ao desmoralizá-los em praça pública, debochando de características pessoais e atos falhos, e também relembando atitudes controversas e fatos desconcertantes do passado.

Além disso, a presença das baterias de blocos de carnaval também aponta um aspecto interessante: o samba, os batuques, o gingado brasileiros são formas de mostrar o sentimento de alegria, de demonstrar que apesar dos pesares estão todos ali juntos e alegres. Mas, no caso do MFL e em Belo Horizonte, a participação desses blocos transborda este aspecto festivo, pois se relaciona diretamente com a retomada do carnaval de rua na cidade. Em 2009 começaram a ganhar forma as iniciativas de reinaugar o carnaval mineiro, pensado para ser feito pelos cidadãos e para os cidadãos. E a maioria dos blocos mais famosos hoje em dia (e que arrastam milhares de foliões pelas ruas de BH, como Então Brilha!, Bloco da Praia, Pula Catraca, Tchanzinho Zona Norte) tem um cunho político muito forte que remete aos repertórios de confronto – no combate à privatização das festas populares, ao preconceito de raça e de orientação sexual, ao esvaziamento dos espaços públicos, à concentração das atividades culturais na região centro-sul da cidade.

#### **b) Gráficos/visuais**

As bandeiras presentes na 1ª Grande Marcha eram bastante diversificadas. Representantes de sindicatos, do movimento LGBTTTT, de partidos de esquerda, e de associações de estudantes refletem uma heterogeneidade de vozes que, ao mesmo tempo retrata uma diversidade de lutas, e também denota uma atividade coletiva que transcende as experiências singulares dos sujeitos. Ao mesmo tempo em que se fez presente essa diversidade de atores, a identidade coletiva foi marcada utilizando-se a cor laranja e a identidade visual criada para o MFL, no convite para o evento, em uma enorme faixa na dianteira da marcha com o escrito: “Fora Lacerda!” (Fig. 51), também nas camisas de cor laranja vendidas antes e durante o evento pelo grupo, adesivos (Fig. 52) colados em mochilas, motocicletas, bonés e afins, e até no relógio da Copa do Mundo FIFA 2014, inaugurado na Praça da Liberdade e patrocinado pela Coca-Cola.

**Figura 51 – Faixa à frente dos manifestantes**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

**Figura 52 – Adesivos colados no relógio da Copa do Mundo FIFA 2014**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

Os diversos cartazes exibidos durante a caminhada e mais aqueles afixados nas portas do prédio da PBH também são uma forma de apresentar graficamente o descontentamento em relação à gestão de Lacerda. E em vários destes cartazes foram apropriados símbolos que remetessem ao próprio MFL (Fig. 53) – como a cor laranja e ao orgulho de ser mineiro – como o uso do grafismo em formato de triângulo presente na bandeira do Estado (Fig. 54).

**Figura 53 – Cartazes afixados na porta da PBH**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

**Figura 54 – Cartaz utilizando o símbolo da bandeira do Estado de Minas Gerais**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Vimeo)

Na segunda marcha, para além das bandeiras do movimento LGBTTTT e de partidos políticos, também havia pessoas empunhando as bandeiras do Brasil e do Estado de Minas Gerais. E o que conseguimos perceber neste quesito visual, se comparado à primeira marcha, é uma progressiva apropriação da identidade visual do MFL. Havia mais pessoas vestindo a camisa do grupo e um número maior de cartazes na cor laranja. Isso demonstra um amadurecimento dos manifestantes enquanto grupo, pois sugere a apropriação da identidade visual como identidade coletiva.

Um estandarte também foi confeccionado com o nome e a cor do MFL (Fig. 55). Outros participantes improvisaram um estandarte com as próprias camisas do Føra Lacerda (Fig. 56). Muito usado em agremiações carnavalescas e esportivas, o estandarte é um insígnia adornada que representa uma nação, população ou grupo. Diferentemente das bandeiras, que são hasteadas, os estandartes são levados por membros do grupo como uma espécie de guia à frente da caminhada. E que, naquele contexto, serviram também como sinalização e orientação para os presentes na marcha.

**Figura 55 – Estandarte do Movimento Føra Lacerda**



(Fonte: [facebook.com/priscilammusa](https://www.facebook.com/priscilammusa))

**Figura 56 – Estandartes improvisados com camisas**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

Também nos cartazes e faixas exibidos durante a marcha é possível perceber esse amadurecimento, pois o discurso que se prega é mais questionador – no sentido de proposta de ação – e mais voltado para a coletividade. Na Fig. 57, vemos que a faixa faz alusão à união do grupo, pois defende uma das causas que o MFL advoga e sugere que, apesar de atuar em diferentes frentes, o grupo está unido por todas elas.

**Figura 57 – Faixa em favor da ocupação Dandara**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

Outro recurso gráfico utilizado foram os cartazes no estilo lambe-lambe. Pensados também como forma de intervenção urbana, vários deles foram colados em postes localizados no decorrer do trajeto da marcha, e (como a Fig. 58 ilustra) traziam fotos de membros do MFL retratados como delinquentes ou fugitivos. As fotos fazem alusão ao sistema de identificação de suspeitos utilizados pela polícia civil brasileira, e sugere que os sujeitos ali retratados, ao desafiarem a gestão do prefeito Márcio Lacerda, passaram a ser vistos como inimigos do Estado.

**Figura 58 – Lambe-lambes em poste durante a segunda marcha**



(Fonte: facebook.com/priscilammusa)

Analisando os recursos gráficos empregados na terceira Grande Marcha F0ra Lacerda, percebemos que durante o evento a identidade visual do MFL foi incorporada mais fortemente pelos manifestantes. A quantidade de camisas laranja é bem maior (Fig. 59), se comparada às marchas precedentes, bem como o uso de adesivos e bandeiras (Figs. 60 e 61) com o escrito “F0ra Lacerda” – todos já com a aplicação da nova identidade visual. O próprio convite para a marcha (Fig. 12) também traz esse viés mais intenso da identidade visual, trazendo a imagem de uma mulher – provavelmente fotografada em uma marcha predecessora – e fazendo uma ligação entre a cor laranja, a camisa do MFL e a nova identidade visual do grupo. O sinal de conjunto vazio presente na arte gráfica do grupo também foi aplicado em outros dizeres, como no cartaz em favor da ocupação Eliana Silva (Fig. 62).

**Figura 59 – Manifestantes descem a Avenida João Pinheiro**



(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

**Figura 60 – Adesivo colado em placa de trânsito durante a terceira marcha**



(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

**Figura 61 – Motociclista segura bandeira do MFL**



(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

**Figura 62 – Manifestante exibe cartaz em prol de ocupação urbana**



(Fonte: facebook.com/DiKartola)

Cartazes com os dizeres “Xô Márcio” (Fig. 63) surgiram nessa marcha, pois segundo relatado, durante sua campanha visando à reeleição, Lacerda passou a usar seu primeiro nome justamente para evitar a associação de sua imagem ao Movimento Fõra Lacerda. Então, o grupo criou esse *slogan* para driblar a tentativa do prefeito de



mascarar seu nome e sua ligação com o MFL. A palavra “xô”, inclusive, é bem significativa porque é uma interjeição que remete ao ato de espantar, enxotar algo que incomoda, chateia ou é perigoso.

**Figura 63 – Cartaz com os dizeres “Xô Márcio”**



(Fonte: facebook.com/DiKartola)

Outro recurso gráfico que surgiu na terceira marcha é uma faixa com os dizeres: “Aqui ninguém vota no Márcio Lacerda” (Fig. 64), junto a um sinal de polegar negativo. A faixa vinha à frente da multidão, ao lado da faixa escrito “Fora Lacerda”. Essa novidade diz muito do crescimento do caráter coletivo da terceira marcha em relação aos eventos antecessores, porque remete à unidade de todas as bandeiras articuladas pelo MFL sob um mesmo interesse que naquele momento focava explicitamente nas eleições por vir; ao mesmo tempo em que afirma que entre aquelas pessoas não há eleitores de Márcio Lacerda, como se aquele espaço naquele momento estivesse imune às campanhas eleitorais do prefeito.

**Figura 64 – Faixas a frente da multidão na 3ª Grande Marcha Fora Lacerda**



(Fonte: *Frame* retirado do vídeo produzido pelo MFL e publicado no Youtube)

Apesar das poucas bandeiras dos grupos sociais participantes, havia uma quantidade significativa de bandeiras de partidos políticos (mais especificamente, do PSTU, do PCB e do PT). Isso se deu especialmente pela proximidade das eleições e,

portanto, esses partidos possuíam candidatos a vereador e/ou a prefeito. De todo modo, as bandeiras destoavam do conjunto de pessoas na manifestação. Como a maioria estava vestida de laranja, as cores dos outros partidos (essencialmente o vermelho e o amarelo) contrastavam do restante do grupo. Assim, percebemos que o uso massivo da cor laranja fortaleceu a identidade coletiva do grupo e evitou que a manifestação fosse associada a partidos políticos.

Além de congregar públicos diversos sob um mesmo interesse coletivo, a terceira marcha conseguiu expandir-se com relação ao número de adeptos e ao grau de coesão entre eles. A Fig. 65 exemplifica como o evento conseguiu angariar a simpatia daqueles que não eram militantes do Movimento Føra Lacerda, mas que compartilhavam com o grupo a vontade de mudança no âmbito da política local. A atitude da mulher ao agitar uma toalha na cor do grupo já indica a forte incorporação da cor laranja a esse movimento de oposição ao Governo Municipal. Isso também denota a força que os atos públicos têm de suscitar manifestações de apoio onde ocorrem. Esses apoiadores por muitas vezes não participam diretamente de um evento de protesto, mas a expressão pública de apoio legitima a importância daquela demonstração pública – isso foi visto repetidamente nas manifestações de 2013: pessoas das janelas de suas casas jogando papel picado, acenando, fazendo barulho, em aprovação ao evento em curso. Assim sendo, esse aspecto traz consigo a potencialidade de legitimação e expansão de uma causa através da empatia – o apoio daqueles que, mesmo não participando, consideram a realização daquele evento relevante.

**Figura 65 – Mulher agita toalha laranja para os manifestantes da janela de casa**



(Fonte: flickr.com/photos/casaforadoeixominas)

Podemos inferir pela análise dos recursos gráficos que a identidade do grupo foi integrada às marchas gradualmente, na medida em que os manifestantes passaram a se perceber menos como uma mera agregação de sujeitos e grupos e mais como uma coletividade, em prol de um mesmo interesse coletivo. E a comparação entre a primeira e a terceira marchas deixa isso evidente.

Os recursos visuais permitem observar a apropriação de símbolos mais genéricos – por exemplo, a bandeira do Brasil e de Minas Gerais – como uma tentativa de generalizar a causa do MFL para além do próprio grupo, e como um problema de interesse público que afeta, direta ou indiretamente, toda a população mineira e também reverbera em âmbito nacional. Do mesmo modo, podemos perceber os sujeitos, que antes se manifestavam a favor de causas diversas, confluídos – evidenciando o aumento da vinculação entre eles – por um mesmo objeto de contestação: Prefeitura de Belo Horizonte sob a gestão de Márcio Lacerda. Assim, todos os sentimentos negativos que aquele modelo de gestão representava – do descaso com os moradores de rua aos problemas administrativos dos guardas municipais – foram condensados na figura do prefeito, que passou a ser explicitamente motivo de escárnio.

Destacamos que o contexto de realização da terceira marcha também corroborou essa evolução de agregação. Os grupos sociais se uniram naquele momento em um esforço de evidenciar que a reeleição de Márcio Lacerda era nociva à cidade. Deste modo, a proximidade das eleições municipais de 2012 podem ter contribuído para o fortalecimento dessa articulação, já que o evento pode ter sido tomado como um último esforço para evitar a manutenção de Lacerda por mais quatro anos à frente da PBH e, portanto, fez com que os grupos sociais se unissem mais. Todavia, as eleições próximas significaram um fator congregador até certo ponto, já que entre os manifestantes não havia um consenso em relação a qual candidato ou partido era o melhor para assumir a gestão municipal de Belo Horizonte no lugar do atual prefeito.

Ademais, as imagens e os sons são elementos importantes para desafiar de diversas formas o poder público municipal, seja através de ironia (nas caricaturas e paródias) ou da crítica propriamente dita (como nos lambe-lambes pregados nos postes). E podem perdurar para além da ocorrência do ato público, por exemplo, as camisetas e as músicas que podem ser utilizadas em outras ocasiões.

### **3.1.6. Reverberação**

Apesar do esforço de dar-se a ver em público, a cobertura dos eventos pela mídia de massa não foi muito expressiva. Sobre a primeira marcha, os portais de notícias Último Segundo<sup>70</sup>, G1<sup>71</sup>, Band UOL<sup>72</sup> e Estado de Minas<sup>73</sup> soltaram notas curtas relatando o ocorrido e, em uma edição do jornal MGTV da Rede Globo Minas, foi veiculada uma reportagem sobre o acontecido já com uma resposta emitida pela assessoria do prefeito<sup>74</sup> que dizia, dentre outras coisas, que Lacerda discordava do posicionamento dos manifestantes e acreditava que o protesto havia sido promovido por adversários políticos. O incidente sobre a pichação nas paredes da Prefeitura também atrapalhou a repercussão da 1ª Grande Marcha Fora Lacerda na grande mídia, pois focou-se especialmente nisso em detrimento de outras atividades que o MFL propôs durante o ato. No fim das contas, o Ministério Público responsabilizou a PBH pelas pichações, uma vez que era de responsabilidade do órgão disponibilizar guardas municipais para salvaguardar o patrimônio público – já que a Prefeitura havia sido notificada com antecedência sobre a realização da marcha.

E as pichações que surgiram nas paredes da Prefeitura após a primeira marcha reverberaram até o segundo evento. Isso porque, durante a segunda manifestação, havia a presença de Guardas Municipais resguardando o prédio do Executivo Municipal, exigência protocolada pelo Ministério Público Estadual. Mas apesar da presença de agentes de segurança no isolamento do prédio, não houve tensão entre manifestantes e guardas.

No dia seguinte à primeira marcha, o *blog* do MFL postou um texto relatando o evento<sup>75</sup> que foi compartilhado por diversas páginas de parceiros do grupo. De autoria de Victor Guimarães, o texto fazia comparações à primavera árabe e ao movimento *Occupy Wall Street*, e iniciava da seguinte forma:

A primavera começou oficialmente ontem no hemisfério sul. Em Belo Horizonte, ela parece ter chegado na tarde de hoje. Depois de muita expectativa e muita mobilização durante as últimas semanas, o grito de Fora

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/mg/em-ato-contra-marcio-lacerda-prefeitura-e-pichada-em-bh/n1597229042034.html>>. Acesso em 15 de junho 2015.

<sup>71</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/09/manifestantes-protestam-contra-atual-administracao-municipal-de-bh.html>>. Acesso em 15 de junho 2015.

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/?id=100000458171>>. Acesso em 15 de junho 2015.

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://goo.gl/Ly9I8k>>. Acesso em 15 de junho 2015.

<sup>74</sup> Após essa nota da assessoria de Lacerda sobre a primeira marcha, sua estratégia principal foi ignorar o MFL por completo. Afora a preocupação de utilizar o primeiro nome durante a campanha eleitoral para desassociá-lo do grupo, o prefeito não fez mudanças significativas em suas ações e buscou não reagir em relação às manifestações. De forma velada, houve tentativas de desqualificar o grupo associando-o a adversários políticos mal intencionados e classificando-o meramente como um grupo de arruaceiros.

<sup>75</sup> Disponível no Anexo C desta dissertação.

Lacerda! finalmente ecoou pelas ruas, casas, prédios públicos e praças da região central da cidade neste sábado. Um conjunto impressionante de grupos e de indivíduos protestava pelos mais variados motivos, mas todos com uma certeza comum: a de que Belo Horizonte não aguenta mais os desmandos da administração do Sr. Empresário Márcio Lacerda (GUIMARÃES, 2011).

Outra forma de reverberar o acontecimento foram as capturas de imagens, tanto em foto quanto em vídeo. Mas principalmente os vídeos ganharam mais destaque. O SindGuardas-MG produziu um vídeo<sup>76</sup> sobre o evento, e vários outros vídeos de manifestantes que estiveram presentes registraram a 1ª Marcha Fora Lacerda. O próprio MFL produziu um vídeo – utilizado aqui como material de análise – trazendo trechos do ato público em diferentes momentos e também depoimentos dos participantes. O vídeo também faz uso de imagens de uma entrevista – concedida por Márcio Lacerda em que ele aparece meditando – para caçoar do político, e ao final traz trechos da reportagem exibida pela Rede Globo Minas sobre a manifestação com uma fala de Lacerda em que ele se contradiz – dando uma resposta à fala do prefeito de que o ato foi planejado por adversários da oposição.

Aproveitou-se também a aglomeração de pessoas e públicos diversos no evento para a coleta de assinaturas para o pedido de impeachment do prefeito. Dias depois, o documento foi entregue ao presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte (CMBH), o vereador Léo Burguês do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Pesquisamos a reverberação das marchas também em *sites* de redes sociais. No Facebook não foi possível coletar dados relevantes sobre os atos, primeiro porque no início desta pesquisa o perfil do MFL foi excluído (restando apenas a página que simplesmente replicava o conteúdo do perfil extinto) e segundo porque a funcionalidade de marcação de *posts* através de *hashtags* só foi inaugurada no Facebook em 2013. No Twitter, entretanto, encontramos dados suficientes para enriquecer a análise sobre a reverberação das marchas. Pesquisamos pela *hashtag* “fora lacerda” (#foralacerda) em um período de tempo de uma semana antes até uma semana depois da realização da primeira marcha – entre 17 e 31 de setembro de 2011. Identificamos cerca de 80 *tweets* em menção ao evento principalmente entre os dias 21 e 29 de setembro, e quase todos eles eram de apoio à marcha (Fig. 66). Apenas uma pessoa se manifestou em desaprovação ao ato, condenando as pichações nas paredes do prédio da Prefeitura (Fig. 67).

---

<sup>76</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=trcJ7dMP8wg>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

Figura 66 – Tweets mencionando positivamente a 1ª Grande Marcha Fora Lacerda



(Fonte: Twitter)

Figura 67 – Tweet em desaprovação à 1ª Grande Marcha Fora Lacerda



(Fonte: Twitter)

Com relação à segunda marcha, os membros do MFL já imaginavam que, por causa da dimensão que o grupo vinha ganhando nos últimos meses, a mídia mineira não cobriria o segundo evento idealizado por eles. Apesar dos esforços do grupo no envio de *press-releases*, nenhuma nota foi escrita nos jornais da capital mineira. Alguns *sites* e *blogs* de atores sociais parceiros, entretanto, escreveram sobre a manifestação, caso da página da Federação Nacional dos Estudantes de Ensino Técnico – FENET<sup>77</sup>, da plataforma colaborativa Ciranda – Comunicação Compartilhada<sup>78</sup>, e do *blog* Lugar Nenhum<sup>79</sup>. Importante destacar que, mesmo com o silêncio da imprensa em Minas Gerais, o MFL conseguiu uma inserção modesta na mídia fora do Estado. Uma matéria<sup>80</sup> discutindo novas iniciativas políticas foi veiculada no jornal O Estado de São Paulo dois dias antes do segundo evento e mencionava o Movimento Fora Lacerda,

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://fenet.esy.es/uncategorized/fenet-e-ames-bh-participam-da-2-marcha-fora-lacerda>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>78</sup> Disponível em: <<https://www.ciranda.net/Chuva-futebol-e-Fora-Lacerda?lang=fr>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://tmccartney.wordpress.com/tag/marcha-fora-lacerda>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,na-politica-atuacao-direta-e-performatica-imp-,809174>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

trazendo inclusive trechos da fala de um dos militantes sobre o caráter festivo que o grupo buscava apresentar publicamente.

Como resposta ao silêncio da mídia massiva, as fotos e os vídeos sobre a marcha seriam uma boa saída. Porém, por causa do mau tempo e do receio de prejuízo material dos equipamentos de filmagem, não houve tantos registros do evento. Os vídeos que utilizamos como referência para a análise da 2ª Grande Marcha Fora Lacerda são bem mais curtos, se comparados aos da marcha anterior, com qualidade baixa de imagem e áudio. Ressaltamos que a edição e tratamento de imagens não foram planejados entre os membros do MFL e não havia uma equipe responsável por fotografar e gravar imagens. Por isso mesmo, nossa tarefa de analisar esses registros se torna ainda mais desafiadora.

E já que o segundo evento foi idealizado em conjunto com o COPAC-BH, aproveitou-se a manifestação em frente à Prefeitura para a entrega de um dossiê elencando todas as arbitrariedades que os atingidos pela Copa estariam sofrendo na gestão de Lacerda. O documento foi entregue e protocolado no mesmo dia.

A reverberação da segunda marcha no Twitter foi muito pouco expressiva: conseguimos mapear aproximadamente 25 *tweets* em menção ao evento. A pesquisa abrangeu os dias 04 e 19 de dezembro de 2011, mas só foram identificados *tweets* remetendo à marcha entre os dias 11 e 13 daquele mês. A maioria absoluta dos *tweets* coletados era em favor do evento e, inclusive, convocavam as pessoas para participar da marcha (Fig. 68). Outras pessoas questionaram o silêncio da imprensa mineira ao não noticiar o evento nos veículos de comunicação (Fig. 69). Porém, algumas poucas pessoas demonstraram sua insatisfação através do *microblog* por causa do congestionamento do trânsito causado pela manifestação e outros expressaram ser contra a atuação do MFL (Fig. 70).

Figura 68 – Tweets positivos mencionando a 2ª Grande Marcha Fora Lacerda



(Fonte: Twitter)

Figura 69 – Tweet questionando a imprensa mineira com relação à 2ª Grande Marcha Fora Lacerda



(Fonte: Twitter)

Figura 70 – Tweet a favor de Márcio Lacerda



(Fonte: Twitter)

Com relação à terceira marcha organizada pelo MFL, novamente o evento foi ignorado pela mídia mineira. Segundo relatos, todos os jornalistas foram orientados a não cobrir a marcha – mas não há evidências concretas de que essa orientação tenha vindo diretamente do gabinete do prefeito. Por outro lado, a cobertura da manifestação



pelos próprios participantes foi maior – as fotos disponíveis na internet são mais numerosas e com mais qualidade.

O vídeo<sup>81</sup> produzido e divulgado pelo Føra Lacerda dias após o evento, como forma de burlar essa blindagem da mídia, é um modo interessante de ressaltar as particularidades e pontos positivos do ato público, pois está mais bem editado, explicitando o clima festivo da marcha e trazendo depoimentos de membros do MFL. O vídeo também faz menção ao fato de que a imprensa mineira ignorou o acontecimento.

Outra maneira que os membros do grupo encontraram de fazer uso da manifestação para propagar suas causas foi a distribuição de exemplares do jornal *Movimenta BH* durante o evento. A publicação, como já apresentamos no primeiro capítulo, tratava de assuntos de interesse da cidade, como política habitacional, mobilidade urbana e cultura.

Apesar do receio dos organizadores no que poderia reverberar com relação à presença de militantes de partidos políticos na terceira marcha – já que a filosofia do grupo prezava por congregar todos aqueles que, direta ou indiretamente, estavam dispostos a manifestar publicamente contra a gestão de Márcio Lacerda –, a presença de pessoas e bandeiras vinculadas a partidos acabou não afetando a manifestação uma vez que o evento não foi associado a nenhum destes partidos.

Os *tweets* sobre o terceiro evento foram numerosos e pudemos identificar cerca de 100 deles. A pesquisa foi feita buscando menções do dia 25 de agosto até o dia 08 de setembro de 2012, mas o pico de atividade no Twitter com relação à terceira marcha foi entre os dias 30 de agosto e 7 de setembro. Uma diferença marcante nessas menções, comparadas às das marchas anteriores, foi a postagem de fotos do evento em tempo real (Fig. 71). A grande maioria dos *tweets* era de apoio à manifestação (Fig. 72) e também continuavam questionando o fato de nada ser noticiado nos veículos de comunicação mineiros (Fig. 73). Em contrapartida, por causa da proximidade com as eleições, surgiram em nossa pesquisa alguns *tweets* explicitamente contrários ao MFL e que foram postados por um usuário denominado “Føra Føra Lacerda” (Fig. 74). Essa organização – que monitorava e debochava constantemente das ações do Movimento Føra Lacerda – já era de conhecimento dos membros do grupo que acreditavam ser composta por pessoas pagas por partidos da coligação que apoiava a recandidatura de Márcio Lacerda.

---

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZrVMp0PCR-4>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

Figura 71 – *Tweetpic* postada em tempo real sobre a 3ª Grande Marcha Fora Lacerda



(Fonte: Twitter)

Figura 72 – *Tweets* em apoio à 3ª Grande Marcha Fora Lacerda



(Fonte: Twitter)



comum aos grupos sociais que ali se movimentavam, uma vez que conseguir cobertura na mídia não é tarefa fácil. Mesmo seguindo o protocolo convencional – enviando *press-releases* e entrando em contato como jornais impressos e emissoras de televisão mineiros – o MFL não conseguiu inserção suficiente na mídia tradicional. Entretanto, no ambiente cibernético, principalmente nos *sites* de redes sociais como Facebook e Twitter, houve maior divulgação das marchas – antes, durante e depois de sua realização. O compartilhamento de postagens em *blogs* (por exemplo, na primeira marcha) e menções em tempo real dos eventos, incluindo fotos (como vimos na terceira marcha), são formas de tentar burlar essa blindagem midiática e reverberar as marchas visando mostrá-la àqueles que não participaram. O ato de compartilhar, por outro lado, também denota um reforço nos laços entre os sujeitos. Os compartilhamentos, os *likes* e os comentários de certo modo legitimam a causa e fortalecem a relevância da participação dos manifestantes naquele evento – é também uma forma de estender e documentar o evento para além do momento de sua ocorrência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As eleições municipais de 2012 enfim chegaram. E Márcio Lacerda conseguiu se reeleger em primeiro turno. Mesmo sabendo que a disputa entre o Movimento Fõra Lacerda e o prefeito fosse assimétrica, os militantes esperavam ao menos que houvesse o segundo turno. Mas não foi o que aconteceu. E por mais quatro anos Lacerda estaria à frente do executivo municipal da capital mineira. Restou então uma dúvida: o que será que aconteceu?

Esta pesquisa desde o início não almejava transpor um desafio tão grande – pra não dizer prepotente. Os meandros da política brasileira, em geral, e da mineira, em particular, são complexos demais para serem desvelados em uma pesquisa de mestrado. Seriam precisos vários anos de estudo para entender apenas uma parcela desse emaranhado de controvérsias que permeiam o contexto sociopolítico atual. Nosso intento inicial era compreender melhor como o MFL se articulou congregando controvérsias específicas relacionadas a diferentes atores e grupos sociais em Belo Horizonte. Com a evolução do estudo, percebemos que em vez de situar o Fõra Lacerda nessa teia problemática, seria mais interessante descobrir um pouco de sua dinâmica mobilizadora, ou seja, de que forma o próprio grupo buscou se afirmar publicamente e, com isso, se destacar no meio da miscelânea.

Precisamos destacar que, apesar do desgaste eleitoral, atualmente é possível perceber a inserção de integrantes do MFL em diversas arenas de discussão coletiva e de reivindicação por melhorias em diferentes setores da capital mineira, sob outras bandeiras e lutando por novas causas. Alguns grupos mobilizados mais recentes em evidência em Belo Horizonte como o que luta pela preservação do Parque Jardim América, o Salve a Mata do Planalto e as ocupações urbanas na região da Mata do Izidoro, contam com a participação de membros do MFL. Há, inclusive, a possibilidade de que o grupo seja retomado, mas sob nova alcunha e com novas diretrizes pensadas a partir da experiência anterior com o Fõra Lacerda. E com o intuito de articular pessoas que queiram pensar novos rumos pra cidade, que queiram discutir o que é o comum, discutir o que é o público, não mais com uma vinculação tão substancial à figura do prefeito.

[...] a gente brinca que andamos hoje pelo subterrâneo, nós não estamos na mídia, não estamos aparecendo, mas toda articulação que foi criada ali, todas as relações que foram criadas elas se mantêm e elas vão se reconfigurando em outros movimentos, de outras formas. [...] Então essas coisas não se

perderam, mas elas estão configuradas na cidade de outras formas (ALCÂNTARA, 2015).

A proximidade das eleições municipais de 2016 traz consigo a potencialidade de provocar nos sujeitos um espírito crítico. O que vem sendo feito pela cidade? O que esperamos, afinal, de nossos representantes? Os modos de participação popular – formais e informais – que existem hoje são suficientes para suprir essas expectativas? Para aqueles que compartilharam interesses em comum com o Føra Lacerda, isso pode ser possível articulando vontades, demandas, atores, bandeiras para promover em Belo Horizonte um novo modo de pensar a cidade.

Ademais, são os modos de aparecimentos dos públicos mobilizados que nos trouxeram até aqui. Interessa-nos, sobretudo, evidenciar que a necessidade de afirmação pública de um público mobilizado é o que rege seu modo de aparecer no mundo. São os repertórios acionados para ganhar maior visibilidade, legitimidade e influência que definem, de certo modo, a imagem pública de um grupo, pois um público se apresenta pelo seu movimento e é assim que ele busca constantemente ser reconhecido. Não obstante, movimentos sociais, menos ou mais institucionalizados, lançam mão de estratégias e táticas comunicativas para de alguma maneira posicionar-se publicamente, apresentando suas causas, demandando soluções e demarcando sua existência para si e para fora.

Assim sendo, passamos a buscar meios de identificar essa dinâmica de movimentação do MFL. E elencamos para nossa empreitada as três Grandes Marchas Føra Lacerda. Esses eventos organizados pelo grupo se mostraram fontes ricas de conteúdo para que pudéssemos entender melhor os pormenores de um processo de mobilização social. Para tanto, buscamos tecer uma discussão sobre a lógica emergente dos públicos que podem se formar antes ou a partir de acontecimentos espontâneos ou planejados, sobre os repertórios de ação e as modalidades de ação coletiva – que são reinterpretados e ressignificados pelos atores sociais ao longo do tempo e podem surgir de acordo com a evolução dos meios de comunicação e das tecnologias de modo geral –, sobre os eventos – enquanto tática mobilizadora –, e as performances – utilizadas em projetos mobilizadores como um recurso para a consolidação da afirmação pública.

Todos os conceitos e perspectivas que vislumbramos em nossa discussão teórica foram igualmente relevantes para o resultado final desta pesquisa. Todavia, ressaltamos a vertente que adotamos para a noção de performance como um fator decisivo no desenvolvimento do modelo analítico. Os estudos de Jeffrey Alexander (2006) e de Ron

Eyerman (2006) nos forneceram embasamento para que pensássemos na dimensão performática que permeia, em menor ou maior grau, as demonstrações públicas de projetos mobilizadores. Foram as considerações destes estudiosos que nos auxiliaram a definir categorias de análise que possibilitassem alcançar nosso objetivo de pesquisa. E a análise do objeto, segundo estas categorias, nos permitiu perceber similaridades e diferenças entre as três marchas realizadas pelo MFL.

A primeira Grande Marcha Føra Lacerda inaugurou a sequência de atos públicos expressivos empreendidos pelo grupo e já de início foi planejada pensando em seu potencial mobilizador. As escolhas quanto à data, ao percurso, aos recursos simbólicos não foram feitas a esmo. Muito pelo contrário, foram pensadas com o intuito de intensificar a campanha de mobilização que o grupo já estava empreendendo ao instaurar pelas ruas da cidade um ato público congregando diferentes atores, entidades e grupos sociais com um interesse em comum: contestar a gestão do prefeito Márcio Lacerda. Neste sentido, o primeiro evento foi numeroso – afinal, as controvérsias desencadeadas pelas ações da Prefeitura não eram poucas – e bem-sucedido, pois abria uma oportunidade para que todos aqueles descontentes com a PBH tivessem um espaço de visibilidade para se posicionarem publicamente. Neste primeiro momento, a marcha serviu para agregar diferentes causas, que foram representadas por meio de performances bem literais, provocativas, e ritualizadas. As atividades promovidas durante o evento serviram para justificar sua ocorrência, dar uma motivação aos participantes, e promover uma sensação de comunhão entre eles. Assim sendo, a primeira marcha configurou-se numa reunião de sujeitos comungando de um sentimento de partilha.

A segunda marcha, por sua vez, foi menor, porém mais carregada de simbolismos. Por causa do mau tempo, em termos numéricos, foi o evento o menos expressivo dos três. Mas em termos simbólicos, foi o mais forte de todos. As escolhas táticas do grupo naquele contexto contribuíram para isso: a realização no dia do aniversário da cidade, a concentração na Praça Sete – que possibilitou a formação de uma ciranda em volta do obelisco –, e a partida de futebol promovida entre o Føra Lacerda e o COPAC-BH. Isso reforça a importância das escolhas dos atores sociais em seus projetos mobilizadores, pois são as táticas adotadas – tanto as previamente planejadas quanto as definidas durante a própria movimentação – que orientam os sujeitos em suas ações e influem no sucesso do processo mobilizador. E essas ações quando vinculadas aos recursos simbólicos – às cores, formas, sons, melodias –

fortalecem os vínculos entre os sujeitos ao passo que desafiam a ordenação rotineira da vida. É a presença dessa simbologia que incentiva a coesão entre os sujeitos, o engajamento de novos membros, a generalização da causa e a provocação aos oponentes. No caso da segunda marcha isso ficou evidente, por exemplo, na ciranda em favor da ocupação Dandara, na pelada em frente ao prédio da PBH, e na confecção de um estandarte. Nesta lógica, a segunda marcha foi marcada pelo seu forte caráter simbólico.

Já a 3ª Grande Marcha Fõra Lacerda, comparada às antecessoras, foi a maior e mais festiva dentre os três eventos, fechando de forma contundente a tríade de atos públicos de protesto organizados pelo MFL. Essa marcha teve uma aura mais carnavalesca, promovida pela utilização de fantasias e de marchinhas, dentre outros elementos. O clima de festejo pode ter ocorrido justamente pela proximidade das eleições municipais de 2012 – e num momento em que o carnaval de rua em Belo Horizonte vinha se fortalecendo enquanto ato político. Além disso, todas as propostas de experiência vivenciadas naquela marcha demonstram uma maturidade maior do Fõra Lacerda enquanto público mobilizado. A incorporação massiva da identidade visual do grupo comprova o fortalecimento dos vínculos entre seus membros, do mesmo modo que implica, até certo ponto, a generalização da causa. Nesse sentido, os manifestantes ali presentes se mostraram mais coesos em relação à causa primordial do grupo: Márcio Lacerda era, para eles, a representação de um modelo de gestão pública equivocado e prejudicial à noção de cidade aberta, acessível e inclusiva. E, portanto, o evento tornou-se palco para um festejo que buscou essencialmente ironizar a imagem do prefeito das mais variadas formas. Essa zombaria estava ainda mais explícita nas letras das paródias cantaroladas durante o cortejo. Sendo assim, o terceiro evento ficou marcado por sua forte dimensão festiva.

Além disso, a análise desenvolvida a partir das categorias elencadas nos apontaram cinco pontos conclusivos deste estudo. O primeiro deles diz do caráter simbólico da rua. Um dos receios que se reforçou com o advento da internet e, mais recentemente, das redes sociais digitais, foi o de que a relação entre as pessoas perdesse seu caráter presencial e, conseqüentemente, os laços interpessoais se enfraquecessem. Todavia, o ambiente virtual facilita a conexão entre pessoas em localidades extremas e o compartilhamento de informação em frações de segundos. No que se refere à mobilização social, o que percebemos hoje em dia é o entrelaçamento de ações *online* e



*offline*, pois mesmo com o surgimento de novas tecnologias de comunicação, são as ações presenciais que dão concretude e coesão a projetos mobilizadores.

E, na última década, as ações presenciais ativistas têm reforçado o caráter simbólico das ruas. Por diversos momentos da história humana, a ocupação de ruas e demais espaços públicos mostrou-se uma tática recorrente para dar visibilidade e legitimidade para reivindicações – seja nas greves durante a revolução industrial, seja nos comícios de sindicatos, ou na redemocratização da política brasileira. Deste modo, ocupar a rua torna-se sinônimo de participação popular. A rua, o espaço público, passa a ser palco de manifestações que, em maior ou menor grau, se apropriam do simbolismo que aquele lugar oferece. Estar na rua é, de certo modo, reivindicar seu lugar – de poder e de fala – enquanto cidadão. Se aquele espaço é público, então ele pertence a todos e deveria ser acessível a todo mundo. E, por ser público, implica um espaço de visibilidade e de disputa.

No que se refere à dinâmica de mobilização do Movimento Føra Lacerda, a rua teve papel de grande relevância. O grupo se articulou a partir de uma controvérsia em torno da proibição de uso de uma praça pública, o que desencadeou uma série de questionamentos quanto ao direito de ocupação de um espaço público pelos cidadãos mineiros. E esse questionamento deu lugar a uma reunião de sujeitos que decidiram se colocar assertivamente em oposição à gestão municipal de forma pública, ocupando as ruas e praças da cidade. Surgiu a Praia da Estação e, logo após, o Føra Lacerda. O MFL não só ocupou um espaço público, como fez dele o palco de suas reivindicações. As marchas que percorreram as avenidas de Belo Horizonte foram um modo de desafiar as determinações da Prefeitura ao mesmo tempo em que possibilitava a afirmação pública como um grupo.

Em segundo lugar, apreendemos nessa pesquisa que as demonstrações públicas são modalidades de ação coletivas eleitas com a finalidade de alavancar um processo mobilizador. Somente quando tornada pública uma mobilização passa a ter a concretude necessária para engajar sujeitos para sua causa. E o evento cria uma oportunidade para que se assista a esse grupo social em ação, ressaltando não só sua movimentação, mas o modo como ele o faz. Os eventos, nesse sentido, são escolhas táticas feitas pelos atores sociais que promovem um certo grau de notoriedade aos projetos mobilizadores. Contudo, destacamos que essas escolhas podem ser feitas com determinada antecedência ou não. Quando um acontecimento espontâneo irrompe no decorrer da vida ordinária, essas escolhas têm que ser tomadas de súbito. O caráter emergencial das

mobilizações, portanto, demanda que os sujeitos definam suas ações durante o processo, no seu próprio movimentar. No caso do MFL, a decisão de se promover não uma, mas três marchas, diz da importância dos atos públicos para fortalecer o processo mobilizador. Os sujeitos presentes nas manifestações foram convidados a não apenas estar em co-presença, mas a compartilhar um momento, um percurso e uma causa em público.

Chegamos, então, ao terceiro ponto desta empreitada: o valor simbólico do ato público. Pensadas não apenas para angariar mais visibilidade ao projeto mobilizador, as demonstrações públicas têm especial significância por promoverem simultaneamente o confronto e a vinculação. Fomentam o conflito por meio de ações provocativas, combativas, excitantes, e incentivam os vínculos a partir de iniciativas que priorizam a experiência e a partilha coletivas. E tudo isso só é possível a partir de vários recursos que são definidos e promovidos entre o momento em que se planeja um ato público e quando ele se realiza. Algumas demonstrações são mais planejadas, outras mais espontâneas – mesmo que haja uma preparação *a priori*, são eventos abertos nos quais podem surgir manifestações espontâneas e, independentemente do grau de espontaneidade ou planejamento, podem variar de acordo com o público que se propõe a participar, com o tipo de adesão que se forma, com a reação dos opositores.

É a imprevisibilidade dos atos públicos que torna o processo mobilizador mais desafiador. A forma que o ato público toma no momento não é possível de se prever com exatidão. E o modo com que o outro lado responde às provocações também não. Entendemos, afinal, que uma demonstração pública possui algo de previsível – os preparativos mínimos para que ela aconteça e as propostas lúdicas definidas para ocorrer durante sua realização –, mas quando tudo tem início os coordenadores não têm mais o controle. No calor do momento são os sujeitos em conjunto que lideram a manifestação e a conduzem ao rumo que desejam naquele momento e contexto específicos.

Todavia, mais do que apenas organizar os atos públicos, os atores sociais devem pensar no que acontece durante sua realização. E é aí que entra o quarto ponto levantado pelo presente estudo: as performances. Durante os eventos de protesto, os sujeitos não apenas caminham sem ordenação. Eles o fazem seguindo um certo *script*, que pode ter sido definido *a priori* – planejado minuciosamente com determinados objetivos em vista –, mas que também são acionados a partir da experiência dos sujeitos. São os chamados repertórios de ação, que conformam uma gama de possibilidades que um grupo social

pode fazer uso para mobilizar vontades de acordo com seus interesses. E esses repertórios estão atrelados às performances, às formas usadas por um grupo para evidenciar sua movimentação. Elas configuram os modos de ação visíveis, as formas que os atores sociais dão a ver o seu movimentar. Têm a ver, portanto, com a maneira com que se dá visibilidade àquela movimentação.

Nessa lógica, as performances são responsáveis por materializar as causas e as demandas dos atores sociais. E o fazem incorporando as reivindicações a recursos simbólicos, como sons, cores, formas, imagens e demais recursos que possam dar concretude à dinâmica de movimentação. No que se refere ao Føra Lacerda, os elementos de performance que identificamos foram responsáveis não só por promover uma visibilidade em caráter público, como simultaneamente proporcionou o aumento da vinculação entre os sujeitos – entre o próprio grupo e em relação a outros públicos – e incitou um clima provocativo – de confrontação aos oponentes e de excitação entre os membros do próprio grupo. Vimos, com isso, como a estética é de extrema importância em um contexto mobilizador. Como ela funciona enquanto meio para evidenciar o cerne do protesto – o drama social –, por meio da encenação, da ritualização, da apropriação de imagens e da ressonância de melodias. Ressaltamos que as performances em atos públicos também têm a ver com o tempo histórico. No contexto do MFL, a conformação dos modos de atuação se relaciona com o surgimento de movimentos ligados à juventude que redefinem repertórios de ação variados em vistas de uma atuação mais espetacularizada, carnavalesca, festiva.

E a renovação desses repertórios de ação também denota algo de tático na movimentação dos atores sociais. Entretanto, aquilo que conseguimos identificar do esquema tático dos atos públicos é apenas uma parte da definição estratégica de um grupo ou movimento social. O que se vê na rua é somente uma parcela visível do planejamento de ação, pois a estratégia de longo prazo nunca é de todo revelada – se é que é de todo concebida. A complexidade dos elementos que se combinam e são acionados para que essas táticas funcionem também carrega consigo certos mistérios. Principalmente porque as motivações por trás dos eventos de protestos podem ser muito diversas – o que pode, inclusive, causar contradições internas. Diferentes interesses podem convergir num determinado momento focalizando uma ação conjunta, e naquele contexto surge um repertório de vinculação que justifica as pessoas estarem juntas ali. Mas isso pode não se sustentar por muito tempo se a gama de atores for muito diversificada. É possível perceber nas táticas as questões envolvidas e os interesses, e

elas podem revelar parte da estratégia de cada um dos sujeitos envolvidos, mas só até certo ponto. Pois, uma vez inseridos em um contexto de jogo de interesses, os atores sociais articulados procuram expressar publicamente algo que têm em comum sem, contudo, revelar todas as suas intenções e toda a sua estratégia.

O quinto e último ponto conclusivo deste estudo tem a ver com a falta de enraizamento político do Føra Lacerda. Dar-se a ver em público é uma condição essencial para um público mobilizado. Entretanto, sem a devida inserção no sistema político o processo mobilizador ganha um caráter efêmero, temporário. É esse enraizamento que possibilita que uma demonstração pública consiga trazer mudanças concretas e, assim, suprir ao menos parte das demandas. Isso pode ser alcançado através de canais de participação formal ou na formação de parcerias com representantes e formadores de opinião, por exemplo. Mas o que acontece na maioria das vezes é uma tentativa de distanciamento da esfera política institucional para evitar qualquer indício ou acusação de parcialidade no projeto de mobilização. É o que ficou explícito na escolha do MFL em não apoiar nenhum candidato durante as eleições municipais de 2012 em Belo Horizonte, o que provocou a falta de polarização política tão necessária em situações similares. Afinal se não o Lacerda, quem?

Nesse sentido, nosso trabalho não buscou oferecer respostas exatas sobre a dinâmica de afirmação pública inerente aos grupos sociais, em uma tentativa de definir e determinar tal processo, mas sim apontar para algumas das lógicas que permeiam os projetos mobilizadores, ampliando a compreensão sobre os mesmos e observando o contorno de múltiplas possibilidades que despontam a partir das ressignificações dos repertórios de ação coletiva. O que apresentamos aqui busca vislumbrar uma parte, ainda que pequena, da dinâmica que se desenvolve dentro da complexidade dos processos de mobilização social. Acreditamos que tais lógicas podem consistir em um ponto de partida para futuras explorações sobre o tema, que permanece aberto em uma pluralidade de aspectos (principalmente no que tange aos diferentes graus de vinculação dos públicos, ao grau de influência desses eventos na opinião pública e à forma com que os sujeitos interpretam as performances). Interessante perceber ainda que algumas das principais perspectivas que trabalhamos sobre a necessidade de afirmação pública dos grupos sociais não estão restritas aos eventos, mas dizem respeito também a um processo mais amplo de mobilização social – e a exploração da interface entre as noções de mobilização de públicos e as ideias trabalhadas sobre a dimensão performática que tangencia esse processo, pode dar origem a profícuos esforços de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Jacqueline. Art in Social Movements: Shantytown Women's Protest in Pinochet's Chile. **Sociological Forum**, v. 17, n.1, 2002, p. 21-56.

ALBUQUERQUE, Carolina Abreu. “EI, POLÍCIA, A PRAIA É UMA DELÍCIA!”: Rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação. 2013, 167f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, 2013.

ANDRADE, Renato B. **Manual de eventos**. Caxias do Sul: EducS, 1999.

ALCÂNTARA, F. Entrevista concedida em maio de 2015. Entrevistador: Ana Cláudia Inez. 1 arquivo .mp3 (45 min.). Belo Horizonte, 2015.

ALEXANDER, Jeffrey. Cultural pragmatics: social performance between ritual and strategy. In: ALEXANDER, J., GIESEN, B., MAST, J. (Org.). **Social Performance: Symbolic Action, Cultural Pragmatics, and Ritual**. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

ALEXANDER, Jeffrey, MAST, Jason. Symbolic action in theory and practice: the cultural pragmatics of symbolic action. In: ALEXANDER, J., GIESEN, B., MAST, J. (Org.). **Social Performance: Symbolic Action, Cultural Pragmatics, and Ritual**. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história da um conceito. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, p. 21-41, 2012.

APTER, David. Politics as theatre: an alternative view of the rationalities of power. In: ALEXANDER, J., GIESEN, B., MAST, J. (Org.). **Social Performance: Symbolic Action, Cultural Pragmatics, and Ritual**. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

AUSLANDER, Philip. **From Acting to Performance: Essays in Modernism and Postmodernism**. London: Routledge, 1997.

BABO-LANÇA, Isabel. O acontecimento e os seus públicos. In: **Comunicação e Sociedade**, vol. 23, 2013, p. 218-235.

BAUMAN, Richard. Performance. In: **International Encyclopedia of Communications**, BARNOUW, E. (Orgs.). New York: Oxford University Press, 1989.

BENNET, W. Lance, SEGERBERG, Alexandra. **The logic of connective action: digital media and the personalization of contentious politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BONES, G. Entrevista concedida em maio de 2015. Entrevistador: Ana Cláudia Inez. 2 arquivos .mp3 (10 min. e 50 min.). Belo Horizonte, 2015.

BRAGA, Clara, SILVA, Daniela, MAFRA, Rennan. Fatores de Identificação em projetos de mobilização social. In: HENRIQUES, M. (Org.). **Comunicação e estratégias de mobilização**. Belo Horizonte: Dom Bosco, 2002.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, abr./maio/jun. 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEWEY, John. **The Public and its Problems**. Ohio: Swallow Press Books, 1954.

DOERR, Nicole. Politicizing Precarity, Producing Visual Dialogues on Migration: Transnational Public Spaces in Social Movements. **Forum Qualitative Social Research**, v. 11, n. 2, 2010.

DOERR, Nicole, MATTONI, Alice, TEUNE, Simon. Visuals in Social Movements. In: DELLA PORTA, D. and DIANI, M. (Orgs.). **Oxford Handbook of Social Movements**, 2014.

DOWBOR, Monika, SZWAKO, José. Respeitável público...: performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Novos estudos**. São Paulo, n. 97, 2013.

ESTEVES, João P. **Sociologia da Comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

EYERMAN, Ron. La praxis cultural de los movimientos sociales. In: GÜELL, P. I. & TEJERINA, B. (Org.) **Colección Estructuras y Procesos**. Serie Ciências Sociais. Madri: Trotta, 1998.

EYERMAN, Ron. Performing opposition or, how social movements move. In: ALEXANDER, J., GIESEN, B., MAST, J. (Org.). **Social Performance: Symbolic Action, Cultural Pragmatics, and Ritual**. Nova York: Cambridge University Press, 2006.

FRANÇA, Vera. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana. **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 39-51.

FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**. V. 6, n. 2, 2008.

FRITH, Simon. Towards an aesthetic of popular music. In: McLARY, S & LEPPERT, R. (Org.) **Music and Society: the politics of composition, performance and reception**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

GIACAGLIA, Maria Cecília. **Organização de Eventos: Teoria e Prática**. São Paulo: Cengage Learning, 2003.

GIÁCOMO, Cristina. **Tudo acaba em festa**. Evento, líder de opinião, motivação e público. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

GUIMARÃES, Victor. O dia que Belo Horizonte acordou. [Blog] **Fora Lacerda**, 24 set. 2011. Disponível em: <<https://foralacerda.wordpress.com/2011/09/24/o-dia-em-que-belo-horizonte-acordou/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2015.

HALFMANN, Drew, YOUNG, Michael. War pictures: The grotesque as mobilizing tactic. **Mobilization**, v. 15, n. 1, 2010, p 1-24.

HENRIQUES, Márcio S. et al. (Orgs.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

HENRIQUES, Márcio S. Ativismo, movimentos sociais e relações públicas. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling, KUNSCH, Waldemar Luiz. **Relações Públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e mobilização social na prática de polícia comunitária**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. A comunicação e a condição pública dos processos de mobilização social. **Ação Midiática–Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, v.1, n. 3, 2012.

\_\_\_\_\_. Promoção do interesse e projeção da experiência: a formação dos públicos na interação com as organizações. In: **III Colóquio em Imagem e Sociabilidade**, Belo Horizonte, Anais... Belo Horizonte, 2014.

\_\_\_\_\_. A mobilização no contexto das manifestações sociais: considerações sobre dinâmicas e processos comunicativos na ação coletiva. In: FOSSÁ, Ivete M. T. (org.). **Da expressão pública à comunicação midiática: perspectivas teóricas e empíricas a partir das manifestações sociais**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2015.

HOWELL, Jayne. Beauty, Beasts, and Burlas: Imagery of Resistance in Southern Mexico. **Latin American Perspectives**, v. 39, n. 3, 2012, p 27-50.

IKEDA, Alberto T. Música, política e ideologia: algumas considerações. **@rquivo@** - Revista Eletrônica da Pós-Graduação do IA – Unesp. São Paulo, n. 1, 2007.

JASPER, James. **The Art of Moral Protest**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

JORDAN, Tim. **Activism! Direct Action, Hacktivism and the future of society**. Londres: Reaktion Books, 2004.

KRIESI, Hanspeter. **Charles Tilly: Contentious Performances, Campaigns and Social Movements**. *Swiss Political Science Review*, v. 15, n. 2, p. 341-349, 2009.

KUNSCH, Margarida M. K. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus, 2003.

LANA, Lígia C. C.; FRANÇA, Renné O. Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, **E-compós**, Brasília, v.11, n.3, set./dez. 2008.

LIMA, C. Entrevista concedida em maio de 2015. Entrevistador: Ana Cláudia Inez. 1 arquivo .mp3 (61 min.). Belo Horizonte, 2015.

MAFRA, Rennan L. M. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação**: mídia, comunicação estratégica e mobilização social. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MAHEIRIE, Kátia. Música popular, estilo estético e identidade coletiva. **Psicologia Política**, v. 2, n. 3, p. 39-54, 2002.

McADAM, Doug, TARROW, Sidney, TILLY, Charles. **Dynamics of Contention**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MARQUES, Ângela S. Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. **Discursos Fotográficos**, v. 10, p. 61-86, 2014.

MATTONI, Alice. **Serpica Naro and the others**. The social media experience in the Italian precarious workers struggles. Portal, v. 5, n. 2, 2008.

MATTONI, Alice. In: CAMMAERTS, B., MATTONI, A., McCURDY, P. (Orgs.). **Mediation and Protest Movements**. Bristol: Intellect, 2013.

MATTONI, Alice, DOERR, Nicole. Images within the Precarity Movement in Italy. **Feminist Review**, 2007, p. 130-135.

MEAD, George H. **The philosophy of the Present**. LaSalle Illinois: Open Court, 1932, p. 1-31.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? **Lua Nova**, São Paulo, n. 17, jun. 1989. p. 49-65.

MITCHELL, William. **Picture theory: Essays on verbal and visual representation**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

OLZAK, Susan. **Analysis of Events in Studies of Collective Action**. Annual Review of Sociology, n. 14, 1989.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

QUERÉ, Louis. Le public comme forme et comme modalité de experience. In: CEFAL, Daniel; PASQUIER, Dominique. **Les sens du public**. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.



QUERÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **Aux bords du politique**. Paris: Gallimard, 2004.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHECHNER, Richard. What is performance studies anyway?. In: LANE, J. & PHELAN, P. (Orgs.). **The ends of performance**. New York: New York University Press, 1998, p. 357-362.

SILVA, Daniel R. **O astroturfing como um processo comunicativo**: a manifestação de um público simulado, a mobilização de públicos e as lógicas de influência na opinião pública. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2013.

STREEBY, Shelley. **Radical Sensations: World Movements, Violence, and Visual Culture**. Durham: Duke University Press, 2013.

TAYLOR, Verta, VAN DYKE, Nella. Get up, stand up: Tactical Repertoires of Social Movements. In: SNOW, D., SOULE, S., KRIESI, H (Orgs.). **The Blackwell Companion to Social Movements**. Blackwell publishing, 2004.

TILLY, Charles. **From Mobilization to Revolution**. Reading Mass: Addison Wesley, 1978.

TILLY, Charles. **Regimes and Repertoires**. Chicago: The Chicago University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contentious Performances**. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

WEBER, Maria Helena. **O espetáculo político-midiático e a partição de poderes** (texto para debate). 2007. Disponível em: <[http://www.unifra.br/professores/viviane/Artigo\\_Maria%20Helena%20Weber\\_prosul.pdf](http://www.unifra.br/professores/viviane/Artigo_Maria%20Helena%20Weber_prosul.pdf)>. Acesso em: 10 de jan. 2016.

WOOD, Thomaz Jr. Organizações de Simbolismo Intensivo. **RAE - Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 4, n. 1, p. 20-28, 2000.

### *Sites*

Band: <http://noticias.band.uol.com.br/>. Acesso em: 03 de junho de 2015.

Blog Movimento Føra Lacerda: <https://foralacerda.wordpress.com/>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

Câmara Municipal de Belo Horizonte: <http://www.cmbh.mg.gov.br/>. Acesso em: 04 de junho de 2015.

Ciranda Internacional da Comunicação Compartilhada: <https://www.ciranda.net>. Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

Dicionário Michaelis: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 10 de fevereiro 2016.

Estado de Minas: <http://www.em.com.br/>. Acesso em: 04 de junho de 2015.

Estado de São Paulo: <http://www.estadao.com.br/>. Acesso em: 03 de junho de 2015.

Facebook Movimento Fõra Lacerda: <https://www.facebook.com/Mov.Foralacerda>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

FENET – Federação Nacional dos Estudantes do Ensino Técnico: <http://fenetbrasil.blogspot.com.br/>. Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

*Flickr*: <https://flickr.com>. Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 03 de junho de 2015.

G1: <http://g1.globo.com/minas-gerais/>. Acesso em: 03 de junho de 2015.

Hoje em Dia: <http://www.hojeemdia.com.br/>. Acesso em: 04 de junho de 2015.

Jornal do Belvedere: <http://jornaldobelvedere.com.br/>. Acesso em: 04 de junho de 2015.

O Tempo: <http://www.otempo.com.br/cidades/>. Acesso em: 03 de junho de 2015.

Praça Livre BH: <https://pracalivrebh.wordpress.com/>. Acesso em: 03 de junho de 2015.

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte: [www.pbh.gov.br/](http://www.pbh.gov.br/). Acesso em: 04 de junho de 2015.

SindGuardas-MG: <http://sindguardas-mg.blogspot.com.br/>. Acesso em: 06 de junho de 2015.

SindRede-MG: <http://www.redebh.com.br/>. Acesso em: 06 de junho de 2015.

Twitter: <https://twitter.com/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2016.

Último segundo: <https://ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

Vimeo: <https://vimeo.com>. Acesso em: 10 de junho de 2015.

Wayback Machine:  
[http://web.archive.org/web/20130515000000\\*/http://www.foralacerda.com/](http://web.archive.org/web/20130515000000*/http://www.foralacerda.com/). Acesso em: 04 de junho de 2015.

Youtube: <https://youtube.com>. Acesso em: 10 de junho de 2015.

## APÊNDICE

### Apêndice A – Roteiro de entrevista semiestruturada

**Nome:**

**Idade:**

**Nível de escolaridade:**

**Função no MFL?**

**Há quanto tempo é membro do MFL?**

**Era de algum movimento antes do MFL?**

**Quais foram suas motivações para participar do MFL? Como se inseriu, como ficou sabendo?**

#### **História**

Data de início:

Principais fundadores:

Motivos que levaram ao surgimento do MFL:

Breve histórico:

Quais eram os objetivos no início? Quais são os objetivos agora?

Quais eram os principais objetivos na época das eleições municipais de 2012? Qual era a expectativa do MFL?

A partir do resultado desta eleição, os objetivos foram redefinidos? O que mudou?

Como se desenvolve o planejamento de ações do MFL? Há um documento?

Quais as próximas ações do MFL?

#### **Estrutura**

O MFL tem sede própria? Endereço? CNPJ?

Número estimado de membros?

Qual o organograma do MFL?

Como se dá o processo decisório? Isso mudou desde a criação?

Recursos disponíveis/infraestrutura (de pessoal, financeiro, etc.)

Valores e normas que regem o posicionamento do MFL

#### **Comunicação**

Como surgiu a identidade visual?

Canais oficiais de comunicação (interna e externa)

Quais as principais ações de comunicação para alcançar visibilidade para a causa?

Quando foram criados o perfil e a página no Facebook? Qual foi a motivação?  
Quem é responsável pela atualização das redes sociais digitais? Como é definido o que será postado?

### **Públicos**

Quais os movimentos/grupos sociais que são parceiros do MFL? E empresas, ONGs, mídia?

Quais foram as principais ações para mobilizar novos membros/públicos? Como foram definidas?

Houve um planejamento estratégico?

Quais eram os principais públicos de interesse do MFL quando da criação? Quais os principais públicos à época das eleições municipais de 2012? Quais os principais públicos de interesse agora?

Qual a sua percepção sobre quem participa (não necessariamente só dos membros)?

Como você caracterizaria os simpatizantes da causa?

Há diferentes níveis de atuação/vinculação dos membros?

Como é o relacionamento do MFL com o poder público (PBH, CMBH)? Há representação institucional? Como é a inserção do movimento dentro destes canais de participação mais formal?

Existem forças (grupos) explicitamente contrárias ao MFL?

Qual a relação do MFL com a Turma do Lacerda?

## ANEXOS

## Anexo A – Manifesto do Movimento Forã Lacerda

**Carta aos Belorizontinos!**

Márcio Lacerda foi apresentado à população de BH nas eleições de 2008 por Aécio Neves (PSDB) e Fernando Pimentel (PT), contrariando suas relações partidárias, adversárias, e qualquer coerência política. Diante da falta de opção, pois os outros candidatos não apresentaram proposta de governo relevante, Lacerda foi eleito. O que aconteceu em seguida foi surpreendente: programas sociais foram suspensos ou reduzidos, sem avaliar a sua importância para a população. Assim, a Secretaria de Abastecimento foi dilacerada e programas de Segurança Alimentar finalizados. Além de desestruturar diversos programas sociais, Lacerda quer implantar Parcerias Público Privadas (PPPs) para a Saúde, a Educação e a Cultura em BH. A terceirização de serviços básicos vai deixar a população a mercê de empresas privadas e sem nenhuma garantia de qualidade e nem a quem reclamar. São tantas as medidas descabidas que vamos apresentá-las em tópicos:

- Nomeação do próprio filho, Tiago Lacerda, para a direção do Comitê Local de Organização da Copa 2014, responsável pela administração de milhões de reais e de interesses de empresas públicas e privadas;
- Gastos de 876 mil reais em aluguel de jatinhos particulares, para deslocamento pelo país em reuniões com empresários;
- Venda da Rua Musas, no Bairro Santa Lúcia, para a construção de um Hotel para a Copa 2014;
- Lançamento de Edital excludente para a Feira Hippie, na tentativa de retirar artesãos tradicionais e substituí-los por ONGs e empresas do relacionamento do Prefeito;
- Mudança da classificação de tráfego das ruas Albita, Bernardo Figueiredo, Ouro Fino, Opala, Oliveira e Cobre, no Bairro Cruzeiro, para viabilizar a construção de um grande shopping onde é atualmente o Mercado Distrital;
- Lançamento das PPPs da saúde e educação – o que ainda podemos barrar –, que transferem para a iniciativa privada a construção, a manutenção, a limpeza e a segurança de escolas e centros de saúde;
- Aumento dos gastos com publicidade de 4 milhões em 2010, para 32 milhões em 2011;
- Desapropriação inexplicada do Campo do Santa Tereza, que há mais de 30 anos serve à comunidade e que agora a PBH quer vender;
- Obras realizadas sem a previsão de impacto nas regiões da Savassi e da Av. Pedro I;
- Loteamento da Mata dos Werneck – uma das poucas áreas verdes da cidade –, para a construção de hotéis para a Copa, enquanto a população que vive no quilombo que lá existe é ameaçada de perder seu espaço conquistado há mais de 100 anos;
- Intransigência na negociação com as comunidades Dandara, Camilo Torres, Irmã Doroty e Torres Gêmeas, que sofrem pressão e ameaças para desocupar áreas abandonadas que ocuparam, sem que a Prefeitura apresente proposta de indenização ou moradia para as famílias;
- Perseguição aos moradores de rua e artesãos nômades, recolhendo seus pertences, documentos, roupas e cobertores, na tentativa de impedir a circulação destes no centro da cidade;
- Reforma do Teatro Francisco Nunes prometida em campanha para ser concluída em 2009 – mas que não foi sequer começada;
- Decreto proibindo a realização de eventos na Praça da Estação, depois substituído por outro que cobra pelo uso e exige segurança, limpeza e cerca particular para a Praça, medida que permite apenas que grandes empresas possam realizar eventos na Praça da Estação;
- Cancelamento do FIT 2010, que só foi realizado depois de forte pressão dos artistas.

As arbitrariedades da administração Lacerda variam em dois sentidos. O primeiro é a exclusão popular: irregularidades no Orçamento Participativo, inoperância ou inexistência dos Conselhos Municipais e nenhum diálogo com a população. O segundo sentido é o elitismo: favorecimento de empresas e grandes empresários em detrimento da população.

O MOVIMENTO FORA LACERDA surgiu da indignação de várias pessoas com a administração atual e da possibilidade de repetição da candidatura de Lacerda. O Movimento é independente, apartidário e solidário aos diversos movimentos de enfrentamento aos desmandos do prefeito. Nossa visão é antineoliberal, por uma administração humanista, inclusiva e com a participação popular. Além de não estarmos ligados a nenhum partido político, rejeitamos qualquer proposta de utilizar este Movimento em prol de algum futuro candidato à Prefeitura. A independência do MOVIMENTO FORA LACERDA é uma forma de demonstrar como a sociedade civil organizada pode influenciar e alterar os cursos políticos de uma cidade marcada por uma administração elitista, excludente e aversa à participação popular. Convidamos a população a levantar suas insatisfações em relação à administração Márcio Lacerda e a se unir ao MOVIMENTO FORA LACERDA. Somos muitos, estamos juntos e queremos uma BH mais humana e integrada.

**MOVIMENTO FORA LACERDA! - WWW.FORALACERDA.COM**

MOVIMENTOS APOIADORES: [www.feirahippie.com](http://www.feirahippie.com) - [www.pracalivrebh.wordpress.com](http://www.pracalivrebh.wordpress.com) - [www.atengidoscopa2014.wordpress.com](http://www.atengidoscopa2014.wordpress.com) - [www.salveamusas.com.br](http://www.salveamusas.com.br)

## **Anexo B – Release sobre a 1ª Marcha Fora Lacerda**

Serviço:

Marcha Fora Lacerda

Dia 24 de setembro, às 12h, na Praça da Liberdade.

Trajetória: Praça da Liberdade, Prefeitura, Praça Sete, Praça da Rodoviária, Praça da Estação.

Nos primeiros meses do ano surgiram vários espaços nas redes sociais, páginas no Facebook, blogs, criticando e contestando a administração do prefeito Márcio Lacerda em Belo Horizonte. Com inspirações diferentes e denunciando questões diversas – venda de ruas, venda de áreas verdes, licitação excludente para a Feira Hippie, perseguição aos artesãos nômades e à população de rua, obras para a Copa sem planejamento e garantia de retorno para a cidade, falta de diálogo com as ocupações e os movimentos sociais, entre outros –, esses espaços, além de registrarem a indignação da população da cidade, também clamavam por uma reação popular apartidária.

Em meados de julho esses movimentos começaram a se unir em um Movimento denominado inicialmente Impeachment do Márcio Lacerda, em seguida, Movimento Fora Lacerda. Unidos, os cidadãos procuravam meios de provar a improbidade administrativa e assim poder retirar o prefeito do poder de forma Constitucional. Sem apoio de nenhum vereador, a tentativa de impeachment foi ficando cada vez mais difícil, mesmo com provas concretas de improbidade administrativa. Como foi o caso do edital para a Feira Hippie claramente direcionado para retirar artesãos tradicionais e favorecer interesses escusos.

Com um número crescente de adeptos e simpatizantes, inclusive organizações civis independentes, trazendo a cada dia novas informações sobre os desacertos da administração Municipal, o movimento foi ganhando força.

Diante do cenário eleitoral que se aproxima, em que a provável reeleição do Prefeito já é articulada por partidos apoiadores, o movimento entendeu que é hora de agir e conscientizar a população da administração desastrosa e do jogo político de cartas

marcadas que se anuncia. Os gastos de 32 milhões em publicidade só no ano de 2011 são um indicador de que a administração municipal se prepara para as eleições.

A Marcha Fora Lacerda quer sensibilizar os partidos apoiadores e a população em geral contra uma administração que prioriza o capital em detrimento do amparo à população. Contra as PPPs que se anunciam para a saúde, educação e cultura, contra a perseguição da população de rua e por uma administração humanista e que dialogue com os diversos movimentos sociais da cidade. É hora de dar um basta ao jogo político armado para favorecer empresários e políticos ligados a grandes empreendimentos que vêm lesar a cidade em seu plano de urbanização, que hoje se encontra parado junto ao Governo do Estado para aprovação, enquanto obras agressivas e sem planejamento de impacto vêm sendo erguidas em toda a cidade.

Durante a manifestação será realizada uma ação bem humorada e de denúncia dos abusos da administração Lacerda. Manifestantes levarão objetos relacionados aos diversos segmentos afetados pela má administração para serem ofertados na porta da Prefeitura em um ritual simbólico de limpeza. Cobertores e roupas velhas, simbolizando a perseguição à população de rua; artesanato, para lembrar a perseguição aos artesãos nômades e à Feira Hippie; aviões de papel, para lembrar os aluguéis de jatinhos particulares; anúncios publicitários, em referência aos gastos abusivos com publicidade em 2011, serão depositados na porta da Prefeitura para uma lavagem com sal grosso e alecrim. Esperamos assim trazer novos ares para a nossa cidade e mais humanismo para a administração municipal.

Por uma cidade mais humana e inclusiva, contra a administração elitista e mercantilista, que tenta higienizar a cidade marginalizando a população de rua e os movimentos sociais.

Site do movimento: <http://www.foralacerda.com/>

Evento no Facebook: <https://www.facebook.com/event.php?eid=216245445096139>

Teaser da Marcha: <http://www.youtube.com/watch?v=UI3Myk-0LQU>

Movimentos apoiadores:

<http://feirahippie.com/>

<http://atingidoscopa2014.wordpress.com/>

<http://www.salveamusas.com.br/>

<http://matadoplanalto.blogspot.com/>

<http://pracalivrebh.wordpress.com/>



## **Anexo C – Texto publicado no blog do MFL após a 1ª Grande Marcha**

### **O dia em que Belo Horizonte acordou**

Publicado em 24/09/2011 por Carlos Soares

#### *Marcha Fora Lacerda reúne multidão nas ruas da capital*

Victor Guimarães

A primavera começou oficialmente ontem no hemisfério sul. Em Belo Horizonte, ela parece ter chegado na tarde de hoje. Depois de muita expectativa e muita mobilização durante as últimas semanas, o grito de Fora Lacerda! finalmente ecoou pelas ruas, casas, prédios públicos e praças da região central da cidade neste sábado. Um conjunto impressionante de grupos e de indivíduos protestava pelos mais variados motivos, mas todos com uma certeza comum: a de que Belo Horizonte não agüenta mais os desmandos da administração do Sr. Empresário Márcio Lacerda.

Éramos muitos. Segundo o jornal O Tempo, 300. De acordo com o Estado de Minas, cerca de 250. Para o portal G1, 200. O curioso dos números dissonantes é que todos citam a mesma fonte: a Polícia Militar. A mesma que nos disse, já no fim da tarde e no último destino, que seríamos cerca de 500. Para qualquer um que tenha olhado com atenção para as avenidas pelas quais passamos – ou até para alguma das imagens que já pululam na Internet –, éramos certamente mais de 2.000.

Na Praça da Liberdade, a partir das 12h, os cartazes começaram a ser preparados e os gogós aquecidos. Pouco depois das 14h, descemos a Av. João Pinheiro, e fomos aplaudidos pelos alunos e professores da Escola Estadual Afonso Pena. A comissão de frente lavava a cidade com água, muito sal grosso e alecrim, num ato simbólico para descarregar tudo de ruim que vem sendo provocado nesses últimos anos pela administração Lacerda. Mais atrás, integrantes de vários grupos musicais e dos blocos carnavalescos da capital ditavam a cadência. Abrindo e fechando o cortejo, dois carros de som levavam microfones abertos para os protestos dos manifestantes.

Já na Av. Afonso Pena, em frente à Prefeitura Municipal, falamos calmamente sobre todos os motivos pelos quais marchamos, enquanto despachávamos os objetos que representam os absurdos da conduta do Sr. Empresário: cobertores, artesanato, jatinhos de papel. Em bom belorizontês, um grito de guerra se destacava das dezenas de outros, e expressava bem o espírito da manifestação:

Lacerda, cê tá roubado! Nós tamo junto e misturado!

E foi seguindo essa postura de heterogeneidade e mistura saudável que o Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Rede Pública Municipal de Belo Horizonte (SindRede/BH) gritou contra o massacre da população de rua. Os moradores de rua pediram condições minimamente dignas para os professores da educação infantil da capital. A Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre! (ANEL) clamou por uma guarda municipal mais humana. O Sindicato dos Guardas Municipais do Estado de Minas Gerais (Sindguardas MG) manifestou sua solidariedade à juventude da cidade. O Movimento Anarquista Libertário (MAL) protestou contra a total falta de negociação e as ameaças de despejo nas ocupações urbanas. As dezenas de moradores da Comunidade Dandara manifestaram sua resistência e seu desejo de liberdade. Os integrantes do movimento Salve a Rua Musas denunciaram os despejos de famílias para a construção de obras para a Copa do Mundo. O Comitê dos Atingidos Pela Copa lembrou que a Rua Musas e a Mata do Planalto fazem parte do mesmo processo de venda sistemática de espaços públicos Belo Horizonte afora. As Brigadas Populares, os moradores do Bairro Planalto, o Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação em Minas Gerais (Sind-UTE/MG), os expositores da Feira Hippie, os vários indivíduos, grupos, partidos e movimentos – citados ou não neste texto – presentes na caminhada gritaram por suas demandas, mas também pelas dos outros.

Muita gente fez questão de ressaltar as semelhanças inescapáveis entre Lacerda e Anastasia. Outros, de denunciar o machismo, a homofobia, o racismo, a criminalização dos movimentos sociais, o predomínio das elites nas políticas públicas. Teve até quem lembrasse – com muita razão – das outras primaveras mundo afora, conectando Belo Horizonte com Londres, Praça da Estação com Praça Tahir, Afonso Pena com Wall Street.

Na Praça Sete, as camisetas laranja dos integrantes do movimento coloriam o centro da cidade. Na Praça Da Rodoviária, distribuimos panfletos para uma população receptiva e aberta às idéias dos manifestantes. Seguindo a Av. Santos Dumont, protestamos contra as PPPs da saúde e da educação, contra o autoritarismo, contra a situação do transporte público. Aqueles que esperavam o ônibus – provavelmente lotado – ouviam e liam com atenção.

Na chegada à Praça da Estação, o tempo seco e o calor já eram insuportáveis, mas estávamos no lugar certo. Os músicos fizeram mais música, alguém usou o microfone para pedir a alguém da Prefeitura que ligasse a fonte. Felizmente, nem todos os funcionários seguem a cartilha de Lacerda: quando menos se esperava, um anônimo fez a água jorrar. A alegria da praça transformada em praia encerrou um belo e inesquecível dia.

Cada um com sua voz, cada rosto com sua alegria, manifestamos nossos desacordos e nossos desejos de mudança. Em comum, a certeza de que a administração Lacerda reúne desmandos suficientes para que a rejeitemos com gritos cada vez mais altos – e com passeatas cada vez mais populosas. Em comum, desejos simples, mas cada dia mais ignorados por aqui: respeito, diálogo, liberdade. Em comum, a tentativa de encontrar, ainda, nesses tempos tão difíceis, uma possibilidade de viver em comum nessa cidade – ainda – administrada por esse senhor que quer fazer dela algo mais parecido com um curral.

Em tempo: Ironicamente, depois de protestos no Facebook e enquanto esta matéria estava sendo escrita, o jornal Estado de Minas publicou uma nova matéria em seu *site*, citando novos números – e a mesma fonte. De acordo com os novos “dados”, éramos 2.000.

## **Anexo D – Texto do *flyer* convidando para a 2ª Marcha Fora Lacerda**

### **2ª MARCHA FORA LACERDA: BH É NOSSA!**

No dia do aniversário de Belo Horizonte, venha apresentar a sua indignação contra os abusos do Prefeito. Microfone aberto para todos apresentarem suas denúncias. Vamos mostrar o que queremos diferente:

- Por um Metrô público, estatal e de qualidade;
- Contra as Parcerias Público Privadas para a Educação, Saúde e outras;
- Contra o despejo e remoção forçada das Comunidades Dandara, Zilah Spósito e outras;
- Contra a militarização da Guarda Municipal;
- Contra a perseguição a População de Rua e aos Artesãos Nômades;
- Respeito e diálogo com os setores da Juventude e Cultura;
- Por uma administração humanista e que dialogue com todos os setores da sociedade.

Maiores informações: [www.foralacerda.com](http://www.foralacerda.com)

Movimentos apoiadores:

Artesãos da Feira Hippie de BH - [www.feirahippie.com](http://www.feirahippie.com)

Praia da Estação - [www.pracalivrebh.wordpress.com](http://www.pracalivrebh.wordpress.com)

Comitê Popular dos Atingidos Pela Copa 2014 – BH

[www.atingidoscopa2014.wordpress.com](http://www.atingidoscopa2014.wordpress.com)

Sind-Guardas - <http://sindguardas-mg.blogspot.com>

Comunidade Dandara - <http://ocupaçãodandara.blogspot.com>

Brigadas Populares - <http://agenciabrigadista.blogspot.com>

Movimento Pró-Metrô Estatal, Público e de Qualidade.

## Anexo E – Carta-convite para a 3ª Marcha Fora Lacerda



Movimento Fora Lacerda  
contato@foralacerda.com

**01 DE SETEMBRO - SÁBADO**

Concentração a partir das 11h, na Praça da Liberdade.  
Saída às 13h, rumo à Prefeitura de Belo Horizonte.

### **3ª GRANDE MARCHA FORA LACERDA**

#### **Por uma Vitória da Cidade**

O que fez um ilustre desconhecido se tornar o prefeito de BH? Não foi sorte, competência ou compromisso com a cidade. Muito pelo contrário: foi um jogo sujo de interesses pessoais e econômicos.

Chegando ao final do seu mandato, Marcio Lacerda deixa um governo marcado por indiferença, falta de diálogo com a sociedade e privilégio de empresas ligadas à especulação imobiliária. Nós, do Movimento Fora Lacerda, somos contra essa forma de fazer e pensar a política da cidade. Por isso, marchamos contra a reeleição desse candidato!

A maioria absoluta da população não sabe o que realmente acontece na administração de Lacerda, porque a Prefeitura se tornou uma máquina para falsear e maquiagem resultados. Milhões e milhões de reais são investidos em propagandas mentirosas!

Você sabia que o prefeito Marcio gastou cerca de 130 MILHÕES DE REAIS de dinheiro público em propaganda desde o início do seu governo? Só em 2012 os gastos com publicidade já somam 30 milhões de reais, quase 10 milhões a mais do que se investiu em obras do Orçamento Participativo.

Marcio Lacerda é o prefeito que está citado no processo do mensalão, que colocou o próprio filho para cuidar da Copa do Mundo, que fretou jatinhos com dinheiro da Prefeitura, vendeu matas e ruas da cidade, rifou a cultura, cercou praças, instalou pedras antimendigo debaixo de viadutos, reduziu os horários dos ônibus, militarizou a guarda municipal, sucateou o Orçamento Participativo, privatizou a saúde e a educação, fechou ruas para fazer obras sem consultar moradores e comerciantes dos bairros, prometeu hospital, prometeu metrô, prometeu diálogo, ignorou movimentos sociais, ignorou a juventude, desalojou comunidades na base da porrada, não resolveu o problema das enchentes nem o problema do trânsito, fez piorar o transporte público. Marcio governa para poucos, de forma excludente e autoritária.

Convidamos a todas as pessoas, grupos, coletivos, movimentos, associações, sindicatos e outras organizações de toda a cidade, dispostas a mostrar sua indignação e lutar pela mudança. Todos @s militantes, de qualquer partido ou de partido nenhum, insatisfeit@s com o atual prefeito serão bem-vind@s. Anarquistas e adept@s do voto nulo também.

É hora de unificar o grito: FORA, MARCIO LACERDA!

Estamos junt@s em um só grito e uma só cor. Venha de laranja, essa é a cor da nossa indignação. Vamos alaranjar BH!

Ressaltamos que nenhuma ação do Movimento foi ou será custeada por políticos. Por isso, frisamos: integrantes de todos os partidos são muito bem-vind@s, mas pedimos a colaboração de tod@s para evitar que essa grande marcha seja confundida com palanque, com lugar de propaganda partidária. Não traga materiais de candidat@s nessa oportunidade! Traga instrumentos musicais, adereços diversos, cartazes com dizeres contra o Marcio... Traga pessoas, muitas, de toda parte!

Mais informações sobre a cidade estão disponíveis no Movimenta BH - informativo do Movimento Fora Lacerda, [movimentabh.com] e também no nosso site! [foralacerda.com]

O Fora Lacerda é um movimento da sociedade civil, suprapartidário, horizontal, aberto e voluntário, que unifica insatisfações de milhares de cidadãs e cidadãos de Belo Horizonte que são solidários ou sofrem na pele, e no dia a dia os desmandos da atual gestão de Marcio Lacerda, prefeito de Belo Horizonte.